



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
BACHARELADO EM LETRAS – TRADUÇÃO – FRANCÊS

VALENTINA MACIEL BOSCHETI LEITE

**Traduzir “Traduction et violence” de Tiphaine Samoyault:
uma escrita tradutória de um texto filosófico**

Brasília

2023

VALENTINA MACIEL BOSCHETI LEITE

**Traduzir “Traduction et violence” de Tiphaine Samoyault:
uma escrita tradutória de um texto filosófico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Instituto de Letras
como exigência parcial à obtenção do título de
Bacharel em Letras – Tradução – Francês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alice Maria de Araújo
Ferreira

Brasília
2023

VALENTINA MACIEL BOSCHETI LEITE

**Traduzir “Traduction et violence” de Tiphaine Samoyault:
uma escrita tradutória de um texto filosófico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como exigência parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradução – Francês.

Data da defesa: 28 de julho de 2023.

Prof.^a. Dr.^a. Alice Maria de Araújo Ferreira
Universidade de Brasília – UnB (POSTRAD)
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a Clarissa Prado Marini
Universidade de Brasília – UnB (LEA-MSI)

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho
Universidade de Brasília – UnB (POSTRAD)

Brasília
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Adriana, a quem devo tanto: teus abraços longos, tua intuição profunda (que também é um pouco a minha) e teu amor incondicional foram o combustível e incentivo para continuar estudando; e ao meu irmão, Vittorio, minha maior inspiração, aonde sempre vou buscar abrigo e para onde olho quando penso que estou perdida – é pra lá que eu vou, que bom é ter irmão estrela-guia. Amo tanto vocês. Obrigada, sempre.

Agradeço ao meu amor e companheiro, Alex. Com carinho infinito, fazendo cafés da manhã recheados de olhares gentis, fez ressoar em mim esperança e me acompanhou durante todas as fases deste trabalho, me ajudou a alinhar emoções, e, com cuidado, tornou tudo mais leve. E, claro, à Luiza, minha irmã de alma, minha pessoa nessa vida, que há 13 anos me instiga a ser melhor e mais eu, que me ensina a não ter medo (mesmo quando temos). Sem essas duas pessoas, este trabalho não teria se concretizado. Também agradeço com todo meu coração à Louise, minha melhor amiga da faculdade que virou da vida, por todo esse percurso que fizemos juntas; ao Diego, amizade que trouxe tanto de volta pra minha vida, e à Marina, que me inspira.

Por último, deixo aqui toda a minha gratidão, sincera admiração e carinho sem fim às professoras que me acompanharam (visto que, por sorte, tive uma formação quase que totalmente feminina): à Alice Ferreira, primeiramente, por me inspirar a seguir os caminhos teóricos que eu me interessava, e pelo olhar atento que desde o segundo semestre da faculdade me orienta, me acompanha, me sabe e me ensina. Encontrá-la tão cedo no curso foi como me deparar com o meu futuro. À Sabine Gorovitz, Germana Henriques e Clarissa Prado Marini que, com suas aulas, me ensinaram tanto que nem imaginam. Assim como Adriana de Fátima, Ana Cláudia da Silva, Fabrícia Wallace, Regina Dalcastagnè e tantas outras professoras que me deram a minha base literária e crítica para chegar até aqui. Cito também Dionei Moreira e Eclair Almeida, outros professores que me marcaram na minha graduação. Penso muito também no meu professor de filosofia do ensino médio, Edir Vieira, que viu meus olhos brilhando enquanto eu fazia infindáveis perguntas e, depois da aula acabar, me sorriu de canto e me sussurrou quase que um presságio. Falou do meu espírito curioso, atento. Me viu por dentro e disse coisas que ressoaram como: “caminha em frente, Valentina.”

amar um livro pelo que ele guarda de ilegível

amar uma palavra pelo que nela se apaga

[da noite, da ilegibilidade]

curar-se de uma língua assim: dizendo palavras. como no coração o sopro de nascença
cicatrizava ao correr do sangue

[o sopro de nascença]

mar becker (sal, 2021)

RESUMO

O presente trabalho é um ensaio feito a partir de uma proposta de escrita tradutória do capítulo quatro do livro “*Traduction et violence*” (2020) de Tiphaine Samoyault, que explora o processo de tradução como uma forma de violência simbólica (dividida em violência interna e externa ao ato tradutivo), destacando suas implicações políticas e éticas. A partir da intertextualidade inerente ao trabalho (*traduzir* um texto filosófico sobre *tradução*); da indeterminação de gêneros entre o discurso filosófico e o discurso literário, desafiando a separação hermética entre filosofia e literatura proposta por Márcio Seligmann-Silva e de uma noção de arqueologia de conceitos que faz ecoar a pluralidade, fomos amparados pelo horizonte teórico do próprio livro da autora, assim como o de Henri Meschonnic, Antoine Berman, Walter Benjamin e Jacques Derrida. Por meio de um diálogo com esses filósofos e teóricos da tradução, tendo como acompanhamento da prática o Caderno da Tradutora, lugar de registro do fazer tradutório, propusemos a presente tradução, abordada como um oceano da alteridade, levando à uma espécie de renúncia das categorias de identidade e navegando nas lacunas e limitações da linguagem.

Palavras-chave: Escrita tradutória; Tradução e violência; Caderno de tradução; Estudos da tradução; Filosofia da Tradução.

RÉSUMÉ

Cette étude est un essai fait à partir d'une proposition de traduction du chapitre quatre du livre de Tiphaine Samoyault « *Traduction et violence* » (2020), qui explore le processus de traduction comme une forme de violence symbolique (qu'elle divise en violence interne et externe à l'acte de traduction), en soulignant ses implications politiques et éthiques. En nous appuyant sur l'intertextualité inhérente à l'œuvre (traduire un texte philosophique sur la traduction) ; partant de l'indétermination des genres entre le discours philosophique et le discours littéraire, qui remet en cause la séparation hermétique entre philosophie et littérature proposée par Márcio Seligmann-Silva, et d'une notion d'archéologie des concepts qui fait écho à la pluralité, ce projet s'est nourri de l'horizon théorique du livre-même de Samoyault, ainsi que des théories d'Henri Meschonnic, d'Antoine Berman, de Walter Benjamin et de Jacques Derrida. A travers un dialogue avec ces philosophes et théoriciens de la traduction et en accompagnant la pratique par le cahier de la traductrice, où on a enregistré le processus de traduction, nous avons proposé la présente traduction, abordée comme un océan d'altérité, conduisant au renoncement des catégories identitaires et naviguant dans les lacunes et les limites des langues.

Mots-clés : Écriture traductive ; Traduction et violence ; Cahier de traduction ; Théorie de la traduction ; Philosophie de la traduction.

ABSTRACT

This essay was based on a proposal of translation-writing the fourth chapter of the book "Traduction et violence" (2020) by Tiphaine Samoyault, which explores the process of translation as a form of symbolic violence (which she divides into internal and external violence to the translating act), highlighting its political and ethical implications. Based on the intertextuality inherent to the work (translating a philosophical text about translation); on the indetermination of genres between philosophical discourse and literary discourse, challenging the hermetic separation between philosophy and literature proposed by Márcio Seligmann-Silva and on a notion of archeology of concepts, which echoes plurality, we were supported by the theoretical horizon of Tiphaine's own book, as well as that of Henri Meschonnic, Antoine Berman, Walter Benjamin and Jacques Derrida. Through a dialog with these philosophers and theorists of translation, and accompanying the practice through the translator's notebook, a place of registration of the translation process, we proposed the present translation, approached as an ocean of alterity, leading to the renunciation of identity categories and navigating the gaps and limitations of languages.

Keywords: Translation-writing; Translation and violence; Translation notebook; Translation studies; Translation philosophy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	<i>Métraduction</i> , má-tradução.	30
Quadro 2	Mauvaises traductions, traduções ruins.	30
Quadro 3	Adjutant.	31
Quadro 4	« <i>Mokusatsu</i> », « Sans commentaire ».	31
Quadro 5	En étranger.	32
Quadro 6	<i>The Translation Zone</i> .	32
Quadro 7	<i>Na Drini ćuprija</i> .	32
Quadro 8	<i>Translation studies</i> , leis de copyright.	33
Quadro 9	Espace du traduire.	33
Quadro 10	Espaço do traduzir.	33
Quadro 11	A violência exercida pelo texto que ordena a traduzir.	34
Quadro 12	Operação tradutiva e <i>à la marge</i> .	34
Quadro 13	<i>Objet trouble</i> , objeto turvo.	34
Quadro 14	Nota de tradução sobre <i>Country of My Skull</i> .	35
Quadro 15	Traduções fazem violência ao texto.	36
Quadro 16	A tradução faz violência à língua.	36
Quadro 17	<i>Éclaircissante</i> , clarificadora.	36
Quadro 18	<i>Palavras estrangeiras, des mots étrangers</i> .	36
Quadro 19	Obras “grandes”.	36
Quadro 20	Inacabamento.	37
Quadro 21	Minoré-mineur.	37
Quadro 22	<i>La Disparition</i> .	37
Quadro 23	<i>De la disparition</i> , do sumiço.	38
Quadro 24	<i>Qu’il faut traduire</i> , que é preciso traduzir.	38
Quadro 25	« Il faut traduire », de Derrida.	38
Quadro 26	Original em inglês e proposta de tradução.	39
Quadro 27	Não-tradução do original em inglês.	39
Quadro 28	A língua intraduzível demanda ser traduzida.	40
Quadro 29	Caderno da tradutora com comentários.	47

SUMÁRIO

1. ENTRE PESQUISA E PASSADO.....	10
1.1 AS APOSTAS	12
2. O ORIGINAL E A AUTORA.....	16
3. ENTRE DISCURSOS	18
3.1 ENTRE TRADUÇÃO E MIGRAÇÃO	18
3.2 ENTRE TEORIA E PRÁTICA	20
3.3 ENTRE TEORIAS, NO PLURAL	22
4. SOBRE O PROCESSO.....	26
4.1 PARA QUEM QUISER LER	26
4.2 TRADUZIR COM MÁQUINAS	26
5. DESAGUANDO NA ESCRITA TRADUTÓRIA	29
6. ENTRE CONCLUSÃO E COMEÇO	41
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO I — CADERNO DA TRADUTORA	47
ANEXO II — TRADUÇÃO INTEGRAL	68

1. ENTRE PESQUISA E PASSADO

Para além da importância histórica e social para os estudantes e profissionais da tradução, a escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso se dá também dentro do escopo da minha própria trajetória pessoal e profissional. Comecei minha formação em filosofia, curso que entrei aos 17 anos na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), em Porto Alegre (RS), minha cidade natal. Ao longo dessa formação (interrompida), me deparei com um incômodo que, curiosamente, só entendi 10 anos depois, ao ler a introdução de um dos textos que fundamentam este trabalho: *Filosofia da Tradução – Tradução da Filosofia: o princípio da intraduzibilidade* (1995), de Márcio Seligmann-Silva.

No trabalho mencionado, Seligmann-Silva se pergunta quais seriam as diferenças entre um discurso filosófico (da “verdade”) e um discurso da literatura (da “ficção”), apontando para uma indeterminação de gêneros – e seguindo uma tradição conceitual contra a “pureza” dos gêneros (Schlegel 1981: XVI, 89), tradição esta que perpassa as teorias de Friedrich Schlegel, Walter Benjamin, Paul Valéry, Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida, para citar alguns. Tais autores colocam a separação hermética de filosofia e literatura à prova não somente ao tratar sobre o tema, mas também pela forma inovadora que escrevem seus trabalhos. Derrida ainda nega explicitamente a possibilidade de uma linguagem filosófica como

“[...] meta-linguagem formalizável, constativa e objetiva”. Os defensores da filosofia como construção de um discurso objetivo creem na possibilidade de eliminar a ambiguidade da linguagem e num modelo linguístico que reduz a linguagem a um sistema de signos que se limitam a denotar objetos: *eles acreditam, em suma, na possibilidade de uma tradução integral entre as diversas línguas*. (Seligmann-Silva, 2018, p. 168. Grifo nosso.)

Com certo alívio, trago este trecho, que clareou um antigo incômodo experimentado ao estudar a filosofia de um modo dito “tradicional”, o qual se baseia num modelo representacionista da realidade e da linguagem. Tal modelo remonta à Aristóteles, que defendia uma relação de tradução entre a alma e as coisas, e a língua seria, ela mesma, portanto, uma tradução integral.

O modelo de Platão também segue essa noção: em seu diálogo “Crátilo”, o filósofo explora a relação entre palavras e conceitos, argumentando que a linguagem é um sistema de signos que representa ideias e objetos do mundo real. Nesse contexto, a tradução seria a transferência desses signos de uma língua para outra, buscando preservar a “essência” das ideias originais.

O Renascimento, época marcada pela volta do interesse pelos textos clássicos gregos e latinos – que estavam sendo redescobertos e traduzidos para o vernáculo –, institui, então, a partir da visão platônica, o mundo como um texto arcaico, redigido por Deus, cuja chave de leitura foi perdida para sempre (Seligmann-Silva, 2018).

Wittgenstein, por exemplo, caminha totalmente ao reverso desse modelo representacionista na linguagem e dessa tradução integral:

A língua não é um meio indireto de comunicação daquilo que se poderia comunicar diretamente por meio da leitura de pensamento. [...] No pensamento não ocorre como se primeiro surgisse o pensamento para depois, ato contínuo, ser traduzido em palavras ou em outros símbolos. Não existe aqui algo que exista antes de ser abarcado em palavras ou em imagens de representação (Wittgenstein 1984: 105; *apud* Seligmann-Silva, 2018, p. 175).

Seguindo esse raciocínio e passando para Derrida, não haveria *uma* língua pura muito menos alguma espécie de tradução *integral* entre as diferentes línguas (ou do próprio pensamento). Há, sim, uma pluralidade de *traduções*: nunca podemos habitar *uma* língua, daí a afirmação aporética de Derrida, mencionada em Seligmann-Silva (2018, p. 152): “Falamos apenas uma língua. Nunca falamos apenas uma língua”. Nas próprias palavras de Derrida, em *Apprendre à vivre enfin* (2005):

Eu tenho apenas uma língua e, ao mesmo tempo, de uma maneira singular e exemplar, essa língua não pertence a mim [...] uma língua não pertence. Não naturalmente e por essência. Daí as fantasias de propriedade, apropriação e imposição colonialista (Derrida, 2005, p. 39. Tradução nossa)¹

A partir disso, Seligmann-Silva, no artigo mencionado, propõe uma “Filosofia da tradução” como uma reflexão crítica à esse modelo representacionista da linguagem. O autor explora “um outro modelo de tradução, que leva em conta tanto a sua necessidade como a sua impossibilidade” (Seligmann-Silva, 2018, p. 169).

Uma das reflexões mais interessantes do texto é que versa a respeito da noção de Goethe sobre tradução, pensando na ambiguidade absoluta da tarefa da tradução e levando em conta a polissemia intrínseca à linguagem: “[a tarefa da tradução] inclui um abandono [...] tanto da própria pátria como também da possibilidade de traduzir de modo integral” (Seligmann-Silva, 2018, p. 171).

¹ Original: “[...] je n’ai qu’une langue, et en même temps, de façon singulière et exemplaire, cette langue ne m’appartient pas. [...] une langue, ça n’appartient pas. Pas naturellement et par essence. D’où les fantasmes de propriété, d’appropriation et d’imposition colonationaliste.” (Derrida, 2005, p. 39).

É um abandonar-se de si mesmo, visto que

o Eu existe apenas na medida em que se desdobra, reflete, que tenta sair de si, mas esse si, por outro lado, sempre se revela, ele mesmo, como um desdobramento de um outro eu (Seligmann-Silva, 2018, p. 187).

Ao explorar essa impossibilidade da tradução, que se relaciona com seus níveis de intraduzibilidade e ambiguidade, chegamos numa visão de *double bind*, conceito derriadiano traduzido por “duplo vínculo” por Seligmann-Silva: “O ser da tradução só existe graças à sua relação com seu não-ser, ou seja, com sua impossibilidade” (Seligmann-Silva, 2018, p. 178).

E é caminhando nesse vínculo duplo que desejamos iniciar este *essai*, esta tentativa-ensaio, teste de resistência, dando uma espiada atrás das cortinas do trabalho infinito da tradução e de todas as questões que envolvem a escrita tradutória e a ética dessa tarefa; ou seja, expondo discursos, diferenças, tensões, violências, ocos que ficam em evidência. As lacunas se escancaram e é a partir delas que vivenciamos as limitações da linguagem, que nos fazem renunciar à qualquer espécie de categorias de identidade e nos impelem a navegar pela relação, nos deparando com o oceano da alteridade.

Manual

Sonhei que folheava uma revista americana com fotos de reservatórios e piscinas. Via tudo, detalhe por detalhe. Letras a, b, c descreviam detalhadamente cada componente dos esquemas e planos. Com curiosidade comecei a ler um artigo cujo título era: “Como construir um oceano. Manual.” (Tokarczuk, 2018)

1.1 AS APOSTAS

Comme espace de la relation, la traduction est aussi le lieu d’un conflit qu’il s’agit de réguler pour préserver une forme de pluralisme (Samoyault, p. 11, 2020)²

A tradução é um afetar-se constante, um sair do si mesmo para chegar à pluralidade. Além de ser ato e atividade, é igualmente potência teórica e possui importância histórica, política, ética e poética. A partir disso, entendemos que tanto uma leitura quanto uma prática tradutória podem abrir caminhos para trilhar novas narrativas mais plurais. Sempre, é claro, costurando questões políticas e éticas na escrita tradutória.

² “Como espaço de relação, a tradução também é o local de um conflito que precisa ser regulado para preservar uma forma de pluralismo.” (Samoyault, p. 11, 2020. Tradução nossa).

A tradução é uma arte coletiva (Samoyault, 2020). Ela permite-nos pensar em formas de coletivização do literário em vários níveis: reúne sempre ao menos duas pessoas (a autora do original e a tradutora), podendo ser, inclusive, muitas mais. Neste trabalho, procuramos deixar isso claro através de uma arqueologia de conceitos – não estou aqui sozinha, nem nunca estarei. E é também pensando nisso que, ao longo desse trabalho, usaremos “nós”, a 1ª pessoa do plural, considerando que a trajetória de uma pesquisa é sempre rodeada por uma rede de professoras/es e colegas; recheada de trocas, diferentes pontos de vista e, claro, inúmeras outras autoras e autores de diferentes áreas.

Ou seja, fazendo ecoar outras vozes, outros/as estudiosos/as por meio deste texto – vozes que, outrora, estariam mudas pela impessoalidade característica de uma ciência que, muitas vezes, não dialoga com outras áreas do conhecimento e/ou faz enaltecer um individualismo fajuto. Dessa forma, agir não como porta-voz, mas como espaço aberto dialógico, paisagem ampla que faz ecoar o passado sem deixar de sentir o pé no chão do agora e nem o devir do futuro; fazer ecoar a pluralidade.

Recupero aqui a noção de *paronomásia filosófica* de Seligmann-Silva, do momento em que o autor faz reflexões sobre as traduções feitas por Torres Filho de Fichte e de Novalis, em que propõe que elas revelariam “a tradução como um ato de retradução” e a paronomásia filosófica, que seria:

[...] o jogo de espelhamento e *eco* que existe entre os conceitos utilizados por qualquer filósofo, que deve ser lido não apenas dentro do contexto imediato em que ele aparece como também na *œuvre* do autor como um todo, e ainda envolve a importação de conceitos e famílias conceituais de outros autores e tradições filosóficas (Seligmann-Silva, 2018, p. 183, grifo nosso)

Desse modo, a procura, então, foi por essa espécie de *arqueologia de conceitos* que revela essa coletividade, recupera os conceitos de outros autores e é capaz de propor, na tradução, uma escrita tradutória. Proposta que inevitavelmente demonstra, também, um movimento crítico, que busca colocar a tradução/escrita em perspectiva histórica e espacial, na *geografia*, dando volume ao texto.

Levando isso em conta, procuramos manter um multilinguismo, também. Não criando multilinguismo onde não há, visto que o texto não trata *especificamente* deste tema, mas entendendo que o multilinguismo é criado *na* tradução, irremediavelmente. Então deixamos marcas do original na tradução e no corpo deste trabalho, colocando o texto em perspectiva, assumindo que é uma escrita tradutória.

Isso só se dá porque, de todos os objetos de pensamento, só a tradução não se dilui na dialética, pois se mantém obstinadamente “*attachée au deux, à la difference et à l’opposition*”³, (Samoyault, 2020). É uma operação ambígua, complexa, capaz do melhor como do pior. Porque a tradução é, também, o espaço irreduzível de uma confrontação em diferentes níveis. Entre autor e tradutor; entre diferentes épocas e contextos histórico-culturais; entre o que parece estrangeiro, estranho e o que parece familiar, parecido consigo.

Pensando nisso, trazemos a referência de *Sans Soleil*, filme-documentário realizado por Chris Marker em 1983, uma obra que explora muito bem esse estranhar-se, mas deixar-se abocanhar pelo outro. Ao longo do trajeto trilhado junto ao fotógrafo que viaja ao redor do mundo, a sensação de *dépaysement* (não ter chão sob os pés/mudança abrupta de lugar físico) permeia toda a nostalgia das imagens, do não entender outra língua, outra cultura, outro olhar; algo que parte da busca incessante por fazer-se entender (e que nos leva, quase sempre, a um estatelar-se ao perceber que é uma rede, não uma linha). Essa procura *bouleverse* e movimenta as palavras, a própria realidade – até, quem sabe, conseguir fazer-se entender. É nessa lacuna entre possível-impossível que os escritores e tradutores tentam praticar o seu ofício.

Procurando adentrar mais nas relações entre familiar e estrangeiro, trazemos um trecho do autor Emanuele Coccia em *Philosophie de la maison* (2021), especificamente sobre a sensação de nunca estar em casa e das ambiguidades do que seria o lar, o familiar:

Não se trata apenas de coisas: trata-se de lembranças, sensações, experiências e, acima de tudo, da vida de outras pessoas: elas nunca pertenceram a mim, mas também eram minhas. Nenhuma dessas casas conseguiu encontrar o sotaque certo: nunca consegui ouvir minha própria voz nelas. Cada uma delas foi, por alguns meses ou alguns anos, minha casa, mas em nenhuma delas eu pensei definitivamente: estou em casa.

Pode parecer óbvio, mas é a mudança que faz a casa. E isso por um motivo muito banal: sempre fomos estrangeiros nas casas que mais tarde amaríamos e nas quais viveríamos. *Sempre entramos em nossas casas pelo lado de fora*. Somos também, e acima de tudo, estranhos à nossa própria felicidade. Somos todos estrangeiros e, ainda assim, sempre conseguimos construir um lar – construir uma forma de felicidade. (Coccia, 2021, Tradução nossa e grifo também.)

Sempre entramos em casa pelo lado de fora – é a relação entre o dentro-fora, eu-outro, *outro eu*, e inclusive através do dissolver dessas noções que navegamos. Aproveitamos o gancho para citar o conceito de *Das Unheimliche* (1919) (o inquietante, o infamiliar ou a inquietante estranheza). O infamiliar é um conceito freudiano que designa tudo aquilo que é

³ “vinculada ao duplo, à diferença e à oposição” (Samoyault, 2020. Tradução nossa).

estrangeiro, estranho a nós; é o desconhecido que causa angústia, medo e terror mas que, ao mesmo tempo, relembra sentimentos e situações que nos são inexplicavelmente familiares. Ou seja, apesar de ser um sentimento aterrorizante que choca e causa repulsa, ele é igualmente atraente e seduz. Barthes (1980) dizia que o interesse dele pelas línguas estrangeiras residia na medida em que elas tornavam a sua própria língua um pouco estrangeira a si mesma. Por isso, nunca aprendeu realmente línguas estrangeiras; como que para manter o mistério do ininteligível, do entre-dois da relação, da intuição de descobrir uma palavra nova numa língua outra. Neste trabalho, apostamos nisso.

2. O ORIGINAL E A AUTORA

A prática tradutória é essencial para pensá-la, como apontam diversos teóricos. Pois é por meio dela que também sentimos as resistências do traduzir e a potência de seus conflitos. (Samoyault, 2020)⁴

O texto de Tiphaine Samoyault reverbera, reposiciona, incomoda e demora. Também mora em diferentes lugares, toma diferentes espaços. E é nesse intuito de acompanhar um texto para outra morada que trilhamos a jornada deste trabalho, em que propomos pensar a tradução de um texto enquanto refletimos, pela empiria e prática tradutória, sobre a escrita tradutória. Há uma metalinguagem, portanto, intrínseca ao trabalho, visto que estaremos traduzindo um texto que versa sobre o próprio tema da tradução. Para isso, escolhemos traduzir um capítulo do livro *Traduction et Violence* de Tiphaine Samoyault, publicado originalmente pela *Éditions du Seuil* em março de 2020 e até hoje não traduzido para o português brasileiro.

Tiphaine Samoyault, nascida em junho de 1968 em Boulogne-Billancourt, é uma professora universitária, crítica literária, escritora e tradutora. Samoyault tornou-se professora de literatura comparada na *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3* depois de ter sido chefe do departamento de literatura da *Université Paris-VIII* até junho de 2012⁵.

Partindo disso, nossa proposta foi traduzir o capítulo quatro (*La double violence*) do referido livro, totalizando uma média de 30 páginas⁶ e 9.242 palavras. A partir da prática tradutória e à medida que se foi traduzindo, as questões, as inquietações e os problemas tradutórios encontrados pelo caminho foram registrados para, mais tarde, se transformarem em comentários analíticos de tradução.

No livro, que aborda a relação entre tradução e violência, a autora explora como o processo de tradução pode ser considerado como uma forma de violência simbólica, uma vez que envolve a transformação e a alteração do texto original. Ela examina as implicações políticas, éticas e culturais da tradução, destacando questões de poder e dominação linguística.

Samoyault argumenta que a tradução é um ato que inevitavelmente envolve violência. Ela explora de que formas a violência da tradução pode ser percebida em diferentes níveis: na

⁴ Original: “La pratique de la traduction est essentielle pour la penser, de nombreux théoriciens l’ont souligné. C’est par elle qu’on éprouve aussi les résistances du traduire et les puissances de conflit qu’il y a en elles.”

⁵ Fonte: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Tiphaine_Samoyault>, acesso em: 05/08/2021

⁶ Por questões de direitos autorais, mantivemos apenas 20 páginas, ao total, do texto original no corpo do presente trabalho de conclusão de curso (ou seja, 10% do original, que tem 209 páginas).

escolha das palavras e das estruturas linguísticas, por exemplo; e até em questões de identidade cultural e política.

A autora examina várias teorias e exemplos de tradução ao longo do livro, abrangendo diferentes contextos históricos e literários. Ou seja, é um estudo profundo e provocativo sobre a complexa relação entre tradução e violência, levantando questões importantes sobre as limitações e as consequências éticas da tradução como um ato de comunicação intercultural.

3. ENTRE DISCURSOS

3.1 ENTRE TRADUÇÃO E MIGRAÇÃO

O texto escolhido se guia por uma intenção de aprofundamento nas questões teóricas da tradução e na metalinguagem de se traduzir um texto sobre tradução. Nas últimas duas décadas, de acordo com alguns teóricos e filósofos da tradução, a tradução tem sido explorada como um lugar de acolhimento, quase de generosidade em relação ao “outro”: diz-se que o tradutor é aquele que constrói pontes, e que a tradução permite o diálogo e a troca.

Em *Traduction et migration* (2020), Arnold Castelain organiza diferentes estudos sobre as relações entre tradução e migração em que cada uma se torna paradigma de relação para outra (Samoyault inclusive tem um texto na coleção). Para Castelain (2020):

[a tradução] é entendida como um evento com sentido próprio completo, e como um posicionamento ético que anda lado-a-lado de todo evento vivente (*événement vivant*). Ela diz respeito à todas as ocorrências de encontros de línguas. Aparece com uma intensidade particular no percurso da pessoa migrante. As situações de interação, participação e mestiçagem na migração nos obrigam a afrontar a tradução e suas questões com um novo olhar, tanto no campo social quanto político mas sobretudo no campo ético. A tradução implica uma atitude humana fundamental. (Castelain, p. 13, 2020)⁷

Tendo isso em vista, os estudos apresentados no livro organizado por Castelain refletem sobre o encontro entre línguas e as inúmeras falhas e violências nas políticas de acolhimento dos países europeus frente ao fenômeno migratório dos últimos anos, o que impõe pensar uma ética da tradução e denunciar também a necessidade de inclusão e pluridisciplinaridade no acolhimento. O autor propõe uma ética da tradução que se alie à uma “nova epistemologia da tradução vivente”, que emerge ancorada no “ritmo e na fenomenologia do sentido apreendido do *hic e nunc* [aqui e agora], no contínuo da troca, seja escrita ou dita, uma epistemologia de uma tradução do encontro e um encontro pela tradução” (Castelain, 2020, p. 15)⁸. Não obstante, Tiphaine Samoyault também tem participação nessa coleção (com o ensaio *Langues en lutte* :

⁷ Original: “[La traduction] se trouve entendue ici comme événement de sens à part entière, et partant comme positionnement éthique vis-à-vis de tout événement vivant. Elle concerne toutes les occurrences de rencontre des langues. Elle apparaît avec une intensité toute particulière dans le parcours de la personne migrante. Les situations d’interaction, de participation et de métissage dans la migration nous obligent à affronter la traduction et ses enjeux à nouveaux frais, sur le plan social et politique mais avant tout sur le plan éthique. La traduction implique une attitude humaine fondamentale.”

⁸ Original: “Une épistémologie novatrice de la traduction vivante émerge, ancrée dans le rythme et la phénoménologie du sens pris dans l’*hic et nunc*, le continu d’un échange qu’il soit dit ou écrit, une épistémologie d’une traduction de la rencontre et d’une rencontre par la traduction.”

limites des éthiques de la traduction)⁹ organizada por Castelain. Também há um texto muito interessante de Alexis Nouss (*Le mensonge du migrant : un défi éthique*), traduzido para o português pela Prof^a. Dr^a Alice Maria de Araújo Ferreira e por mim (que pode ser acessada no periódico das Belas Infiéis, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília).¹⁰

Em *Traduction et violence*, Samoyault propõe que a ética mencionada por Castelain não é o suficiente:

A tradução nem sempre é um espaço pacífico de encontro e troca [...] e também não é como a nossa época, em sua sensibilidade ao universal, gostaria de pensar: um paradigma da relação com o outro. Ela é, antes de tudo, uma violenta operação de apropriação e assimilação, em que o movimento de circulação pouco faz para mascarar os processos de dominação¹¹.

Ou seja, para a autora, a violência está no cerne da tradução, e é necessário assumir isso para entender as relações de dominação que estão em jogo para poder combatê-las.

A autora também argumenta que uma das formas de combate e reflexão à colonização maciça e inexorável que violenta subjetividades é por meio de construção de narrativas dissidentes. De acordo com Edward Said (1995), apesar da literatura ter sido uma das principais ferramentas na colonização de povos e no silenciamento de culturas, ela também pode, hoje em dia, ser utilizada como uma estratégia de ruptura do silêncio e de resistência, tendo a tradução um papel fundamental nessa reconfiguração de forças e embates (Samoyault, 2020). As histórias e as narrativas estão no cerne do que dizem exploradores e romancistas acerca de regiões fora do mundo europeu, mas também podem ser o meio pelo qual os povos colonizados se utilizam para escrever e dizer suas próprias histórias, narrativas e construções identitárias. Narrar também incita a emancipação. Aqui, propomos que uma tradução também participa da criação crítica das possíveis narrativas sobre um texto que já tenha sido consagrado pelos cânones literários, e abre as portas para outras reflexões nos campos das ciências humanas.

Tirar a tradução da noção do elogio implica não mais ver o consenso como único espaço para o encontro entre as culturas, mas compreendê-lo como uma operação ambígua, complexa e, às vezes, negativa. Ou seja, vendo a tradução como uma operação que é capaz do melhor

⁹ O texto de Tiphaine (e o livro todo) pode ser acessado aqui: <<https://books.openedition.org/pressesinalco/36147>>

¹⁰ Pode ser acessado aqui: <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/36525>>

¹¹ Trecho de entrevista à Tiphaine Samoyault. [<https://www.mediapart.fr/journal/culture-idees/>], acesso em 05/08/2021.

como do pior. Porque a tradução é, também, o espaço irreduzível de uma confrontação. Para Samoyault, os discursos de paz democráticos escondem, reduzem e negam todos os confrontos inscritos dentro da tradução.

A autora estuda as histórias de violência em que a tradução teve papel importante (dominação colonial, campos de extermínio, sociedades de apartheid, regimes totalitários), bem como a violência que se faz presente no ato tradutório (à língua de partida, ao texto, ao tradutor), dividindo essa *agonística* entre externa e interna. Mas porque a tradução também tem a ver com justiça e equidade, com a imprevisibilidade do encontro e as transformações no espaço e no tempo, a separação que ela acarreta pode ser revertida em reparação da violência cometida.

Se cada uma de nós está aqui agora é porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um mesmo compromisso com a língua e com o poder da língua, e com a recuperação dessa língua que foi feita para trabalhar contra nós. Na transformação do silêncio em palavras e ação, é vital que cada um de nós estabeleça ou analise sua função nessa transformação e reconheça seu papel como vital dentro dessa transformação. (Lorde, 1981)¹²

3.2 ENTRE TEORIA E PRÁTICA

A partir dessa faísca *teórica*, primeiramente, propomos nos ancorar igualmente na abordagem *prática* de Márcio Seligmann-Silva no artigo *Filosofia da tradução – tradução de filosofia: o princípio da intraduzibilidade* – já mencionado no início deste ensaio. Há um interesse prático na forma com a qual o autor se utiliza de marcadores no texto, quais sejam: (i) itálico; (ii) aspas; (iii) parênteses; (iv) colchetes; (v) ordem do termo original e da tradução: primeiro a tradução e depois original; (vi) primeiro o original, depois a tradução; (vii) escolhas pela não-tradução. A seguir, mostraremos algumas ocorrências na escrita de Seligmann-Silva que foram usadas como inspiração prática.

[...] Goethe destacou a ambiguidade da tarefa (*Aufgabe*) da tradução: ela inclui um abandono (*Aufgaben*) tanto da sua própria pátria como *também* da possibilidade de se traduzir de modo integral (Seligmann-Silva, 2018, p. 171, grifos do autor)

Neste trecho, percebemos que a escolha do autor foi de evidenciar, pela língua original em que Goethe escreve, ou seja, pelo alemão, a semelhança entre as palavras *Aufgabe* e

¹² Original: “Each of us is here now because in one way or another, we share a commitment to language and to the power of language, and to the reclaiming of that language which has been made to work against us. In the transformation of silence into language and action, it is vitally necessary for each one of us to establish or examine her function in that transformation and to recognize her role as vital within that transformation” (Lorde, 1981)

Aufgaben, criando aproximações outrora inexistentes no português. Também é notável que o autor utiliza itálico tanto para marcar línguas estrangeiras quanto para marcar destaques no texto. Além disso, neste caso, utiliza também os parênteses.

Em outras ocorrências, ele não faz uso dos parênteses, mas da vírgula, como vemos na p. 169: “Já para Herder, por sua vez, a poesia grega era *unübersetzbar*, intraduzível (Seligmann-Silva, 2018, grifo do autor). Nesta ocorrência, Seligmann-Silva coloca o alemão no corpo do texto, separado de sua tradução por uma vírgula. Já na p. 175, o autor altera a ordem mostrada no primeiro exemplo, colocando o original primeiro e a proposta de tradução a seguir (no entanto, ainda mantém o itálico para a língua estrangeira à que o texto está escrito): “Nas *Vorlesungen* (Preleções), Wittgesntein voltou a dizer [...]” (Seligmann-Silva, 2018, p. 175, grifo do autor).

É interessante um outro caso, em que o autor insere o termo original entre colchetes, ao citar um trecho da obra de Gadamer: “[...] É justamente esse sentido abrangente, muito característico do dito – e sentido é sempre sentido de direção [*Richtungssin*] – que só vem à língua [...]” (Gadamer 1993: 153, *apud* Seligmann-Silva, 2018, p. 174, grifo do autor). Fica clara a sua intenção, que é demonstrada um pouco mais abaixo no texto, em que recupera um termo parecido e também a citação recém mencionada: “[...] e compreender a tradução como a passagem para um novo sentido – compreendido como “direção” (*Richtung*) – e mudança no sentido da sua própria língua” (Seligmann-Silva, 2018, p. 174, grifo do autor). Seguindo a noção de paranomásia filosófica, é possível que seja essa a intenção: a de uma arqueologia de conceitos, perpassando diferentes línguas e mostrando o que estaria oculto numa tradução *pura e simples*, que omitisse os termos originais.

Interpretamos uma intenção parecida em outro trecho da mesma página: “[...] dois conceitos-chave para a teoria da tradução, o de *estilo* e de pós-poesia ou re-poetar (*Nachdichtung*)” (Seligmann-Silva, 2018, p. 174, grifos do autor); na qual o *re-poetar* é recuperado logo em seguida – novamente, fazendo uma troca no uso de parênteses: “A noção de *Nachdichten* (re-poetar) [...]” (Seligmann-Silva, 2018, p. 174, grifo do autor).

Notamos, também, o seu uso de não-tradução no texto, como na p. 172: “[...] realizaram o *linguistic turn* na história do pensamento, que foi antes de tudo um *aesthetic turn* [...]” (Seligmann-Silva, 2018, grifos do autor) e no trecho citado a seguir, que, na verdade, é uma tradução de Torres Filho:

Este trecho é fundamental para esclarecer a gênese conceitual da noção de *Tathandlung*, assim como a formação da palavra. Para maior clareza, é interessante lê-lo com os termos alemães no lugar: ‘O eu é ao mesmo o *Handelnde* e o produto da *Handlung*; o *Tätige* e aquilo que é produzido pela *Tätigkeit*; *Handlung* e *Tat* são um e o mesmo; por isso o *eu sou* é a expressão de uma *Tathandlung*’. Temos aqui a primeira expressão da *identidade do sujeito e objeto*, que inspirou todo o idealismo alemão (Fichte 1980: 46, tradução de Torres Filho, *apud* Seligmann-Silva, 2018, p. 186).

Ao recuperar esses dois trechos, nossa intenção é demonstrar como o multilinguismo presente nessas ocasiões só faz pluralizar os discursos; multiplicar e aprofundar novidades no português brasileiro, ou em qualquer tradução. Mesmo para uma não-falante de alemão (como é o meu caso), não há um afastamento, uma tela branca de incompreensão. É possível entender e adicionar ainda mais camadas ao texto original.

Por último, trazemos um caso muito criativo: “Eu recordaria aqui o nome de Walter Benjamin com sua *Rua de mão única*, com o seu *Passagen-Werk* (Trabalho das passagens)“ (Seligmann-Silva, 2018, p. 168, grifo do autor). Aqui, o autor deixa, primeiro, a tradução mais usual e consagrada do título do texto; após, recupera o título original; por último, faz uma proposta de tradução entre parênteses.

Todos esses casos foram trazidos à tona neste trabalho na intenção de demonstrar que as marcações, as marcas do texto, a ordem entre tradução-original ou original-tradução, todos esses artifícios do discurso escrito tem potências extremamente frutíferas, nas quais é possível perceber que a leitura e interpretação são afetadas.

Não obstante, também procuramos aproximar teoria e prática, fazendo emergir a impressão de que a interpretação desses artifícios de marcações textuais numa tradução só são possíveis partindo de uma reflexão crítica e análise profunda do texto.

3.3 ENTRE TEORIAS, NO PLURAL

Seguindo esse raciocínio, é impossível falar de Teoria da Tradução sem mencionar grandes nomes, como Berman, que é o responsável por repensar as teorias da tradução que propõem uma língua de chegada e de partida e a tradução como ponte entre esses dois mundos distantes, desconectados. Antoine Berman (1942-1991) foi um renomado tradutor e teórico francês, conhecido principalmente pelo seu trabalho na tradução literária e na delimitação de uma tradutologia. Ele contribuiu significativamente para a reflexão sobre o papel e os desafios da tradução no campo dos estudos literários. Seus trabalhos tiveram uma influência significativa

na teoria e prática da tradução, enfatizando a importância da criatividade e do compromisso ético do tradutor, bem como o reconhecimento do tradutor como autor em sua própria medida. Suas reflexões contribuíram para ampliar a percepção da tradução como uma disciplina intelectual e artística.

Segundo Samoyault (2020), a virada ética nos Estudos da Tradução se dá a partir da obra de Berman. A Teoria da Tradução (ou Tradutologia, como ele próprio nomeia) de Berman (2009) visa estabelecer um pensamento moderno e filosófico da tradução, pois ele acredita que há uma escrita tradutória que produz um tipo de saber, de conhecimento, à maneira que a filosofia faz. Essa tradução deve ser plural, múltipla, nunca unificada, mas sim particularizada.

Em *A tradução e a letra* (2007), Berman parte do axioma inicial de que a tradução é sempre a tradução-da-letra, que se baseia numa analítica da tradução. Essa analítica seria a destruição de três traços característicos históricos da tradução, quais sejam: o traço cultural, que torna a tradução etnocêntrica; o traço literário, que a torna hipertextual e o traço filosófico, que a torna platônica. O fazer tradutório estaria preso a essas características, e Berman propõe, como oposição à tal tradição tradutória, a tradução-da-letra, que seria ética, poética e pensante.

No livro mencionado, Berman (2007) foca principalmente em criticar os traços etnocêntricos e hipertextuais das traduções. O tom platônico seria inerente a esses traços, como mencionamos ao perpassar a tradição da filosofia representacionista da realidade e da linguagem. Ou seja, historicamente, a prática de tradução ocidental, eurocêntrica e etnocêntrica começou com os gregos, foi perpetuada pelos romanos e continua até os dias de hoje. A tradução partiria do logos grego e seria a concretização desse conceito, por meio da demonstração da unidade das línguas, onde reinaria o logos. Essa aspiração pela unidade é própria do pensamento grego (principalmente pré-socrático e platônico) e vai completamente contra a teoria da tradução de Derrida e Benjamin, por exemplo, pois nega a concepção babélica da tradução – em que as línguas sempre se complementam e nunca se unificam.

Berman (2007) argumenta que esses traços históricos e conceitos antigos reduzem e aprisionam os estudos e a prática da tradução, e que a separam da sua casca, da sua letra, pois partem do pressuposto que a tradução é somente captação de sentido. É optar pelo universal e esquecer o particular. O etnocentrismo cairia então bem nesse ponto: há uma infidelidade à letra estrangeira e uma fidelidade à letra própria, é uma tendência a trazer tudo para a própria cultura, evitar “estrangeirismos”, transformar o texto de forma a ser o mais parecido possível com a cultura de quem o traduz.

A partir da sua proposta e análise, que teria como meta destruir os traços etnocêntricos, ocidentais e hipertextuais das práticas tradutórias, Berman (2007) introduz as tendências deformadoras dos tradutores – o autor os vê sempre como sujeitos de ação, agentes da tradução, que precisam torná-la uma prática crítica e pensante. As tendências deformadoras não são sinônimos de erros de tradução, mas sim, são predisposições que qualquer um está sujeito ao traduzir. Elas são deformadoras porque buscam restituir um sentido à obra original por meio da estética e por motivos morais.

No entanto, de acordo com Samoyault (2020), essa virada ética na tradução – que indica uma mudança no discurso político geral – visa alcançar uma sociedade pacificada e livre de conflitos. Tal mudança é imposta ao preço de uma redução na diferença entre o um e o outro. Ao destrinchar esse paradoxo, a autora demonstra a ambiguidade do processo tradutório, “a fim de restaurar à tradução seu potencial de negatividade ativa” (Samoyault, 2020, p. 11):

Qu’il soit discours théorique ou discours institutionnel, qu’il s’écrive en français, en anglais ou dans toute autre langue, le discours contemporain sur la traduction favorise la positivité du geste. [...] Il repose le plus souvent sur la croyance dans les vertus de la communication entre les cultures, sur l’éloge de la diversité et sur l’oubli des relations d’inégalité ou de domination (Samoyault, 2020, p. 17-18)¹³

A autora, diversas vezes no percurso do livro, recupera também Meschonnic e sua visão de tradução. Em *Poética do traduzir* (2010), Meschonnic defende que é preciso que façamos aparecer um pensamento da poética, um pensamento da linguagem para os tradutores. Ele visa estabelecer relações entre a teoria do traduzir e a teoria da linguagem, fundindo-as e revelando, por meio do processo tradutório, os procedimentos da linguagem, seus efeitos no pensamento, a face crua da língua. Para isso, Meschonnic (2010) foca na poética, pensando na tradução como uma poética: uma atividade que coloca em curso um pensamento da literatura e da linguagem. Ele faz isso ao focar não mais numa tradução de uma língua à outra, mas na *enunciação de discursos*, revelando a fisicalidade da palavra através de um sujeito dialogante. Por meio desse sujeito da enunciação, vai-se à subjetivação do contínuo, do ritmo, da prosódia.

Meschonnic (2010) propõe uma poética do traduzir que situa o ato tradutório na instância do discurso e não da língua, a tradução da língua é atualizada como tradução de um discurso de um sujeito ativo.

¹³ “Quer seja um discurso teórico ou institucional, quer seja escrito em francês, inglês ou qualquer outro idioma, o discurso contemporâneo sobre tradução favorece a positividade do gesto [...]. Na maioria das vezes, ele se baseia na crença nas virtudes da comunicação entre culturas, no elogio da diversidade e na negligência das relações de desigualdade ou dominação” (Samoyault, 2020, p. 17-18. Tradução nossa).

Trata-se de reagir contra essa concepção tão falaciosa quanto difundida, que opõe os descobridores de fontes e os alvejadores: os primeiros ficam vessos rumo à língua de partida, tratando de decalcar; os alvejadores olham para diante, realistas, em direção à língua de chegada, pensando só em preservar o essencial, o *sentido*. Os descobridores de fontes, ávidos pela *forma*. Inessencial. (Meschonnic, 2010, p. 30).

Ao navegar por tantos discursos e ao propor encontro entre eles, seguimos com esse horizonte teórico como se fossem nossas estrelas de navegação, percebendo os inúmeros desafios que deslindam daí.

4. SOBRE O PROCESSO

No âmbito de refletir criticamente sobre o processo do traduzir, optamos por um caderno da tradutora que registrasse as diferentes etapas e versões da tradução. Dividimos a grade da tradução no caderno em três campos: o texto original; a proposta de tradução e os comentários e análises dos trechos traduzidos, desdobrando reflexões a partir dos problemas enfrentados durante a escrita tradutória.

A partir disso, identificamos as questões e soluções da tradução, sejam elas de ordem discursiva (enunciação, dispositivos poéticos e retóricos, presença de estrangeirismos e multilinguismo); cognitiva ((des)conhecimento da língua ou dos conceitos filosóficos); de intertextualidade e polifonia (citações explícitas e implícitas); de modo a discutir estratégias tradutórias condizentes com a situação discursiva e o projeto de tradução.

Nossas inquietações, que se manifestam neste ensaio, se fundam, então, no porvir da prática. A metodologia de execução da pesquisa parte da reflexão acerca da prática tradutória, sempre indissociável da teoria. Pensaremos a tradução a partir da análise crítica do fazer tradutório por meio do “Caderno da Tradutora”, uma ferramenta personalizada, produzida pela própria tradutora e que funciona como um registro do processo tradutório, que acaba sendo apagado na versão final da tradução. Sua função é também mostrar/por em evidência e organizar os problemas/questões/soluções do texto.

4.1 PARA QUEM QUISER LER

O público-alvo deste trabalho e desta tradução — para além dos estudiosos da área e de tradutores/tradutoras — são todos aqueles que se interessam pelos diálogos entre culturas, literaturas e línguas e pela possibilidade política de criar mundos comuns, mas intrinsecamente marcados pela diferença.

4.2 TRADUZIR COM MÁQUINAS

Tiphaine Samoyault (2020) argumenta que a tradução assistida por computador está prestes a causar uma grande mudança em nossas formas de comunicação. Para ela, num futuro próximo, não precisaremos estudar ou aprender outra língua porque já teremos equipamentos tecnológicos o suficiente para traduzir automaticamente. Neste contexto, o livro de Samoyault visa renovar o pensamento da tradução. E, para entender essa transformação da *traduction*

assistée par ordinateur, é preciso parar de pensar a tradução como uma operação pacífica, positiva, de acolhimento ao estrangeiro ou de aprendizagem do que é o outro por meio da sua língua.

La traduction peut devenir aussi l’outil principal de la marche vers un monde isolé, où chacun n’approche l’autre que par le petit bout de l’oreillette. La transparence est violence. (Samoyault, 2020, p. 10)¹⁴

Pensando também na relação humano *versus* máquina, numa época em que cada vez mais a inteligência artificial se faz presente e mais preponente, utilizamos, nesta tradução, a ajuda de algumas Machine Translations (MT), como DeepL, Google Tradutor, Reverso, assim como a plataforma Matecat, uma Cat Tool (*Computer-assisted translation Tool*, ferramenta de tradução assistida por computador). Investimos em uma outra MT, uma “*Neural Adaptive Machine Translation that adapts to context and learns from corrections*”¹⁵. Neste caso, usamos o *plug-in* pago da ModernMT¹⁶ na plataforma Matecat.

Isso tudo após já ter uma primeira versão da tradução, como forma de enxergar novas soluções, procurar saídas mais inventivas, quem sabe, e inclusive até utilizar dos erros cômicos das máquinas. Ou seja, usá-la para o que foi feita: uma ferramenta para *auxiliar* na tradução. No entanto, é interessante pensar sobre o que Tiphaine menciona no capítulo introdutório de “*Traduction et violence*” (2020): estaríamos nos tornando apenas revisores das traduções, ao invés de propositores da operação tradutória? Apesar da atualidade desses questionamentos, é importante notar que somente um olhar humano, contextualizado, implicado na leitura – e com leituras passadas – consegue notar os movimentos do texto a ser traduzido, sua arqueologia de conceitos, fazer escolhas baseadas no multilinguismo, entrelaçar teorias às práticas, e assim por diante.

No processo de traduzir, passamos por algumas dificuldades técnicas, como, por exemplo: ao converter o arquivo original do formato PDF para DOCX, a formatação mudou, causando quebra de parágrafo em cada linha e desformatando as notas de rodapé e os itálicos (que são importantes aspectos de um texto filosófico). Após revisão manual do texto, decidimos

¹⁴ “A tradução também pode se tornar a principal ferramenta na caminhada em direção a um mundo isolado, em que as pessoas só se aproximam das outras pela pontinha da orelha. A transparência é violência” (Samoyault, 2020, p. 10. Tradução nossa).

¹⁵ Disponível em: <<https://github.com/modernmt/modernmt>>, Acesso em 02/06/2023.

¹⁶ No site, a chamada diz: “Uma Machine Translation mais humana. Ela melhora com as correções e se adapta ao contexto do documento. Como um ser humano.” (fonte: <<https://www.modernmt.com/>>). Adaptativa ela é, mas bem longe de um ser humano.

separar as notas de rodapé do original em outro arquivo e depois juntar manualmente ao corpo do texto. Além disso, pela ferramenta Matecat, não é possível baixar o arquivo inteiro (a Quadro bilíngue mais os comentários) depois da tradução estar pronta, somente o arquivo original ou o arquivo traduzido. Depois de muitas manobras, foi possível recuperar o texto, mas sem os itálicos, que tiveram que ser colocados manualmente um a um, o que tomou um bom tempo, assim como as notas de rodapé.

Além da referidas MTs, também fizemos uso de alguns dicionários, como o Dicionário Moderno de Francês-Português da Porto Editora; o excelente e completo dicionário do CNRTL (Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales), utilizado para dúvidas do Francês; o dicionário Larousse de Francês e de Inglês; o Collins Dictionary, o Cambridge Dictionary, o Oxford Dictionary e uma série de outros dicionários para dúvidas do Inglês e para procurar outras correspondências e ideias para tradução. Também usamos o Dictionnaire Littré, o Merriam-Webster Dictionary, o dicionário da revista Linternaute.com, o site le-dictionnaire, o dicionário em Francês Lexilogos, e muitos fóruns de língua, como WordReference.com e outros¹⁷. Para esta tradução, não foi preciso utilizar glossários.

¹⁷ Mesmo que exaustiva, mantive a lista quase completa da maioria dos sites e dicionários usados, na intenção, também, de demonstrar a longa, diversa, divertida e complexa tarefa de pesquisa demandada pela tradução – além de, quem sabe, auxiliar outros e outras estudantes que, como eu, precisaram viajar aos confins da internet para encontrar dicionários, glossários e sites de línguas.

5. DESAGUANDO NA ESCRITA TRADUTÓRIA

Por meio do horizonte teórico traçado até aqui, passamos pela explicação do processo do caderno da tradutora, que é nada menos que a Quadro bilíngue da tradução com os comentários feitos ao longo da tradução; também comentamos sobre os percalços das tecnologias e suas ferramentas e, agora, partimos para a escrita tradutória em si.

O processo, feito dessa forma (com tropeços), também trouxe a impressão de que foi possível perpassar o texto original como que refazendo as suas marcas, os seus itálicos, as suas notas de rodapé, adicionando algumas notas tradutórias nossas. Caminhando pelas linhas e refazendo, com os dedos, o mapa do texto. Por meio de uma cartografia da tradução, também desaguar no escrever.

Sendo um texto conceitual sobre tradução, com a forte presença de citações, casos de tradução, menções de outras literaturas, foi preciso refazer os passos da autora e suas referências, dado as diferenças culturais entre tradutora e autora.

Claro, foram utilizados alguns critérios, baseados nos que observamos no próprio texto de Tiphaine Samoyault (e também em Márcio Seligmann-Silva), quais sejam:

- a. Em conceitos que já possuíssem convenção na tradução, não apagamos. Recuperamos o conceito convencional para manter intertextualidade.
- b. Em conceitos próprios da autora ou que não têm convenção na tradução, na maior parte das vezes foi mantido o original em itálico e criado uma tradução em português em seguida, separado por uma vírgula.
- c. Nas referências de livros e obras, foi optado por manter sempre o nome do texto original e, depois, uma tradução em português entre colchetes (optando em usar a tradução já existente, nos casos de livros já traduzidos; e criando traduções para os nomes dos livros, caso não tivessem).
- d. A enorme maioria das citações foram traduzidas por nós, tirando os livros que tínhamos acesso à traduções já feitas.
- e. Em relação ao uso de itálico: mantivemos os usos de itálico da autora no texto, que o utilizava para citar outros livros; citar trechos em outras línguas que não o francês; e para criar realces. Todos os itálicos do original estão transcritos na tradução em anexo.

Tiphaine, ao longo do livro, utiliza primeiro a tradução e depois o original em itálico, alternando entre citações diretas com aspas e notas de rodapé e também parênteses para termos sozinhos.

Por exemplo, a autora, ao citar Lawrence Venuti, recupera os conceitos (em itálico) do autor logo após oferecer uma tradução: “[...] redéfinir ce qui constitue le propre et l'étranger, « *the "domestic" and the "foreign"*” (Samoyault, 2020, p. 23, grifo da autora).

Seguindo esse caminho, ao traduzirmos uma citação de um trecho de Emily Apter (Quadro 1), optamos por manter primeiro o original em itálico, e, logo após, propor uma tradução, separando por uma vírgula nesses casos:

Quadro 1 — *Métraduction*, má-tradução.

Original	Tradução
Elles ont espéré compenser ce manque en recourant à des logiciels de traduction automatique qui avaient déjà été utilisés massivement au moment de la guerre en Bosnie : « L'un des logiciels les plus prisés, rap pelle Emily Apter, portait le nom optimiste de “Diplomate”. Mais les résultats se sont révélés peu fiables, voire tragiquement erronés. Les enjeux de la métraduction sont une question de vie ou de mort, car, sur le théâtre d'opérations de la guerre, une erreur de logiciel peut facilement déclencher des “tirs amis” provoquant la mort de ceux qui ont été pris pour des cibles ennemies. »	Elas esperavam compensar essa falta ao recorrer a softwares de tradução automática que já haviam sido amplamente usados na época da guerra na Bósnia, como lembra Emily Apter: “Um dos softwares mais populares tinha o nome otimista de ‘Diplomata’. Mas os resultados revelaram-se pouco confiáveis, e até tragicamente errados. As implicações de uma <i>métraduction</i> , má-tradução, são questões de vida ou morte, visto que, no teatro de operações de guerra, um erro de software pode facilmente desencadear ‘fogo amigo’, causando a morte daqueles que foram confundidos com alvos inimigos.” ¹⁸

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Ou seja, nesse exemplo, traduzimos uma versão em francês do texto, originalmente em inglês, e propomos uma tradução que recuperasse a tradução francesa, o jogo do conceito de “*métraduction*”. Logo depois dessa citação de Emily Apter, Tiphaine traz:

Quadro 2 — *Mauvaises traductions*, traduções ruins.

Original	Tradução
Une erreur d'interprétation peut enclencher une guerre et la guerre elle-même s'alimente de mauvaises traductions.	Um erro de interpretação pode deflagrar uma guerra, e a própria guerra se alimenta de traduções ruins.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Apesar de termos traduzido numa primeira versão (Quadro 1) “*mauvaises traductions*” por “má traduções”, no Quadro 2, procuramos alterar para “traduções ruins” na intenção de não confundir com o conceito de Emily Apter, o qual traduzimos por “*má-tradução*”.

¹⁸ 1. Emily Apter, *The Translation Zone*, *op. cit.*, p. 24. [Tradução nossa da tradução francesa.]

Já no Quadro 3 a seguir, adicionamos uma nota de rodapé na intenção de retomar o que foi o despacho de Ems. Tomando cuidado para não cair numa tradução explicativa, a intenção foi apenas trazer o dado histórico não tão comumente conhecido para um leitor brasileiro, visto que se trata de uma guerra da França à Prússia em 1870.

Quadro 3 — Adjutant.

Original	Tradução
Dans la fameuse histoire de la dépêche d’Ems, l’incident diplomatique est créé par une mauvaise traduction d’« <i>Adjutant</i> » – officier d’état-major en allemand et sous-officier en français – laissant penser que l’ambassadeur de France a été rejeté de manière vexatoire par un simple adjudant ; c’est le début d’un terrible enchaînement qui conduit quelques jours plus tard la France à déclarer la guerre à la Prusse.	Na famosa história do despacho de Ems ¹⁹ , o incidente diplomático foi criado por uma tradução ruim de “ <i>Adjutant</i> ” – oficial do estado-maior em alemão e suboficial em francês – sugerindo que o embaixador francês havia sido vexatoriamente rejeitado por um simples ajudante, adjutant; sendo o início de uma terrível cadeia de eventos que, alguns dias depois, leva a França a declarar guerra à Prússia.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Percebe-se, também, que mantivemos “*Adjutant*” em itálico e no original, visto que a não-tradução mantém toda a questão de má-tradução que perpassa o caso contado pela autora.

No trecho a seguir, mostramos um tipo de multilinguismo simples de traduzir, visto que só trasposmos o que estava em francês, “*Sans commentaire*” para português, e o que estava em japonês no original, mantivemos em japonês. Mantivemos no plural, “Sem comentários”, por ser o mais usual no português brasileiro.

Quadro 4 — « *Mokusatsu* », « *Sans commentaire* ».

Original	Tradução
On connaît d’autres erreurs de traduction qui ont eu une part dans des catastrophes de l’Histoire : ainsi, lorsque les Américains adressent un ultimatum au Premier ministre japonais en juillet 1945, celui-ci répond : « <i>Mokusatsu</i> », « <i>Sans commentaire</i> », expression ambivalente et polysémique en japonais à laquelle les traducteurs américains donnent le sens de « traiter par le mépris », ce qui est compris comme un rejet de l’ultimatum.	Sabe-se que outros erros de tradução tiveram um impacto em desastres históricos: por exemplo, quando os americanos enviaram um ultimato ao primeiro-ministro japonês em julho de 1945, este respondeu: “ <i>Mokusatsu</i> ”, “Sem comentários”, uma expressão ambivalente e polissêmica em japonês à qual os tradutores americanos dão o significado de “tratar com desprezo”, e que foi entendido como uma rejeição do ultimato.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Já no trecho abaixo (Quadro 5), o multilinguismo se acirra:

¹⁹ N.T. O despacho de Ems (em alemão Emser Depesche) é um documento histórico. Foi o telegrama que relatava o encontro, em 13 de Julho de 1870 entre o Rei da Prússia Guilherme I e o embaixador da França na Prússia em Bad Ems no rio Lahn, perto de Koblenz, na altura pertencente à Prússia. Este telegrama foi encurtado por Bismark, de forma tal que o tornava uma afronta aos franceses, provocando a declaração de Guerra da França à Prússia em 19 de Julho de 1870, como desejado por Bismark para concluir a unificação de seu país.

Quadro 5 — En étranger.

Original	Tradução
Ainsi, Celan traduisant Michaux conserve une expression française pour inscrire l'altérité de l'autre langue : « Ils jouent la pièce "en étranger" », écrit Michaux dans « La ralentie », ce que Celan traduit ainsi dans « Die Verlangsamte » : « <i>Sie spielen das Stück en étranger</i> ».	Sendo assim, Celan, ao traduzir Michaux, mantém uma expressão francesa para inscrever a alteridade de outra língua: "Eles encenam a peça ' <i>en étranger</i> '", escreve Michaux em " <i>La ralentie</i> ", o que Celan traduz como " <i>Die Verlangsamte</i> ": " <i>Sie spielen das Stück en étranger</i> ".

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Mantivemos praticamente igual ao original, mudando apenas os itálicos e literalmente mantendo "em estrangeiro", também (vezes dois, com o alemão).

Também destacamos a tradução de títulos de livros, que foi uma constante. Trago dois exemplos (trechos 6 e 7):

Quadro 6 — *The Translation Zone*.

Original	Tradução
Dans <i>Zones de traduction</i> , Emily Apter propose une lecture du <i>Pont aux trois arches</i> d'Ismail Kadaré qui témoigne de l'implication des questions de traduction dans les conflits.	Em <i>The Translation Zone</i> [Zonas de Tradução], Emily Apter oferece uma leitura de <i>Pont aux trois arches</i> [Ponte de três arcos] de Ismail Kadaré, que atesta o envolvimento de questões de tradução em conflitos.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Escolhemos alterar o nome dos livros para seus nomes originais, recuperando mesmo a origem, pensando na arqueologia de conceitos. Essa questão é muito complexa, e fizemos uma escolha que pode até ser contestada em muitos níveis. Demos um passo polêmico ao escolher recuperar o título original em citações de obras – visto que, na obra original de Tiphaine Samoyault, não há essa recuperação. Fizemos isso visando nosso projeto de tradução, sabendo os riscos e tendo ciência da complexidade dessa escolha.

Quadro 7 — *Na Drini ćuprija*.

Original	Tradução
Tout comme son propre roman reprend le point de départ du célèbre <i>Pont sur la Drina</i> d'Ivo Andrić : là aussi, c'est une traduction qui déclenche les hostilités.	Assim como seu próprio romance toma o ponto de partida da famosa <i>Na Drini ćuprija</i> [<i>Ponte sobre o Drina</i>] de Ivo Andrić: aqui também, é uma tradução que desencadeia hostilidades.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Já no trecho transposto no Quadro 8, mantivemos o uso em itálico e o original em inglês de *translation studies*, notando que isso traça uma linha até o tipo de estudos da tradução que ela está mencionando, e que não traduzir, além de respeitar a própria escolha da autora, também é uma forma de não apagar todo esse caminho cartográfico.

Quadro 8 — *Translation studies*, leis de copyright.

Original	Tradução
Contrairement à Lawrence Venuti dans <i>The Scandals of Translation</i> , il ne s’agit pas de s’indigner des violences faites aux traducteurs et à la traduction, qui seraient selon lui victimisés et marginalisés par l’ensemble des institutions (certes, il a fait ce constat il y a plus de vingt ans et il est peu probable qu’il pourrait encore le faire aujourd’hui tant les <i>translation studies</i> se sont imposées, et ce, même si la prévalence de la notion d’auteur et le droit du copyright continuent à dévaluer économiquement la traduction).	Ao contrário de Lawrence Venuti em <i>The Scandals of Translation</i> [Escândalos da tradução], não se trata de indignar-se com a violência causada aos tradutores e à tradução, que seriam, de acordo com ele, vitimizados e marginalizados pelo conjunto das instituições (de fato, o autor fez essa constatação há mais de vinte anos e é pouco provável que ainda a fizesse hoje, considerando que os <i>translation studies</i> se impuseram, mesmo que a prevalência da noção de autoria e das leis de copyright continuem a desvalorizar economicamente a tradução).

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Num primeiro momento, pensamos em traduzir “le droit du copyright” para “leis de direito autoral”, mas resolvemos, pelo motivo anterior, manter “leis de copyright”.

Para o termo “espace du traduire” presentes no Quadro 9 e no 10, optamos por uma literalidade em “espaço do traduzir”.

Quadro 9 — Espace du traduire.

Original	Tradução
Ainsi, il devient possible de penser ensemble les différents types de violence distingués déjà dans un chapitre précédent : les violences historiques dans lesquelles la traduction joue un rôle et les violences propres à l’espace du traduire.	Deste modo, torna-se possível pensar conjuntamente os diferentes tipos de violência já mencionados num capítulo anterior: as violências históricas nas quais a tradução desempenha um papel e as violências específicas ao espaço do traduzir.

Fonte: trechos da tradução elaborada pela autora.

Quadro 10 — Espaço do traduzir.

Original	Tradução
Lorsqu’on relie traduction et violence, on donne deux directions, interne et externe, au second terme, comme on l’a vu en traitant des antagonismes propres à l’espace du traduire.	Ao relacionarmos tradução e violência, ao segundo termo, deu-se duas direções, interna e externa, como vimos ao abordar os antagonismos próprios do espaço do traduzir.

Fonte: trechos da tradução elaborada pela autora.

Ademais, trazemos o seguinte trecho (Quadro , que se refere à ideia de que o próprio texto exercita uma forma de violência ao demandar sua tradução, uma ação que inevitavelmente distorce, trai e transforma o texto original.

Quadro 11 — A violência exercida pelo texto que ordena a traduzir.

Original	Tradução
<p>Il y a une violence inhérente à la traduction, celle qui déforme, trahit, transforme le texte original, allant même parfois jusqu'à lui dénier son statut d'original, celle qui procède du mouvement qui pousse à traduire ; la violence exercée par le texte qui enjoint de traduire – selon Derrida, la possibilité de la traduction naît d'une impossibilité – est une violence interne.</p> <p>Et il y a une violence externe, dans laquelle le traducteur peut être impliqué (la traduction en contexte totalitaire, de guerre ou de violence extrême) et où il peut avoir un rôle ambivalent, d'un côté en contribuant à la mise en place du système autoritaire ou dominant – par l'annexion de l'étranger sous une langue hégémonique, par la censure – ou, de l'autre côté, en profitant de la multiplicité propre à la traduction pour favoriser des manières de déjouer le système oppressif.</p>	<p>Existe uma violência inerente à tradução, aquela que deforma, trai, transforma o texto original, às vezes chegando até a negar-lhe seu status de original, que procede do movimento que empurra a traduzir; a violência exercida pelo texto que ordena a traduzir – segundo Derrida, a possibilidade da tradução nasce de uma impossibilidade – é uma violência interna.</p> <p>Existe uma violência externa, na qual o tradutor pode estar implicado (tradução em contexto totalitário, de guerra ou de violência extrema) e na qual pode ter um papel ambivalente, por um lado contribuindo para o estabelecimento do sistema autoritário ou dominante – pela anexação do estrangeiro por sob uma língua hegemônica, pela censura – ou, por outro lado, aproveitando a multiplicidade própria à tradução para favorecer maneiras de frustrar o sistema opressor.</p>

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Já no fragmento 12, optamos pelo uso de operação tradutiva, e não tradutória, mantendo um certo estrangeirismo e o ritmo do original.

Quadro 12 — Operação tradutiva e *à la marge*.

Original	Tradução
<p>Ainsi, lorsque les déformations se font dans le but d'un oubli, d'un anéantissement de l'œuvre de l'autre, violence politique et violence de l'opération traductive s'épaulent l'une l'autre.</p> <p>Pour autant, ce n'est pas le cas pour la plus grande partie des traductions, qui ne font jouer l'une ou l'autre violence qu'<i>à la marge</i>.</p>	<p>Portanto, quando as deformações são feitas com o objetivo de um esquecimento, de uma aniquilação da obra do outro, a violência política e a violência da operação tradutiva se apoiam mutuamente.</p> <p>Apesar disso, esse não é o caso da maioria das traduções, que usam apenas uma ou outra violência <i>à la marge</i>, pelas beiradas.</p>

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Não obstante, também continuamos com o uso de itálico de “*à la marge*” no texto de Tiphaine, mantivemos o original e propomos o “*pelas beiradas*”. Não propusemos uma literalidade, como “*à margem*”, visto que colocar o original “*à la marge*” já recupera esse sentido. Ao invés, propusemos a tradução “*pelas beiradas*”.

O próximo trecho da tradução também foi interessante.

Quadro 13 — *Objet trouble*, objeto turvo.

Original	Tradução
<p>L'ambivalence de la traduction elle-même en fait un objet trouble, susceptible d'instrumentalisation.</p>	<p>A própria ambivalência da tradução a torna um <i>objet trouble</i>, objeto turvo, suscetível de instrumentalização.</p>

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Ao notar uma certa dificuldade em traduzir todas as nuances de “*objet trouble*”, encontramos em “*turvo*” e no estrangeirismo “*objet-trouble*” algumas soluções: objeto-

problema, objeto-turvo, objeto-complexo. No dicionário, "trouble" tem as seguintes significações (entre outras):

1. A. État de non-limpidité, de non-transparence d'un liquide, dû à la présence de particules ou d'impuretés en suspension. B. – Au fig.1. [En parlant d'une situation, d'une affaire] Qui comporte des éléments cachés, suspects.
2. [En parlant d'une pers., de son caractère] Qui est difficile à cerner, à définir, et qui apparaît comme louche.
3. [En parlant d'un sentiment] Qui manque de pureté; qui est ambigu, qui contient des éléments plus ou moins avouables.²⁰

O trecho seguinte a esse também traz algumas considerações interessantes.

Quadro 14 — Nota de tradução sobre *Country of My Skull*.

Original	Tradução
Inversement, elle est capable d'introduire un mouvement de réparation qui lui donne un vrai rôle dans le dépassement de certaines violences subies : toute l'œuvre de Georges-Arthur Goldschmidt entre l'allemand et le français en témoigne ; tout comme le texte d'Antjie Krog, <i>La Douleur des mots</i> , qui relate son expérience de traductrice lors des débats de la Commission Vérité et Réconciliation en Afrique du Sud.	Por outro lado, ela é capaz de introduzir um movimento de reparação que lhe atribui um verdadeiro papel na superação de algumas das violências sofridas: toda a obra de Georges-Arthur Goldschmidt entre o alemão e o francês atesta isso; assim como o texto de Antjie Krog, <i>Country of My Skull</i> ²¹ , em que relata sua experiência como tradutora durante os debates da Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Notamos que a tradução ao francês, *La douleur des mots*, A dor das palavras, e o original em inglês, *Country of my Skull*, País do meu esqueleto, trazem camadas à leitura do trecho. Ou seja, seguindo nossa proposta de que o original nunca se acaba, mas se refaz de forma infinita nas traduções, percebemos que uma tradução de um título de livro também é capaz de trazer imensas novidades ao original e fazê-lo caminhar por outros lugares de sentido. Por isso, adicionamos uma nota de tradução (transcrita logo abaixo).

O próximos trechos (Quadro 15 e Quadro 16), são particularmente interessantes pelo caráter profundamente intertextual (que, obviamente, perpassou a tradução inteira, mas que ficaram especialmente expostos aqui):

²⁰ “1. A. Um estado de impureza, não transparência de um líquido, devido à presença de partículas ou impurezas em suspensão. B. - Na fig.1 [Em referência a uma situação, um caso] Contendo elementos ocultos ou suspeitos.

2. [Ao falar de uma pessoa, seu caráter] Alguém que é difícil de identificar, definir e que parece suspeito.

3. [Falando de um sentimento] Que carece de pureza; que é ambíguo, que contém elementos que são mais ou menos confessáveis.” (Fonte: <<https://www.cnrtl.fr/definition/trouble>>, Acesso em: 06/07/2023, tradução nossa)

²¹ NT. No original em inglês, *Country of my Skull*, país do meu esqueleto; na tradução em francês, *La Douleur des mots*, a dor das palavras; em português brasileiro, ainda sem tradução. Inserimos a presente nota da tradutora levando em conta que a tradução do título em francês adiciona uma camada interessante à leitura do trecho.

Quadro 15 — Traduções fazem violência ao texto.

Original	Tradução
L'axiome « La traduction détruit l'original » implique que certaines traductions font violence au texte et d'autres non.	O axioma “A tradução destrói o original” implica que algumas traduções fazem violência ao texto, cometem violência ao texto, e outras não.

Fonte: trechos da tradução elaborada pela autora.

Quadro 16 — A tradução faz violência à língua.

Original	Tradução
<i>La traduction fait violence à la langue</i>	<i>A tradução faz violência à língua</i>
La traduction malmène la langue d'arrivée en y important des structures syntaxiques, des rythmes, voire des mots étrangers.	A tradução maltrata a língua de chegada ao importar estruturas sintáticas, ritmos ou até mesmo palavras estrangeiras.

Fonte: trechos da tradução elaborada pela autora.

Em ambos, fizemos a escolha de não usar o mais comum “comete” violência, mas sim, usar o “faz violência”, que torna a literalidade do trecho quase cômico. Ou seja, manter uma estranheza, visto que a tradução “maltrata a língua de chegada ao importar estruturas sintáticas, ritmos ou até mesmo palavras estrangeiras.” (Samoyault, 2020).

Também fizemos algo parecido ao manter o original *éclaircissante* e *esclarecemos* ele numa tradução, *clarificadora* (Quadro 17), que clareia, tira o aspecto de “objet-trouble”, objeto turvo, complexo (à medida que, paradoxalmente, só traz mais e mais complexidade). Nesse mesmo sentido, brincando com a intertextualidade, colocamos literalmente “palavras estrangeiras” no texto (Quadro 18).

Quadro 17 — *Éclaircissante*, clarificadora.

Original	Tradução
Sa traduction est éclaircissante : il n'hésite pas à bouger les segments, à modifier l'ordre de la phrase, à rendre des scènes plus réalistes.	Sua tradução é <i>éclaircissante</i> , clarificadora: ele não hesita ao mover segmentos, modificar a ordem da frase, tornar as cenas mais realistas.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Quadro 18 — *Palavras estrangeiras, des mots étrangers*.

Original	Tradução
La réinvention de la langue est la puissance du processus : on fait lever en elle une syntaxe inattendue, des mots étrangers, des mots oubliés, des mots perdus.	A reinvenção da língua é a potência do processo: nela, suscitamos uma sintaxe inesperada, <i>palavras estrangeiras, des mots étrangers</i> , palavras esquecidas, palavras perdidas.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Para além da “brincar”, também passamos por dificuldades (resolvidas de forma a desejar), como a do Quadro 19:

Quadro 19 — Obras “grandes”.

Original	Tradução
Cette vulnérabilité particulière des œuvres qui ne parviennent pas à rester « grandes » en traduction tient paradoxalement à leur relative traduisibilité.	Essa vulnerabilidade específica de obras que não conseguem permanecer “grandes” na tradução se deve, paradoxalmente, à sua relativa traduzibilidade.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Apesar de automaticamente pensar na palavra “importantes” para “grandes” em francês, preferimos manter a literalidade e assumir uma polifonia de “grandes” em português: literalmente livros altos, grossos. Também propusemos “inacabamento” ao invés de “incompletude”, pensando no movimento de algo que não se acaba, não conclui, o que é diferente de algo “incompleto” (Quadro 20).

Quadro 20 — Inacabamento.

Original	Tradução
Elles poussent à ce mouvement d’inachèvement dans lequel elles sont conduites par la traduction.	Elas impulsionam para esse movimento de inacabamento na qual são guiadas pela tradução.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

No Quadro 21, temos a seguinte proposta de tradução:

Quadro 21 – Minoré-mineur.

Original	Tradução
Constituer un espace minoré en espace du mineur : voilà le coup de force accompli par ce type d’entreprise, qui permet de faire de la violence inhérente à la traduction une force positive dans un contexte de résistance à la violence historique.	Criar um espaço menorizado no lugar do menor: esse é o golpe de força alcançado por esse tipo de iniciativa, que possibilita tornar a violência que é inerente à tradução em uma força positiva dentro de um contexto de resistência à violência histórica.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Nesse trecho, “*Constituer un espace minoré en espace du mineur*” trouxe um jogo de palavras e sons (minoré-mineur), que transpusemos em menorizado-menor. Trouxemos “Menorizado” e não “Minorizado” em referência ao conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari.

Ao mencionar o livro *O sumiço* (1969) de Georges Perec, traduzimos o trecho (Quadro 22) em que ela menciona o título da mesma forma que fizemos com todos os títulos de obras ao longo da tradução, utilizando colchetes para a tradução e recuperando a língua original do livro:

Quadro 22 — *La Disparition*.

Original	Tradução
Ainsi, <i>La Disparition</i> de Perec a déjà été traduite treize fois en neuf langues différentes (quatre traductions existant en anglais, ce qui invite à la comparaison).	Assim, <i>La Disparition</i> [O Sumiço] de Perec já foi traduzido treze vezes para nove línguas diferentes (existem quatro traduções apenas em inglês, o que convida à comparação entre elas).

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Mais à frente no texto (Quadro 23), na intenção de recuperar o título do livro em francês, novamente, mantivemos o original em itálico e a tradução logo após, separada por uma vírgula, como fizemos em outros momentos.

Quadro 23 — *De la disparition*, do sumiço.

Original	Tradução
Il apparaît bien vite que la difficulté réside en fait moins dans la transposition de la contrainte que dans ce qu’ouvre précisément la contrainte, à savoir toute une sémantique de la disparition par laquelle Perec raconte son histoire et transmet dans le même mouvement la mémoire de sa mère.	Imediatamente percebe-se que a dificuldade não está tanto na transposição da restrição quanto naquilo que abre, de fato, a restrição; a saber, toda uma semântica <i>de la disparition</i> , do sumiço, pela qual Perec conta sua história e, no mesmo movimento, transmite a memória da sua mãe.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Também encontramos marcas de outros autores, como de Derrida, o que tentamos recuperar ao manter a frase no original e depois propor a tradução, como vemos no Quadro 24. É uma escolha feita no sentido de fazer transparecer as veias do texto, sua história, suas marcas e sua história.

Quadro 24 — *Qu’il faut traduire*, que é preciso traduzir.

Original	Tradução
Or l’intraduisible vient moins de ce qui saute aux yeux (l’absence de <i>e</i>) que de ce qui ne se lit pas, le blanc qu’il faut traduire.	Mas o intraduzível vem menos daquilo que salta aos olhos (a ausência do <i>e</i>) do que daquilo que não se lê, o branco <i>qu’il faut traduire</i> , que é preciso traduzir.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Qu’il faut traduire recupera a frase de Derrida que ela cita ao fim do capítulo:

Quadro 25 — « Il faut traduire », de Derrida.

Original	Tradução
« Il faut traduire », écrit Derrida, jusqu’au fait même de la multiplicité des langues, même si « ce qui fut <i>fait</i> comme confusion des langues ne peut plus se laisser reconduire, par la traduction, dans une seule langue, ni même réduire [...] dans <i>la</i> langue ».	“É preciso traduzir”, “ <i>Il faut traduire</i> ”, escreve Derrida, mesmo com a multiplicidade das línguas, mesmo que “aquilo que foi <i>feito</i> como confusão de línguas não possa mais ser reconduzido, pela tradução, para uma única língua, nem mesmo reduzido [...] <i>na</i> língua”. ²²

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Achamos digno de nota mais uma vez o verbo “fazer”, aqui, que ela realça com itálico, “*fait*”, visto que foi o mesmo verbo que utilizamos para “fazer violência” na tradução. Um verbo muito comum, que se faz com as próprias mãos, como eu digito esse texto.

Por último, trazemos um trecho multilíngue para a análise. Nessa parte do capítulo, Samoyault coloca uma citação completa de um trecho em inglês, no original; logo após, propõe uma tradução do trecho para o francês, entre parênteses. Fizemos o mesmo caminho, alterando o francês pelo português brasileiro (Quadro 26). É importante notar como no inglês, a citação diz “*I wrote it out word for word*”, literalmente “eu *escrevi* [a bíblia] palavra por palavra”. Deduzimos, de forma lógica, que é uma tradução, é claro. Porém, é interessante notar que Tiphaine faz a escolha, no francês, de não utilizar o verbo escrever (“Je l’ai écrit mot pour

²² Jacques Derrida, *Ulysse gramophone*, op. cit., pp. 44-45. [tradução nossa].

mot”), mas traduzir. Neste trecho, vale mencionar que adicionamos uma nota de rodapé explicando a menção da Bíblia “King James”.

Quadro 26 — Original em inglês e proposta de tradução.

Original	Tradução
Dans la préface à l’édition de 1876, voici ce qu’elle dit de sa méthode de travail : « <i>I wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavouring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James translators have wholly differed from this rule...</i> »	No prefácio da edição de 1876, eis o que ela diz sobre seu método de trabalho: “ <i>I wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavouring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James translators have wholly differed from this rule...</i> ”
(Je l’ai traduit mot pour mot, sans rien ajouter qui fût de moi mais en tâchant de mettre le même mot en anglais que le mot en hébreu ou en grec, partout, alors que les traducteurs de la King James se sont beaucoup éloignés de cette règle...)	(Eu traduzi palavra por palavra, sem adicionar nenhuma ideia minha, mas me esforçando para colocar a mesma palavra em inglês que a palavra hebraica ou grega, em tudo, enquanto os tradutores da King James ²³ diferiram totalmente dessa regra...).

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

No entanto, no próximo trecho dessa mesma parte do texto, ela não propõe tradução para o francês. A autora mantém apenas o original em inglês (e também seguimos pelo mesmo caminho, fazendo o mesmo uso de itálico).

Quadro 27 — Não-tradução do original em inglês.

Original	Tradução
Par exemple, pour le verset 3, 20, Julia Smith traduit : « <i>And Adam will call his wife’s name Life, for she was the mother of all living</i> », quand la New American Standard Bible traduit par : « <i>Now the man called his wife’s name Eve, because she was the mother of all the living</i> ».	Por exemplo, para o versículo 3:20, Julia Smith traduz: “ <i>And Adam will call his wife’s name Life, for she was the mother of all living</i> », sendo que a New American Standard Bible traduz: « <i>Now the man called his wife’s name Eve, because she was the mother of all the living</i> ”.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Ou seja, isso demonstra os critérios da autora para tradução. No segundo trecho em inglês mencionado (Quadro 27), pelo contexto, entende-se que o ponto central não é o que o texto *diz*, mas, sim, nesse caso, Samoyault está apontando para o *uso dos tempos verbais* (que fica claro mesmo sem tradução, mesma situação mencionada no início deste trabalho, ao citarmos inspirações de escrita tradutiva coletadas em Seligmann-Silva).

É por essas veredas e nuances que seguimos durante toda a tradução, fazendo urgir novidades, vontades, dificuldades e tentando, ao máximo, contribuir para uma ética tradutória no fazer de uma escrita que faz-se necessária ao mesmo tempo que impossível.

²³ N.T. A Bíblia King James, ou do Rei Jaime, também conhecida como Versão Autorizada do Rei Jaime, é uma tradução inglesa da Bíblia realizada em benefício da Igreja Anglicana, sob ordens do rei Jaime I no início do século XVII (data da primeira publicação: 1611.)

Quadro 28 — A língua intraduzível demanda ser traduzida.

Original	Tradução
Il n'est pas seulement dans les mots, dans la syntaxe ; il est dans une manière de rythmer, de nuancer, d'articuler des silences, au plus près de la parole, du grain de la voix, du paysage qui l'a recueilli, du corps qui l'a prononcé et transmis.	E vai além disso, não está apenas nas palavras, na sintaxe; está na forma de ritmar, de nuançar, de articular silêncios, o mais próximo possível da palavra, do grão da voz, da paisagem que a recolheu, do corpo que a pronunciou e a transmitiu.
C'est la langue intraduisible qui réclame d'être traduite et éveille le désir de la traduction.	É a língua intraduzível que demanda ser traduzida e desperta o desejo de tradução.

Fonte: trecho da tradução elaborada pela autora.

Ao longo da tradução, tomamos muitas decisões complexas e, de longe, o que mais se destacou foi a nossa vontade de experimentar com a tradução. Brincar com a intertextualidade, fazer aparecer marcas, ocos, falhas, com desintegrações e tentativas de procurar saber. Com certeza muitas escolhas teriam sido diferentes com mais tempo e em um trabalho mais demorado.

Como anexo I, trouxemos o Caderno da Tradutora em sua integridade, procurando seguir nosso projeto de transparência no processo (somente no processo, nunca na tradução final, visto que irreal). A partir dos comentários, tecemos e costuramos as análises.

Como anexo II, mantivemos a tradução integral do texto, sem a coluna do original e dos comentários.

6. ENTRE CONCLUSÃO E COMEÇO

Não é mentira dizer que esbarrei por acidente com a tradução e com a língua francesa, assim como esbarrei por intuição nas professoras que fizeram este trabalho ser possível, e que me guiei puramente pelo amor ao tipo de estudo que me faz *sentir sentido*, por mais redundante que isso seja. E isso tudo só foi possível pela oportunidade de estudar numa universidade pública, aberta, acessível e plural. Sem isso, nunca teria chegado até aqui, sem dúvida nenhuma. Tenho orgulho da minha formação, das professoras que me guiaram até aqui e do privilégio de poder estudar, pesquisar o que eu amo e me aprofundar no que o coração dita.

Fechar minha formação em Letras com um trabalho que junta tradução e filosofia é tanto natural quanto desafiador. Em todo o meu processo de graduação, pude sentir o alívio de encontrar a mim mesma, dar sentido para coisas sem nome, encontrar esse nome numa outra língua, traduzir uma novidade que eu não conhecia, pular de uma aula pra outra fervilhando.

Há uma espécie de estalo, um lampejo na tradução, lugar esse que dá acesso para todas as outras áreas do conhecimento, para a potência de poder traduzir os mais diversos campos do saber. Nesse processo, relembro aqui toda a minha trajetória traduzindo de poesia a psicanálise; de biologia a matérias de jornal; de economia a filosofia. É também sobre a beleza do pensamento complexo e das redes que se formam num trabalho como o nosso, que necessita da coletividade, de conhecimento amplo e abertura para a outridade. Foi a partir da sensibilização à alteridade que se abriu todo um meio de pensar o percurso acadêmico e chegar até aqui, explorando novos afetos e outras formas de ser.

Na tradução, é preciso instituir e visualizar uma dimensão de conflito que permita enxergar as contradições da prática tradutória. Ora, isso tem tudo a ver com a contradição, o duplo indissolúvel da tradução (Selligman-Silva, 2018), o eu e outro indiscerníveis que mencionamos. Não obstante, também denuncia — e não mais ignora — as forças de dominação que demonstram vulnerabilidades nas relações entre línguas.

Por fim, retomando a jornada dessa tentativa-ensaio até aqui: iniciamos entre a pesquisa e o passado, fazendo um apanhado histórico da história da filosofia e de algumas teorias da linguagem, mencionando Friedrich Schlegel, Walter Benjamin, Paul Valéry, Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida. Nesta retomada, nos baseamos principalmente em Márcio Seligmann-Silva para propor, como ele, uma indeterminação de gêneros entre o discurso filosófico e o discurso literário, desafiando a separação hermética entre filosofia e literatura e

podendo iniciar a jornada de uma escrita tradutória de um texto filosófico. Também nos amparamos largamente na noção de arqueologia de conceitos, ou seja, retomando, pela tradução e pelo texto do trabalho, conceitos e outras referências que fazem ecoar a pluralidade do conhecimento e da ciência e apostando nas vertigens da pesquisa. Também fizemos uma caminhada entre discursos da tradução, como os de Castellain; retomamos inspirações na forma que o texto de Selligman-Silva estava escrito, para além do seu conteúdo, devolvendo o potencial da teoria na prática; além de termos revisto as tradutologias de Meschonnic e de Berman — com algumas pinceladas da crítica a eles da própria Samoyault.

Depois disso, desaguamos na escrita tradutória ao selecionar alguns trechos do Caderno da Tradutora, na intenção de evidenciar a escrita tradutória que foi proposta e também os desafios éticos da tarefa.

A Tarefa, para voltar mais uma vez ao conceito benjaminiano central de Aufgabe, é infinita: no sentido de que o abandono de si é infinito, no sentido de que nunca se atinge o Eu originário, o texto original, que sustentaria os demais eus e as demais traduções. Não existe uma tradução perfeita, ela permanece sempre uma estrutura da tradução, uma reflexão, um *essai*. *O princípio da intraduzibilidade só funciona como par alternante com essa noção de Ser como tradução: só há, eu repito, diferença (i.e. intraduzibilidade), onde há diferença (i.e. o Ser como jogo de diferenças)* (Seligmann-Silva, 2018, p. 187, grifo do autor).

Passamos pela explicação do acompanhamento do processo, o Caderno da Tradutora, que mantivemos integralmente como anexo deste trabalho, para demonstrar os percalços e o processo em si da tradução, dando notícias das lacunas, tensões, diferenças, e ocos que nos deparamos no caminho. Também demos sinais das dificuldades de se lidar com a tradução assistida por computador, usando exemplos do próprio texto de Tiphaine Samoyault.

Este ensaio foi pensado enquanto faísca para iniciar o debate da escolha tradutiva, os dilemas de uma escrita tradutória, reparando no caráter interminável de navegar na relação e na impossibilidade da tradução pura e simples, afinal, não há nunca *une langue*, uma única língua. “*S’il faut toujours traduire, si la traduction est toujours interminable, c’est parce que le sens ne cesse de bouger dans la langue*”,²⁴ (Samoyault, 2020 p. 25). A tradução é interminável porque o sentido está sempre mudando na língua (pela polifonia de sentidos, que sempre canta mais alto) e isso torna a tradução possível, impossível e sempre necessária.

²⁴ “Se é sempre preciso traduzir, se a tradução é sempre interminável, é porque o significado nunca pára de se mover na linguagem” (Samoyault, 2020 p. 25. Tradução nossa).

Je suis convaincu qu'il existe une prédisposition éthique à l'origine du réflexe traducteur : il me semble que, sans cette position du « soi-même comme un autre », la traduction est toujours menacée de devenir hégémonique, assimilatrice » (Ost e Bary, p. 653; *apud* Samoyault, 2020, p. 21)²⁵

Ou seja, sem o *je est un autre*²⁶, sem a ambivalência e o duplo contido numa relação indissolúvel, não existe a tradução. É preciso aprender a aceitar os buracos, as faltas e as impossibilidades. E isso é algo que o trabalho com a letra possibilita enxergar. Aprender a usar a palavra com corpo e suor e, mesmo assim, saber que nada nunca é total: nenhum ponto de vista, inteiro; nenhuma língua, fechada em si; nenhuma tradução, igual. Há sempre um impossível, intransponível. Mas é preciso apostar para fazer a travessia.

²⁵ “Estou convencido de que há uma predisposição ética na origem do reflexo tradutor: me parece que, sem essa posição de 'si mesmo como outro', a tradução sempre corre o risco de se tornar hegemônica, assimiladora” (Ost e Bary, p. 653; *apud* Samoyault, 2020, p. 21. Tradução nossa).

²⁶ Construção feita pelo poeta Rimbaud (1854-1891), em carta a Georges Izambard de 1871.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**, in: Aristóteles, Horácio, Longino, A Poética Clássica, trad. J. Bruna, S. Paulo: Cultrix. 1988.
- BARTHES, Roland. **Éléments de sémiologie**. Communications, v. 4, n. 1, p. 91-135, 1964.
- BERMAN, A. **A tradução e seus discursos**. Alea: Estudos Neolatinos, v. 11, p. 341-353, 2009.
- BERMAN, A. **L'Épreuve de l'Étranger**. Culture et traduction dans l'Allemagne Romantique, Paris: Gallimard, 1984
- BERMAN, A. **A tradução e a letra**. 7Letras, 2007.
- CAMBRIDGE Dictionary**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/us/>>. Acesso em jul/2023.
- CASTELAIN, A. (dir.). **Traduction et migration** : Enjeux éthiques et techniques. Nouvelle édition [en ligne]. Paris: Presses de l'Inalco, 2020.
- CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. CNRTL**. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/or>>.
- COCCIA, Emanuele. **Philosophie de la maison**. Éditions Rivages, 2021.
- COLLINS DICTIONARY**. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/dictionary/french-english/>>
- DICIONÁRIO Moderno de Francês-Português da Porto Editora**. Kindle ebook, Intangible Press, 2012.
- DICTIONNAIRE LITTRÉ**. Disponível em: <<https://www.littre.org/>>. Acesso em jul/2023.
- FREUD, S. **Freud – O infamiliar** [Das Unheimliche] – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). BOD GmbH DE, 2019.
- JACQUES, D. Apprendre à vivre enfin. **Entretien avec Jean Birnbaum, Paris, Galilée/Le Monde**, 2005.
- LAROUSSE**. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/>>
- LE-DICTIONNAIRE**. Disponível em: <<https://www.le-dictionnaire.com/>>. Acesso em jul/2023.
- LEXILOGOS**. Disponível em: <https://www.lexilogos.com/francais_dictionnaire.htm>. Acesso em jul/2023.
- LINGUEE**. Disponível em: <<https://www.linguee.com.br/>>

LINTERNAUTE.COM. Disponível em: <<https://www.linternaute.fr/dictionnaire/fr/>>. Acesso em jul/2023.

LORDE, A. The transformation of silence into language and action. **Identity politics in the women's movement**, p. 81-84, 1977.

MERRIAM-WEBSTER Dictionary. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/>>. Acesso em jul/2023.

MESCHONNIC, H. **Critique du rythme**: Anthropologie historique du langage. Paris: Verdier, 1982.

MESCHONNIC, H. **Poética do Traduzir**. [tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich]. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MODERN MT. Disponível em: <<https://www.modernmt.com>>

OST, F.; BARY, N. La traduction et le multilinguisme. **Études**, v. 417, n. 12, p. 653-665, 2012.

OXFORD Dictionary. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/>>. Acesso em jul/2023.

REIS, E. J. **Traduzindo Tiphaine Samoyault**: tradução comentada de Traduction et violence. 2021. Trabalho de Monografia da Universidade de Brasília – UnB.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. [Tradução Denise Bottman]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAMOYAUULT, T. **Traduction et violence**. Éditions du Seuil, 2020.

SANS SOLEIL. Direção: Chris Marker. Produção de Argos Films. França, 1983.

SELIGMANN-SILVA, M. **O local da diferença**. Editora 34. 360 p. 2018, 2ª edição.

SINONIMOS. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br>>

TIPHAINÉ Samoyault: «La traduction n'est pas une langue». Entrevista à Tiphaine Samoyault. Disponível em: <<https://www.mediapart.fr/journal/culture-idees/120320/tiphaine-samoyault-la-traduction-n-est-pas-une-langue>>, acesso em ago/2021.

TOKARCZUK, O. **Sobre os ossos dos mortos**. Todavia, 2019.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA - VOLP. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>

VOISSET-VEYSSEYRE, C. **Violence dans la langue: le cran d'arrêt vu par Roland Barthes**. 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Vorlesungen 1930-1935**. Frankfurt, 1984.

WORDREFERENCE. Disponível em: <<https://forum.wordreference.com/>>. Acesso em jul/2023.

WORLD CAT. Disponível em: <<https://www.worldcat.org/pt/title/181337817>>. Acesso em jan/2023.

ANEXO I — CADERNO DA TRADUTORA

Quadro 29 — Caderno da tradutora com comentários

ORIGINAL	TRADUÇÃO	Comentários
La double violence	A dupla violência	
On reconnaît l’original en ce qu’il est infidèle à ses traductions. François Vaocluse	Reconhecemos o original naquilo em que é infiel a suas traduções. ²⁷ François Vaocluse	Precisei deixar a indicação das notas de rodapé só na tradução, se não ficava duplicada pela formatação do Word. Mas deixei as da autora todas na mesma posição do original.
La violence inhérente à l’acte même de la traduction (à plusieurs niveaux : pour le texte à traduire, pour le traducteur, pour la langue du texte traduit) et la violence liée au fait que la traduction accompagne les situations de violence historique passées ou actuelles sont donc indéniables.	A violência inerente ao próprio ato de tradução (em vários níveis: para o texto a traduzir, para o tradutor, para a língua do texto traduzido) e a violência ligada ao fato de que a tradução acompanha situações passadas ou atuais de violência histórica são, portanto, inegáveis.	
Un conflit est presque toujours accompagné d’un problème de traduction, d’autant plus lorsque, dans un contexte mondialisé, les armées, la propagande, les récits impliquent la réunion de plusieurs nations et de plusieurs langues.	Um conflito é quase sempre acompanhado por um problema de tradução, especialmente quando, em um contexto globalizado, exércitos, propaganda, narrativas envolvem a união de várias nações e vários idiomas.	
Après le 11 septembre 2001, les institutions états-uniennes responsables de la sécurité ont eu du mal à recruter des spécialistes compétents pour décoder la masse de documents en arabe qui leur arrivait.	Após o 11 de setembro de 2001, as instituições estadunidenses responsáveis pela segurança tiveram dificuldade em recrutar especialistas competentes para decodificar a quantidade massiva de documentos em árabe que chegava até eles.	
Elles ont espéré compenser ce manque en recourant à des logiciels de traduction automatique qui avaient déjà été utilisés massivement au moment de la guerre en Bosnie : « L’un des logiciels les plus prisés, rappelle Emily Apter, portait le nom optimiste de “Diplomate”. Mais les résultats se sont révélés peu fiables, voire tragiquement erronés. Les enjeux de la métraduction sont une question de vie ou de mort, car, sur le théâtre d’opérations de la guerre, une erreur de logiciel peut facilement déclencher des “tirs amis” provoquant la mort de ceux qui ont été pris pour des cibles ennemies. »	Elas esperavam compensar essa falta ao recorrer a softwares de tradução automática que já haviam sido amplamente usados na época da guerra na Bósnia, como lembra Emily Apter: “Um dos softwares mais populares tinha o nome otimista de ‘Diplomata’. Mas os resultados revelaram-se pouco confiáveis, e até tragicamente errados. As implicações de uma <i>métraduction</i> , má-tradução, são questões de vida ou morte, visto que, no teatro de operações de guerra, um erro de software pode facilmente desencadear ‘fogo amigo’, causando a morte daqueles que foram confundidos com alvos inimigos.” ²⁸	
À ces erreurs de traduction commises par les machines s’ajoute la manipulation des récits, plus ou moins consciente lors	A estes erros de tradução cometidos por máquinas, se adiciona a manipulação de narrativas, mais ou menos consciente, ao	

²⁷ L’Art de traduire, Châlons-en-Champagne, éditions Hapax, 2008, p. 14 [tradução nossa].

²⁸ 1. Emily Apter, *The Translation Zone*, op. cit., p. 24. [Tradução nossa da tradução francesa.]

<p>du passage d'une langue à l'autre, alimentant s'il en était besoin le soupçon de désinformation et la théorie du complot.</p>	<p>passar de uma língua para outra, alimentando, se necessário, a suspeita de desinformação e teoria da conspiração.</p>	
<p>Une erreur d'interprétation peut enclencher une guerre et la guerre elle-même s'alimente de mauvaises traductions.</p>	<p>Um erro de interpretação pode deflagrar uma guerra, e a própria guerra se alimenta de traduções ruins.</p>	<p>más traduções/traduções ruins. - acho que vou manter traduções ruins para não confundir com o conceito de métraduction-mátradução.</p>
<p>Dans la fameuse histoire de la dépêche d'Ems, l'incident diplomatique est créé par une mauvaise traduction d'«<i>Adjutant</i>» – officier d'état-major en allemand et sous-officier en français – laissant penser que l'ambassadeur de France a été rejeté de manière vexatoire par un simple adjudant ; c'est le début d'un terrible enchaînement qui conduit quelques jours plus tard la France à déclarer la guerre à la Prusse.</p>	<p>Na famosa história do despacho de Ems²⁹, o incidente diplomático foi criado por uma tradução ruim de “<i>Adjutant</i>” – oficial do estado-maior em alemão e suboficial em francês – sugerindo que o embaixador francês havia sido vexatoriamente rejeitado por um simples ajudante, adjutant; sendo o início de uma terrível cadeia de eventos que, alguns dias depois, leva a França a declarar guerra à Prússia.</p>	<p>O despacho de Ems (em alemão Emser Depesche) é um documento histórico. Foi o telegrama que relatava o encontro, em 13 de Julho de 1870 entre o Rei da Prússia Guilherme I e o embaixador da França na Prússia em Bad Ems no rio Lahn, perto de Koblenz, na altura pertencente à Prússia. Este telegrama foi encurtado por Bismark, de forma tal que o tornava uma afronta aos franceses, provocando a declaração de Guerra da França à Prússia em 19 de Julho de 1870, como desejado por Bismark para concluir a unificação de seu país.</p>
<p>On connaît d'autres erreurs de traduction qui ont eu une part dans des catastrophes de l'Histoire : ainsi, lorsque les Américains adressent un ultimatum au Premier ministre japonais en juillet 1945, celui-ci répond : « <i>Mokusatsu</i> », « Sans commentaire », expression ambivalente et polysémique en japonais à laquelle les traducteurs américains donnent le sens de « traiter par le mépris », ce qui est compris comme un rejet de l'ultimatum.</p>	<p>Sabe-se que outros erros de tradução tiveram um impacto em desastres históricos: por exemplo, quando os americanos enviaram um ultimato ao primeiro-ministro japonês em julho de 1945, este respondeu: “<i>Mokusatsu</i>”, “Sem comentários”, uma expressão ambivalente e polissêmica em japonês à qual os tradutores americanos dão o significado de “tratar com desprezo”, e que foi entendido como uma rejeição do ultimato.</p>	<p>Esse tipo de multilinguismo é simples, é só transpor o que tiver em francês português e o que tiver em outra língua no original eu deixo na outra língua.</p>

²⁹ N.T. O despacho de Ems (em alemão Emser Depesche) é um documento histórico. Foi o telegrama que relatava o encontro, em 13 de Julho de 1870 entre o Rei da Prússia Guilherme I e o embaixador da França na Prússia em Bad Ems no rio Lahn, perto de Koblenz, na altura pertencente à Prússia. Este telegrama foi encurtado por Bismark, de forma tal que o tornava uma afronta aos franceses, provocando a declaração de Guerra da França à Prússia em 19 de Julho de 1870, como desejado por Bismark para concluir a unificação de seu país.

Dans <i>Zones de traduction</i> , Emily Apter propose une lecture du <i>Pont aux trois arches</i> d’Ismaïl Kadaré qui témoigne de l’implication des questions de traduction dans les conflits.	Em <i>The Translation Zone</i> [Zonas de Tradução], Emily Apter oferece uma leitura de <i>Pont aux trois arches</i> [Ponte de três arcos] de Ismaïl Kadaré, que atesta o envolvimento de questões de tradução em conflitos.	Escolhi alterar o nome dos livros para seus nomes originais, recuperando mesmo a origem, pensando na arqueologia de conceitos.
Le roman met en scène la construction d’un pont censé relier les territoires ottomans et balkaniques rivaux – nous sommes en 1377.	O romance retrata a construção de uma ponte que supostamente liga os territórios otomanos e balcânicos rivais – o ano é 1377.	
« La guerre des langues n’est pas moins tragique que la guerre entre les hommes », y dit un personnage.	“A guerra das línguas não é menos trágica que a guerra entre os homens”, diz um personagem.	
Les Turcs et leur discours multilingue (« langue infernale », dit le traducteur chargé de la négociation entre les deux côtés) viennent progressivement entamer la domination de l’albanais.	Os turcos e seu discurso multilíngue (“língua infernal”, diz o tradutor encarregado de negociar entre os dois lados) gradualmente começam a comprometer a dominação da língua albanesa.	
Bien évidemment, pour Kadaré, cette histoire répète par anticipation les guerres des Balkans qui scandent l’histoire du xxe siècle.	É evidente que, para Kadaré, essa história repete por antecipação as guerras balcânicas que pontuam a história do século XX.	
Tout comme son propre roman reprend le point de départ du célèbre <i>Pont sur la Drina</i> d’Ivo Andrić : là aussi, c’est une traduction qui déclenche les hostilités.	Assim como seu próprio romance toma o ponto de partida da famosa <i>Na Drini ćuprija</i> [Ponte sobre o Drina] de Ivo Andrić: aqui também, é uma tradução que desencadeia hostilidades.	
Une sorte de « derviche » turc s’aventure par erreur dans le camp serbe, où l’interprète qui le soumet à l’interrogatoire n’a qu’une « maigre connaissance du turc » et fait délibérément en sorte que, dans sa traduction, les « mots abstraits » de Sefko « semblent suspects, sentent le politique » et aient l’air de « trahir des visées dangereuses ».	Uma espécie de “dervixe ³⁰ ” turco se aventura erroneamente no campo sérvio, onde o intérprete que o submete ao interrogatório tem apenas um “escasso conhecimento de turco” e deliberadamente garante que, em sua tradução, as “palavras abstratas” de Sefko “soem suspeitas, cheirem a política” e pareçam “revelar intenções perigosas”.	Porque ela coloca as aspas em dervixe?
L’enchaînement des circonstances ne produit ensuite que du conflit et des catastrophes.	A sucessão das circunstâncias leva apenas a conflitos e desastres.	
Les espaces frontaliers dramatisent les difficultés de communication.	Os espaços fronteiriços dramatizam as dificuldades de comunicação.	espaços fronteiriços
Les politiques contemporaines d’hostilité aux migrants, notamment dans les États-Unis de Trump mais aussi dans de nombreux pays d’Europe, font un usage pervers de l’intraduisible.	As políticas contemporâneas de hostilidade aos migrantes, especialmente nos Estados Unidos de Trump, mas também em muitos países da Europa, fazem um uso perverso do intraduzível.	
Faute de fournir aux demandeurs d’asile des interprètes leur permettant d’expliquer leur histoire et leurs besoins, ils tirent prétexte d’un récit maladroit ou fautif pour les expulser.	Por não fornecer intérpretes que permitam aos requerentes de asilo explicar suas histórias e suas necessidades, eles usam um relato malfeito/malcontado ou faltoso como pretexto para deportá-los.	requerentes de asilo maladroit - mal feita; falar de alexis nous
Des enquêtes ont montré qu’à la frontière mexicaine les populations autochtones, en particulier les Guatémaltèques ne	Pesquisas mostraram que, na fronteira mexicana, as populações autóctones, especialmente os guatemaltecos que falam	letra maiuscula ou miniscula? ela usa miniscula

³⁰ N.T. Um dervixe é um praticante aderente ao islamismo sufista, que segue o caminho ascético da "Tariqah", conhecidos pela sua extrema pobreza e austeridade.

parlant que l'une ou l'autre des langues mayas (le mam, le k'iche' et le q'anjob'al), étaient rendues encore plus fragiles du fait de la faiblesse ou de la rareté des traductions.	apenas uma ou outra das línguas maias (Mam, K'iche' e Q'anjob'al), tornaram-se ainda mais frágeis devido à insuficiência ou raridade de traduções.	Mam, K'iche' e Q'anjob'al
Quand les traducteurs manquent lors des auditions, on fournit parfois des interprètes par téléphone, mais ce dispositif ne favorise ni l'expression ni la compréhension.	Quando faltam tradutores durante as audiências, os intérpretes às vezes são fornecidos por telefone, mas esse recurso não favorece nem a expressão e nem a compreensão.	
Ainsi, plus de la moitié des enfants expulsés sans leurs parents ne parlaient ni l'anglais ni l'espagnol.	Dessa maneira, mais da metade das crianças deportadas sem seus pais não falavam nem inglês, nem espanhol.	deportadas ou expulsas??
Des enfants sont parfois séparés de leur famille pour des problèmes de traduction ; isolés dans les camps, ils oublient leur langue natale et se retrouvent dans un abandon encore plus grand de ne pouvoir y communiquer dans aucune des langues en partage dans ces lieux.	As crianças às vezes são separadas de suas famílias por problemas de tradução; isoladas nos campos, elas esquecem a sua língua nativa e se veem num abandono ainda maior por não poderem comunicar-se em nenhuma das línguas compartilhadas nesses lugares. ³¹	
Ces crises de la traduction témoignent non seulement d'un défaut de la traduction en elle-même, mais aussi d'un manque.	Essas crises da tradução evidenciam não apenas um defeito/ <i>défaut</i> na própria tradução, mas também uma falta.	
On est logiquement conduit à penser qu'une augmentation quantitative et qualitative des traductions en corrigerait certains effets.	Nós somos logicamente levados a pensar que um aumento quantitativo e qualitativo das traduções corrigiria alguns efeitos.	
Pourtant, les difficultés inhérentes au passage d'une langue à l'autre empêchent parfois la réparation.	No entanto, as dificuldades inerentes à passagem de uma língua à outra, às vezes, impedem a reparação.	
J'irais même plus loin en disant que les litiges ou les différends sont rarement entièrement réglés par la traduction puisque cette dernière les exhibe tout en les apaisant.	Eu iria ainda mais longe ao dizer que disputas ou desacordos raramente são totalmente resolvidos pela tradução, uma vez que ela tanto os revela quanto os apazigua.	
Ainsi, il devient possible de penser ensemble les différents types de violence distingués déjà dans un chapitre précédent : les violences historiques dans lesquelles la traduction joue un rôle et les violences propres à l'espace du traduire.	Deste modo, torna-se possível pensar conjuntamente os diferentes tipos de violência já mencionados num capítulo anterior: as violências históricas nas quais a tradução desempenha um papel e as violências específicas ao espaço do traduzir.	
Contrairement à Lawrence Venuti dans <i>The Scandals of Translation</i> , il ne s'agit pas de s'indigner des violences faites aux traducteurs et à la traduction, qui seraient selon lui victimisés et marginalisés par l'ensemble des institutions (certes, il a fait ce constat il y a plus de vingt ans et il est peu probable qu'il pourrait encore le faire aujourd'hui tant les <i>translation studies</i> se sont imposées, et ce, même si la prévalence de la notion d'auteur et le droit du copyright continuent à dévaluer économiquement la traduction).	Ao contrário de Lawrence Venuti em <i>The Scandals of Translation</i> [Escândalos da tradução], não se trata de indignar-se com a violência causada aos tradutores e à tradução, que seriam, de acordo com ele, vitimizados e marginalizados pelo conjunto das instituições (de fato, o autor fez essa constatação há mais de vinte anos e é pouco provável que ainda a fizesse hoje, considerando que os <i>translation studies</i> se impuseram, mesmo que a prevalência da noção de autoria e das leis de copyright continuem a desvalorizar economicamente a tradução).	<i>translation studies</i> com itálico copyright sem itálico

³¹ Rachel Nolan, "A Translation Crisis at the Border", *The New Yorker*, 6 de janeiro de 2020.

D'un point de vue socio-économique, la situation du traducteur s'est nettement améliorée, du moins en France.	De um ponto de vista socioeconômico, a situação do tradutor melhorou significativamente, pelo menos na França.	
Au plan mondial, les disparités restent cependant criantes, et même au plan européen (si un traducteur en France est rémunéré entre dix-sept et vingt euros le feuillet, en Italie le tarif moyen est de dix euros).	No entanto, em escala mundial, as disparidades ainda permanecem gritantes, até mesmo numa escala europeia (se um tradutor na França é remunerado de dezessete a vinte euros por página, na Itália, a média é de dez euros).	
Aujourd'hui où il est moins certain que le caractère marginal ou périphérique de la traduction puisse éclairer le centre d'une autre lumière, il paraît important de dire en quoi elle prend aussi part à des procédures de domination, de répression et de censure.	Hoje em dia, quando é menos certo que o caráter marginal ou periférico da tradução possa lançar outra luz sobre o centro, parece importante dizer como ela também participa de procedimentos de dominação, repressão e censura.	
Lorsqu'on relie traduction et violence, on donne deux directions, interne et externe, au second terme, comme on l'a vu en traitant des antagonismes propres à l'espace du traduire.	Ao relacionarmos tradução e violência, ao segundo termo, deu-se duas direções, interna e externa, como vimos ao abordar os antagonismos próprios do espaço do traduzir.	Quando se faz a relação entre tradução e violência Quando relacionamos tradução com violência precisei alterar a pontuação. espaço do traduzir é o termo q utilizamos para espaço do traduire.
Il y a une violence inhérente à la traduction, celle qui déforme, trahit, transforme le texte original, allant même parfois jusqu'à lui dénier son statut d'original, celle qui procède du mouvement qui pousse à traduire ; la violence exercée par le texte qui enjoint de traduire – selon Derrida, la possibilité de la traduction naît d'une impossibilité – est une violence interne.	Existe uma violência inerente à tradução, aquela que deforma, trai, transforma o texto original, às vezes chegando até a negar-lhe seu status de original, aquela que procede do movimento que empurra a traduzir; a violência exercida pelo texto que ordena a traduzir – segundo Derrida, a possibilidade da tradução nasce de uma impossibilidade – é uma violência interna.	statut - status - estatuto Essa frase refere-se à ideia de que o próprio texto exercita uma forma de violência ao demandar sua tradução, uma ação que inevitavelmente distorce, trai e transforma o texto original. a violência exercida pelo texto que exige a tradução / demanda sua tradução/ ordena a traduzir /traduzi-lo
Et il y a une violence externe, dans laquelle le traducteur peut être impliqué (la traduction en contexte totalitaire, de guerre ou de violence extrême) et où il peut avoir un rôle ambivalent, d'un côté en contribuant à la mise en place du système autoritaire ou dominant – par l'annexion de l'étranger sous une langue hégémonique, par la censure – ou, de	E existe uma violência externa, na qual o tradutor pode estar implicado (tradução em contexto totalitário, de guerra ou de violência extrema) e na qual pode ter um papel ambivalente, por um lado contribuindo para o estabelecimento do sistema autoritário ou dominante – pela anexação do estrangeiro por sob uma língua hegemônica, pela censura – ou, por outro lado,	Et il y a une violence externe, dans laquelle le traducteur peut être impliqué (la traduction en contexte totalitário, de guerre ou de violence extrême) e onde ele pode ter um papel

<p>l'autre côté, en profitant de la multiplicité propre à la traduction pour favoriser des manières de déjouer le système oppressif.</p>	<p>aproveitando a multiplicidade própria à tradução para favorecer maneiras de frustrar o sistema opressor.</p>	<p>ambivalente, de um lado contribuindo para o estabelecimento do sistema autoritário ou dominante - pela anexação do estrangeiro sous uma língua hegemônica, pela censura - ou, de outro, aproveitando da multiplicidade inerente à tradução para favorecer maneiras de frustrar o sistema opressivo.', a palavra 'sous' é uma preposição francesa que significa 'sob' ou 'debaixo de' em português.</p> <p>sous une langue - por sob uma língua</p>
<p>Les développements d'Antoine Berman sur la traduction ethnocentrique permettent de penser cette double violence, interne et externe : plus il y a appropriation symbolique et culturelle, plus les tendances déformantes de la traduction apparaissent.</p>	<p>Os desdobramentos de Antoine Berman a respeito da tradução etnocêntrica possibilitam pensar nessa dupla violência, interna e externa: quanto mais apropriação simbólica e cultural há, mais as tendências deformativas da tradução aparecem.</p>	<p>tendências deformativas - tendências de deformação</p> <p>Relembrar qual o termo traduzido pro Berman, tendências deformativas ou de deformação?</p>
<p>Ainsi, lorsque les déformations se font dans le but d'un oubli, d'un anéantissement de l'œuvre de l'autre, violence politique et violence de l'opération traductive s'épaulent l'une l'autre.</p>	<p>Portanto, quando as deformações são feitas com o objetivo de um esquecimento, de uma aniquilação da obra do outro, a violência política e a violência da operação tradutiva se apoiam mutuamente.</p>	<p>operação tradutiva - operação tradutória</p>
<p>Pour autant, ce n'est pas le cas pour la plus grande partie des traductions, qui ne font jouer l'une ou l'autre violence qu'à la marge.</p>	<p>Apesar disso, esse não é o caso da maioria das traduções, que usam apenas uma ou outra violência à <i>la marge</i>, pelas beiradas.</p>	<p>à la marge, pelas beiradas. Quis recuperar o termo que ela mesma deixa em itálico.</p>
<p>L'ambivalence de la traduction elle-même en fait un objet trouble, susceptible d'instrumentalisation.</p>	<p>A própria ambivalência da tradução a torna um <i>objet-trouble</i>, objeto turvo, suscetível de instrumentalização.</p>	<p><https://www.cnrtl.fr/definition/trouble></p>
<p>Inversement, elle est capable d'introduire un mouvement de réparation qui lui donne un vrai rôle dans le dépassement de certaines violences subies : toute l'œuvre de Georges-Arthur Goldschmidt entre l'allemand et le français en témoigne ; tout comme le</p>	<p>Por outro lado, ela é capaz de introduzir um movimento de reparação que lhe atribui um verdadeiro papel na superação de algumas das violências sofridas: toda a obra de Georges-Arthur Goldschmidt entre o alemão e o francês atesta isso; assim como o texto de Antjie Krog, <i>Country of My Skull</i>³², em que</p>	<p>No original em inglês, Country of my Skull, país do meu esqueleto; na tradução em francês, La Douleur des mots, a dor das palavras;</p>

³² NT. No original em inglês, Country of my Skull, país do meu esqueleto; na tradução em francês, La Douleur des mots, a dor das palavras; em português brasileiro, ainda sem tradução. Inserimos a presente nota da tradutora levando em conta que a tradução do título em francês adiciona uma camada interessante à leitura do trecho.

texte d'Antjie Krog, <i>La Douleur des mots</i> , qui relate son expérience de traductrice lors des débats de la Commission Vérité et Réconciliation en Afrique du Sud.	relata sua experiência como tradutora durante os debates da Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul.	em português brasileiro, ainda sem tradução. Inserimos a presente nota da tradutora levando em conta que a tradução do título em francês adiciona uma camada interessante à leitura do trecho.
Violence de la traduction	Violência da tradução	
<i>La traduction détruit l'original</i>	<i>A tradução destrói o original</i>	
L'énoncé est différent de celui, plus convenu, selon lequel la traduction trahit l'original.	Afirmação diferente daquela, mais convencional, segundo a qual a tradução trai o original.	
La formule prend en compte la dimension de différence propre à la traduction ; c'est ainsi qu'elle a pu devenir une évidence et même un cliché.	A fórmula leva em conta a dimensão da diferença característica da tradução; foi assim que ela pôde se tornar uma evidência e até mesmo um clichê.	
L'axiome « La traduction détruit l'original » implique que certaines traductions font violence au texte et d'autres non.	O axioma "A tradução destrói o original" implica que algumas traduções fazem violência ao texto, cometem violência ao texto, e outras não.	tirar o parágrafo violam o texto, cometem violência ao texto. Fazer violência
Dans une perspective de sacralisation de la lettre du texte, la traduction est toujours perçue comme une violence, voire comme un acte blasphématoire, et des violences peuvent être commises contre elle.	Dentro de uma perspectiva de sacralização da letra do texto, a tradução é sempre percebida como uma violência, até mesmo como um ato blasfêmico, e violências podem ser cometidas contra ela.	blasfêmico
Comme nous l'avons vu, dans une conception évaluative de la traduction, ce sont les mauvaises traductions qui détruisent l'original, pas les bonnes.	Como já vimos, em uma concepção avaliativa da tradução, são as traduções ruins que destroem o original, não as boas.	más traduções/traduições ruins
Ainsi, dans <i>Poétique du traduire</i> de Meschonnic, à travers l'analyse des traductions de <i>Eine Kleine Frau</i> de Kafka, et en particulier de celle de Vialatte de 1948, c'est de cela qu'il s'agit : « On ne lit toujours pas Kafka en français », écrit-il.	Assim, na <i>Poétique du traduire</i> [Poética do Traduzir] de Meschonnic, por meio da análise das traduções de <i>Eine Kleine Fraude</i> [Uma Pequena Mulher] Kafka, e em particular a de Vialatte de 1948, é disso que se trata: "Ainda não lemos Kafka em francês", escreve ele.	Uma Pequena Mulher
L'oubli, la destruction sont favorisés par des opérations multiples : le code prime sur le rythme, le mot pour mot est refusé alors qu'il est le plus souvent possible, des distorsions proviennent du désir d'interprétation des traducteurs.	O esquecimento, a destruição são favorecidos por múltiplas operações: o código prevalece sobre o ritmo, o palavra por palavra é recusado o mais frequentemente possível, distorções vêm do desejo de interpretação dos tradutores.	esse trecho ficou horrível
« Le problème des limites à reconnaître à la concordance interne d'un texte trouve ainsi son statut théorique : les distorsions se font dans un lexicalisme pour lequel l'herméneutique offre une dernière justification. ³³ »	"O problema dos limites em reconhecer a concordância interna de um texto encontra assim seu estatuto teórico: as distorções se fazem num lexicalismo para o qual a hermenêutica oferece uma última justificação."	Tradução da Jerusa e Suely, de 2010.
Meschonnic va même jusqu'à parler de « désécriture » pour évoquer ce processus de destruction de l'original.	Meschonnic chega até mesmo a falar de "desescritura" para evocar esse processo de destruição do original.	Peguei essa citação do Meschonnic já traduzida pela Jerusa e Suely, de 2010.

³³ Henri Meschonnic, *Poétique du traduire*, op. cit., p. 321. [Tradução de Jerusa e Suely, de 2010].

À côté de ce modèle évaluatif, il en existe un autre, différentialiste, qui admet la destruction et la déformation mais qui en fait les conditions mêmes de la survie, sous une autre forme, du texte.	Junto a esse modelo avaliativo existe um outro, diferencialista, que não só admite a destruição e a distorção, mas as torna as próprias condições de sobrevivência, sob outra forma, do texto.	Essa pontuação me incomodou em português
La vulnérabilité de la traduction est réelle ; mais comme il est dans sa nature d'être située dans l'espace et dans le temps il n'est pas certain que, lorsqu'on parle de vulnérabilité de la traduction, on ne parle pas, en fait, de vulnérabilité de l'œuvre elle-même, toujours susceptible d'être abîmée ou détournée dans le voyage, ce qu'a bien montré l'exemple d'« Une charogne ».	A vulnerabilidade da tradução é real; mas como é de sua natureza estar situada no espaço e no tempo, não é certo que, quando falamos da vulnerabilidade da tradução, não falemos de fato da vulnerabilidade da própria obra, que está sempre sujeita a ser danificada ou desviada ao longo da viagem, como o exemplo de “ <i>Une charogne</i> ” mostrou claramente.	<i>Une charogne</i>
D'ailleurs, un second argument en faveur de la vulnérabilité de l'œuvre révélée par la traduction tient à la relative traduisibilité ou intraduisibilité des textes.	Além disso, um segundo argumento a favor da vulnerabilidade da obra revelada pela tradução reside na relativa traduzibilidade ou intraduzibilidade dos textos. ³⁴	
Certains résistent à la traduction, non seulement parce que tout serait supérieur dans l'original, selon l'opinion courante et convenue où l'on croit à l'intégrité de ce dernier, mais parce qu'ils ne parviennent pas à maintenir leur force en traduction, en aucune langue.	Alguns resistem à tradução não apenas porque tudo seria superior no original, de acordo com a opinião vigente e convencional que acredita na integridade deste último, mas porque não conseguiriam manter a sua força em tradução, em qualquer idioma.	
Cette forme d'intraduisibilité ne dépend pas de la qualité des traductions.	Esta forma de intraduzibilidade não depende da qualidade das traduções.	
Il est frappant par exemple qu'une œuvre comme celle de Kafka, quelle que soit l'imperfection de ses traductions, conserve sa force dans toutes les langues du monde, malgré ses difficultés ponctuelles, tenant en particulier au fonds d'oralité présent dans ses textes.	É impressionante, por exemplo, que uma obra como a de Kafka, seja qual for a imperfeição de suas traduções, mantenha a sua força em todas as línguas do mundo, apesar de dificuldades pontuais, em especial devido ao caráter oral de seus textos.	
Or Milan Kundera a bien montré que sa traduisibilité était un leurre, sa simplicité, l'ascétisme de son vocabulaire, étant précisément ce qui n'est pas traduit : ainsi, les répétitions, en particulier celles touchant les verbes « être » et « avoir », ne sont presque jamais	No entanto, Milan Kundera mostrou claramente que sua traduzibilidade é uma miragem, sua simplicidade, o ascetismo de seu vocabulário sendo precisamente o que não é traduzido: assim, as repetições, em especial as que se referem aos verbos “ser” e “ter”, quase nunca são traduzidas como tais nas traduções francesas. ³⁵	

³⁴ Apresentando sua nova tradução de Kafka na “Bibliothèque de la Pléiade” (2019), Jean-Pierre Lefebvre insiste neste ponto: “Assim, podemos dizer que a língua alemã de Kafka é marcada por dois impulsos contraditórios: primeiro, um impulso de bom estudante da língua alemã, em um ambiente multilíngue onde a língua majoritária do país é o tcheco. Ele tinha medo de ser vítima de interferência linguística, de fazer “praguismos”, “íidices” ... O segundo impulso, que contradiz o primeiro, é o do sopro poético da improvisação, o do discurso que se leva cada vez mais longe. Por trás disso, está a experiência das histórias que ele deu às suas irmãs e das quais temos testemunhos, o gosto pelo teatro, a animação de uma palavra sem tantas restrições” (“Kafka : la relève”, entrevista de Tiphaine Samoyault com Jean-Pierre Lefebvre e Georges-Arthur Goldschmidt, *En attendant Nadeau*, 23 de outubro de 2018 — <https://www.en-attendant-nadeau.fr/2018/10/23/kafka-lefebvre-goldschmidt>).

³⁵ Milan Kundera, *Les Testaments trahis*, Paris, Gallimard, coll. “Fólio”, 1993, p. 130: “Os tradutores tendem a enriquecer o vocabulário. [...] Essa tendência é compreensível: de que forma o tradutor será valorizado? De acordo com a sua fidelidade ao estilo do autor? Isso é exatamente o que os leitores em seu próprio país não poderão julgar. Em contrapartida, a riqueza do vocabulário será imediatamente sentida pelo público como um valor, uma performance, uma prova do domínio e da competência do tradutor.”

russe, si vous ne savez pas cela. C'est aussi simple que ça.»	você não consegue falar russo se não souber disso. É simples assim.” ³⁷	
Cette évidence est ce qui ne fait pas de Pouchkine un auteur mondial comme l'est Kafka, même lorsqu'on parvient enfin à le traduire.	Essa obviedade é o que não faz de Pushkin um autor mundial como Kafka é, mesmo quando finalmente conseguimos traduzi-lo.	
La première hypothèse que l'on pourrait tenter d'invoquer pour l'expliquer est celle de l' <i>identité</i> nationale ou linguistique des textes.	A primeira hipótese que poderíamos levantar para explicar isso é a da <i>identidade</i> nacional ou linguística dos textos.	
La vulnérabilité de Pouchkine tiendrait ainsi à sa russité.	A vulnerabilidade de Pushkin residiria, portanto, em sua russidade.	
Cette russité renvoie moins à un nationalisme, qui serait sans doute transportable, les nationalismes ayant fleuri ou pouvant le faire un peu partout, qu'à un caractère relevant de la langue maternelle, de la langue natale ou plus généralement de ce qu'on appelle le vernaculaire.	Essa russidade se refere menos a um nacionalismo, que sem dúvida seria transportável, tendo os nacionalismos florescido ou podendo florescer em qualquer lugar, do que a um caráter relativo à língua materna, à língua nativa ou, mais geralmente, ao que é chamado de vernáculo.	
La traduction est certes toujours le moyen de transport du local : elle le déplace et le fait changer d'échelle, soit en conduisant ce local vers un autre local, soit en l'étendant du côté du mondial.	É claro que a tradução é sempre o meio de transporte do local: ela o desloca e o faz mudar de escala, seja movendo esse local para outro local, seja ampliando-o em direção ao global.	
Mais le local en tant que tel, qu'on l'appelle maternel ou dialectal, reste précisément ce qui ne se traduit pas.	Mas o local como tal, quer o chamemos de materno ou dialetal, permanece sendo precisamente o que não se traduz.	
Il n'est pas seulement dans les mots, dans la syntaxe ; il est dans une manière de rythmer, de nuancer, d'articuler des silences, au plus près de la parole, du grain de la voix, du paysage qui l'a recueilli, du corps qui l'a prononcé et transmis.	E vai além disso, não está apenas nas palavras, na sintaxe; está na forma de ritmar, de nuançar, de articular silêncios, o mais próximo possível da palavra, do grão da voz, da paisagem que a recolheu, do corpo que a pronunciou e a transmitiu.	Lindo esse trecho
C'est la langue intraduisible qui réclame d'être traduite et éveille le désir de la traduction.	É a língua intraduzível que demanda ser traduzida e desperta o desejo de tradução.	
Une seconde hypothèse permettant peut-être d'expliquer cette vulnérabilité particulière de certaines œuvres pourrait précisément tenir à leur difficulté à retourner à l'état d'ébauche, à leur résistance au devenir brouillon dans la traduction.	Uma segunda hipótese que talvez permita explicar essa vulnerabilidade específica de algumas obras pode estar relacionada justamente à dificuldade de retornar ao estado de esboço, à resistência de se tornarem um rascunho na tradução.	
Une fois décomposées, elles ne pourraient se recomposer dans une autre langue, parce que leur forme ne serait pas transposable ou que cette transposition serait précisément ce qui les décompose, ne laissant plus voir que des lambeaux.	Uma vez decompostas, elas não poderiam se recompor em outra língua, porque sua forma não seria transponível ou porque essa transposição seria justamente o que as decompõem, deixando apenas retalhos à vista.	
Cette vulnérabilité particulière des œuvres qui ne parviennent pas à rester «	Essa vulnerabilidade específica de obras que não conseguem permanecer “grandes” na	“importantes” na tradução? Ou

³⁷ “Monstres en traduction”, mesa redonda moderada por Tiphaine Samoyault, reunindo Guy Jovet, André Markowicz, Patrick Quillier e Aline Schulman, *Twenty-eighth Assises de la traduction littéraire (Arles 2011)*, Arles, Actes Sud, 2012.

grandes » en traduction tient paradoxalement à leur relative traduisibilité.	tradução se deve, paradoxalmente, à sua relativa traduzibilidade.	mantenho “grandes”? ela usa outras vezes esse termo de “traduction grandes” e prefiro manter a polifonia de grandes: literalmente livros altos, grossos. Acho que captura melhor que “importantes”
Les œuvres réputées intraduisibles sont à l’inverse celles qui sont toujours traduites, qui invitent à la traduction et la rendent possible.	As obras com reputação de intraduzíveis são, pelo contrário, aquelas que são sempre traduzidas, que convidam à tradução e a tornam possível.	
Elles poussent à ce mouvement d’inachèvement dans lequel elles sont conduites par la traduction.	Elas impulsionam para esse movimento de inacabamento na qual são guiadas pela tradução.	incompletude ou inacabamento?
Ainsi, <i>La Disparition</i> de Perec a déjà été traduite treize fois en neuf langues différentes (quatre traductions existant en anglais, ce qui invite à la comparaison).	Assim, <i>La Disparition</i> [O Sumiço] de Perec já foi traduzido treze vezes para nove línguas diferentes (existem quatro traduções apenas em inglês, o que convida à comparação entre elas).	
Les traducteurs ont chaque fois accompagné leur expérience de récits ou commentaires où ils présentent leurs choix, leurs décisions par rapport au défi constitué par la traduction du roman lipogrammatique : qu’il soit si souvent traduit montre bien, s’il en est besoin, à quel point c’est la supposition d’intraduisible qui active le désir de traduire.	Em todos os casos, os tradutores juntaram à sua experiência relatos ou comentários nos quais apresentaram as suas escolhas e decisões em relação ao desafio que constitui a tradução do romance lipogramático: o fato de ele ser traduzido com tanta frequência mostra, se é que é necessária uma prova, até que ponto a suposição da intraduzibilidade é o que ativa o desejo de traduzir.	
Il apparaît bien vite que la difficulté réside en fait moins dans la transposition de la contrainte que dans ce qu’ouvre précisément la contrainte, à savoir toute une sémantique de la disparition par laquelle Perec raconte son histoire et transmet dans le même mouvement la mémoire de sa mère.	Imediatamente percebe-se que a dificuldade não está tanto na transposição da restrição quanto naquilo que abre, de fato, a restrição; a saber, toda uma semântica de <i>la disparition</i> , do sumiço, pela qual Perec conta sua história e, no mesmo movimento, transmite a memória da sua mãe.	Muito difícil. Mantive o original pra recuperar
Or l’intraduisible vient moins de ce qui saute aux yeux (l’absence de <i>e</i>) que de ce qui ne se lit pas, le blanc qu’il faut traduire.	Mas o intraduzível vem menos daquilo que salta aos olhos (a ausência do <i>e</i>) do que daquilo que não se lê, o branco <i>qu’il faut traduire</i> , que é preciso traduzir. ³⁸	qu’il faut traduire – recupera a frase de Derrida que ela cita no fim
Inversement, les œuvres apparemment traduisibles sont celles qui mettent la traduction dans une telle forme	Inversamente, obras aparentemente traduzíveis seriam aquelas que colocam a tradução em evidência de tal forma que, às vezes, a tornam muito mais difícil.	é estranho traduzir esses trechos de agora, que são complicados de

³⁸ A comparação das duas versões em inglês por John Lee (*Vanish’d!*) e por Gilbert Adair (*A Void*) é fascinante. Sobre isso, ver também o trabalho inteiramente dedicado a essa questão na edição 12 de *Palimpsestes* (2000, pp. 99-157): “A plausibilidade de uma tradução: o caso de *La Disparition* de Perec”, editado por Sara R. Greaves, Paul Bensimon e Michaël Oustinoff, e com artigos de Sara R. Greaves, Mireille Ribière e John Lee. Os *Vingt-Huitièmes Assises de la traduction littéraire* (op. cit.) publicam as observações de uma mesa redonda sobre as traduções em vários idiomas de *La Disparition*. Existem duas outras versões inéditas em inglês (além da de John Lee): *A Vanishing*, de Ian Monk, e *Omissions*, de Julian West.

d'évidence qu'elles la rendent parfois beaucoup plus difficile.		traduzir, que demandam atenção, tempo, pesquisa, paciência, e traduzir um trecho que é exatamente isso, que fala que obras que aparentemente são super traduzíveis, que colocam a tradução em evidência na verdade a torna muito mais difícil.
Leur apparente perfection serait de ce point de vue leur limite puisqu'elle restreindrait leur capacité à se mettre à l'épreuve de la pluralisation et de l' <i>infini</i> – aux sens d'imperfection et d'inachèvement – ouverts par la traduction.	Sua aparente perfeição seria, por esse ponto de vista, seu limite, uma vez que restringiria sua capacidade de se colocar à prova da pluralização e do <i>infinito</i> – no sentido de imperfeição e inacabamento – abertos pela tradução.	d'inachèvement - inacabamento
La transparence est violence lorsqu'elle est recherchée par la traduction, lorsqu'elle est idéologique et qu'elle postule la communication universelle.	Transparência é violência quando é buscada por meio da tradução, quando é ideológica e quando pressupõe a comunicação universal.	
Inversement, l'apparente transparence d'un texte peut être violente pour le traducteur.	Por outro lado, a aparente transparência de um texto pode ser violenta para o tradutor.	
Elle place les deux langues face à une sorte de miroir liquide où il lui paraît n'avoir rien d'autre à faire que de se mirer... ou de se noyer.	Ela posiciona as duas línguas em frente a um tipo de espelho líquido que parece não ter mais nada a fazer a não ser se olhar... ou se afogar.	Tem uma camada aqui em francês que acho que não pude passar ao português, ou seja, se mirer – miroir . Mirar a si mesmo -> espelho/se espelhar. Mas "se espelhar" não é a mesma coisa que mirar/olhar. "Se admirar" também não.
<i>La traduction fait violence à la langue</i>	<i>A tradução faz violência à língua</i>	Voltamos ao "faz violência". Pensei no mais comum "comete violência", mas achei interessante colocar esse "faz violência", manter uma estranheza na língua literalmente fazendo violência a ela.
La traduction malmène la langue d'arrivée en y important des structures syntaxiques, des rythmes, voire des mots étrangers.	A tradução maltrata a língua de chegada ao importar estruturas sintáticas, ritmos ou até mesmo palavras estrangeiras.	
La déformation, ici, a lieu en aval, dans l'opération d'étrangéisation de la bibliothèque dans la langue d'arrivée, par la levée de la langue de l'original dans celle-ci.	A deformação, aqui, ocorre a jusante, na operação de estrangeirização da biblioteca na língua de chegada, por meio de uma suspensão da língua do original na de chegada.	Essa aqui a máquina me deu uma opção engraçada pra estrangéisation: estrangulamento. Aí

		fui pesquisar em FR e vi que tem duas formas <i>étrangisation</i> e <i>étrangéisation</i> para estrangeirização. Tinha que fazer uma pesquisa mais longa pra ver como os outros autores usam em FR levée – suspensão?
La traduction littérale proposée par Hölderlin, par Chateaubriand, par Klossowski, celle défendue par Antoine Berman dans <i>L'Épreuve de l'étranger</i> et dans <i>La Traduction et la Lettre</i> , suscite des réactions négatives de la part de tous ceux pour qui la traduction doit donner le sentiment d'être ce que le texte aurait été s'il avait été écrit dans la langue d'arrivée, de tous ceux qui sont tournés vers le lecteur et considèrent que le texte traduit doit remplacer l'original.	A tradução literal proposta por Hölderlin, por Chateaubriand, por Klossowski, a defendida por Antoine Berman em <i>L'Épreuve de l'étranger</i> [A prova do estrangeiro] e em <i>La Traduction et la Lettre</i> [A tradução e a letra] desperta reações negativas por parte de todos aqueles para quem a tradução deve dar a sensação de ser o que o texto teria sido se tivesse sido escrito na língua de chegada, de todos aqueles que se voltam para o leitor e consideram que o texto traduzido deve substituir o original.	
Contre la traduction-équivalence ou la traduction-remplacement, les littéralistes défendent l'idée de la traduction-« copie », qui laisse voir l'original par transparence : c'est la fameuse préface de Chateaubriand à sa traduction du <i>Paradis perdu</i> de Milton – « j'ai calqué le poème de Milton à la vitre » –, modèle de la traduction littéralisante, où il s'agit de faire de la traduction non un simple reflet, mais une production technique d'illusion.	Contra a tradução-equivalência ou a tradução-substituição, os literalistas defendem a ideia de tradução-“cópia”, que permite ver o original através da transparência: é o famoso prefácio de Chateaubriand à sua tradução de <i>Paradis perdu</i> [Paraíso perdido] de Milton – “eu decalquei o poema de Milton no vidro”, “ <i>j'ai calqué le poème de Milton à la vitre</i> ” –, modelo de tradução literalizante, em que se trata de fazer da tradução não uma simples reflexão, mas uma produção técnica de ilusão.	“j'ai calqué le poème de Milton à la vitre” – mantive o original junto pra evocar as imagens que provoca francês, foi meio intraduzível esse trecho. Também demanda uma pesquisa mais longa para verificar outras traduções. Calquer – tentei trazer decalcar, pra recuperar o som do original e o ato de decalque. Vitre – pensei em vitral, mas mantive vidro.
Entre les deux textes il y a un geste, et c'est ce geste qui compte, comme compte l'espace-temps qui constitue cet « entre » pouvant produire le même.	Entre os dois textos há um gesto, e é esse gesto que conta, assim como conta o espaço-tempo que constitui esse “entre” que pode produzir o mesmo.	Não gostei da minha tradução
Une telle démarche s'accompagne toujours d'une certaine audace.	Uma tentativa dessas é sempre acompanhada de uma certa audácia.	
La préface d'Antonin Artaud à l'édition de sa traduction du <i>Moine</i> de Lewis chez Denoël l'affirme nettement : « La présente édition n'est ni une traduction ni une adaptation – avec toutes les sales privautés que ce mot suppose avec un texte – mais une sorte de “copie” en français du texte anglais original » ; dans	O prefácio de Antonin Artaud à edição de sua tradução de <i>Le Moine</i> [O Monge] de Lewis, publicada pela Denoël, deixa isso claro: “A presente edição não é uma tradução nem uma adaptação - com todas as sujas liberdades que essa palavra implica em um texto - mas uma espécie de ‘cópia’ em	

une lettre à Jean Paulhan, Artaud reconnaît néanmoins qu'il « [a] raconté Le Moine, comme de mémoire et à [s]a façon ».	francês do texto original em inglês ³⁹ ; em uma carta a Jean Paulhan, Artaud, no entanto, reconhece que “recontou <i>Le Moine</i> , como se fosse de memória e à sua maneira”.	
À regarder de près son travail on se rend compte en effet que ce processus qu'il appelle « copie » est en fait une sorte de travail limite d'absorption de l'autre par lequel la traduction devient plus vraie que l'original.	Ao olhar mais de perto o seu trabalho percebemos que, de fato, esse processo que ele chama de “cópia” é, na verdade, uma espécie de trabalho limite de absorção do outro por meio da qual a tradução se torna mais verdadeira do que o original.	
Or, étrangement, il n'a plus besoin, pour ce faire, de passer par l'original.	Mas, estranhamente, para fazer isso, ele não precisa mais passar pelo original.	
Il s'appuie, on le sait, sur la fameuse traduction française de Léon de Wailly pour dégager le texte et de l'indicible et de l'intraduisible.	Ele se apoia, como sabemos, na famosa tradução francesa de Léon de Wailly para libertar o texto do indizível e do intraduzível.	erro de digitação do original ? pour dégager le texte et de l'indicible et de l'intraduisible.
Ainsi, au moment où le personnage aperçoit pour la première fois ce qui est imprimé sur le front du juif errant, la traduction de De Wailly donne : « Je levai les yeux et vis une croix ardente imprimée sur son front. Je suis bien incapable de rendre compte de l'horreur que cet objet m'inspira, mais je n'avais jamais rien ressenti de pareil. Mes sens me quittèrent en quelques instants.	Assim, no momento em que o personagem vê pela primeira vez o que está marcado na testa do judeu errante, a tradução de De Wailly diz: “Olhei para cima e vi uma cruz em chamas marcada em sua testa. Eu sou totalmente incapaz de descrever o horror que este objeto inspirou em mim, mas nunca senti nada parecido. Meus sentidos me abandonaram por alguns instantes”.	
Artaud supplée cette incapacité à dire en décrivant précisément la sensation vécue dans le corps même du traducteur : « Un feu malicieux et féroce bondit sur moi comme si toute la méchanceté des abîmes célestes avait pris pour me frapper la pénétration même de la lumière. Mon esprit, mon âme, mes facultés, tout ce qui me donnait la sensation d'être là, de tremper dans quelque chose, de me suspendre, d'aller, de venir, de résister, tout était coupé en forme de croix ; c'était un écartèlement ardent et qui m'inspirait comme une folie de me dissoudre, sans que l'éternité elle-même fût assez longue pour me permettre d'y parvenir.	Artaud compensa essa incapacidade de dizer ao descrever precisamente a sensação experienciada no próprio corpo do tradutor: “Um fogo malicioso e feroz se precipitou sobre mim como se toda a maldade dos abismos celestiais tivessem aproveitado a própria penetração da luz para me atingir. Minha mente, minha alma, minhas capacidades, tudo o que me dava a sensação de estar ali, de estar imerso em alguma coisa, de me suspender, de ir, de vir, de resistir, tudo era cortado no formato de cruz; era um dilaceramento ardente que me inspirava como uma loucura de me dissolver, sem que a própria eternidade fosse longa o suficiente para me permitir alcançá-la”. ⁴⁰	
La violence est intériorisée, elle peut être transmise.	A violência é interiorizada, e pode ser transmitida.	
À la fin du texte, au moment où la tempête emporte dans sa fureur le corps	Ao fim do texto, no momento em que a tempestade, em sua fúria, arrasta o corpo do	Pegar uma tradução da bíblia? Mas tem

³⁹ . Antonin Artaud, “*Le Moine*” de Lewis narrado por Antonin Artaud, in *Obras Completas*, t. VI, Paris, Gallimard, 1966, p. 11. Sobre isso, ver também o final do prefácio: “Lamento viver num mundo em que feiticeiros e adivinhos se escondem, e em que há tão poucos adivinhos de verdade. [...] Eu me entrego a charlatães, benzedeiros, magos, feiticeiros e quiromantes, porque todas essas coisas existem e porque, para mim, não há limites e nem formas fixas às aparências; e algum dia, Deus – ou o MEU ESPÍRITO –, reconhecerá os seus.” (p. 13) [tradução nossa].

⁴⁰ *Ibidem*, p. 129. Ver o estudo de Jonathan Pollock na mesa redonda sobre Antonin Artaud e tradução: *Vingt-Deuxièmes Assises de la traduction littéraire* (Arles 2005), Arles, Actes Sud, 2006, pp.46-51. [Tradução nossa].

du moine réprouvé, Artaud ajoute en lettres capitales une morale de son cru, absente et de l'original et de la traduction dont il s'inspire : « Et maintenant : "Que celui qui n'a jamais péché lui jette la première pierre." »	monge rejeitado, Artaud acrescenta em letras maiúsculas uma moral de seu credo, ausente tanto do original quanto da tradução em que ele se inspira: "E agora: 'Aquele que nunca pecou, que atire a primeira pedra'." ⁴¹	muitas em português, é um versículo "Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra" (Jo 8,7)
En reconnaissant qu'il ne faisait qu'un avec le personnage et son auteur, Artaud a accompli le trajet complet du créateur à la création et de la création au créateur.	Ao reconhecer que era um só com o personagem e seu autor, Artaud percorreu a jornada completa do criador à criatura e da criatura ao criador.	
Plus tard, à Rodez, lorsque le docteur Ferdière lui suggère de traduire des textes de Carroll, il admet que tous les textes qu'il traduit sont des plagiat par anticipation de ses propres œuvres.	Mais à frente, em Rodez, quando o Dr. Ferdière lhe sugere que traduza os textos de Carroll, ele admite que todos os textos que ele traduziu eram plágios de suas próprias obras.	
Il a le sentiment, comme il en a déjà fait l'expérience avec <i>Le Moine</i> , que c'est lui qui a pensé, écrit, vécu les choses qu'il transpose.	Ele tem a impressão, que já havia tido na experiência com <i>Le Moine</i> , de que é ele que pensou, escreveu e vivenciou as coisas que está transpondo.	
On est ici non dans une opération d'appropriation mais dans le mécanisme inverse de dépossession.	Não estamos aqui numa operação de apropriação, mas no mecanismo inverso de desapropriação.	
Carroll, Matthew Gregory Lewis l'ont dépossédé de son œuvre, de ses affects, de ses organes.	Carroll, Matthew Gregory Lewis o desapropriaram de seu trabalho, seus afetos, seus órgãos.	
Il a le sentiment d'un vol. Ce processus révèle bien sûr la violence de la littérature elle-même, mais il est aussi un cas limite où s'exprime la puissance d'arrachement de la traduction.	Paira o sentimento de um roubo. Esse processo, por certo, revela a violência da literatura em si, mas também é um caso limite no qual o poder de dilaceramento da tradução se manifesta.	
Cet arrachement est condition d'un retour à l'origine, où l'on retrouve la puissance d'un langage magique, d'un langage d'avant les mots.	Esse dilaceramento é a condição de um retorno à origem, onde encontramos o potência de uma linguagem mágica, uma linguagem antes das palavras.	
La correspondance de 1943 avec le docteur Ferdière à propos des inventions verbales de Carroll en porte témoignage : « J'ai été extrêmement frappé, écrit Artaud, lorsque vous-même, M. Ferdière, m'avez signalé que l'invention verbale pure et où se pose encore une fois le problème toujours pendant des origines du langage était celui qui vous tenait le plus à cœur [...] tout le passage concernant les mots porte-manteau me paraît d'une actualité stupéfiante.	A correspondência de 1943 com o Dr. Ferdière sobre as invenções verbais de Carroll testemunha isso: "Fiquei extremamente impressionado", escreve Artaud, "quando você, Sr. Ferdière, me apontou que a invenção verbal pura, que mais uma vez coloca o problema sempre presente das origens da linguagem, que foi a mais cara à você [...], toda a passagem relativa às palavras com aglutinação me parece ser de uma atualidade surpreendente". ⁴²	é a que está mais próxima do seu coração - tenir au coeur mots porte-manteau – aglutinação, amálgama
» Et lorsqu'il traduit, sous le titre « L'Arve et l'Aume », le « Humpty Dumpty » de Carroll, il multiplie les inventions verbales pour déposséder le nonsense des promesses de sens qu'il pourrait encore receler.	E quando ele traduz, sob o título "L'Arve et l'Aume" o "Humpty Dumpty" de Carroll, ele multiplica invenções verbais para desapropriar o nonsense das promessas de sentido que ainda poderia conter.	L'Arve et l'Aume – L'arbre et l'homme ? Essa valeria uma nota de rodapé.
Dans une conférence inaugurale prononcée aux Vingt-Deuxièmes Assises de la traduction littéraire à Arles, portant précisément sur la violence, Claro,	Em palestra inaugural proferida na Vigésima Segunda Conferência de Tradução Literária em Arles, tratando justamente da violência, o escritor Claro, tradutor da literatura	Na ordem do original ficava ambíguo que era um nome de um poeta e não a

⁴¹ Antonin Artaud, "Le Moine" de Lewis raconté par Antonin Artaud, op. cit., p. 314. [Tradução nossa].

⁴² Antonin Artaud, *Nouveaux Écrits de Rodez*, Paris, Gallimard, 1977, p. 85. [Tradução nossa].

<p>écrivain et traducteur de littérature américaine (notamment de Pynchon), évoque, par le détour de l'expérience d'Artaud traducteur, mais aussi de sa propre expérience – il est alors en train de traduire <i>Le Tunnel</i> de William Gass – , le processus de vitrification auquel il est soumis.</p>	<p>americana (especialmente Pynchon), evoca pelo desvio da experiência de Artaud tradutor, mas também da sua própria experiência – no momento, ele estava traduzindo <i>Le Tunnel</i> [O túnel], de William Gass –, o processo de vitrificação a que está submetido.</p>	<p>interjeição, “claro”: “tratando justamente da violência, Claro, escritor e tradutor da literatura americana” Pensei em colocar sobrenome mas ele só usa o nome artístico dele, Claro, puro e simplesmente.</p>
<p>« Voilà où, je crois, ou plutôt j'en suis sûr, s'élançe la vraie violence, l'évidence qui luit. L'acte de traduire s'apparenterait à un comportement étrange, qui n'est pas faire le singe (quoique...), mais plutôt faire la vitre, c'est-à-dire renoncer définitivement à la contemplation des miroirs, laisser le paysage situé à l'extérieur devenir reflet et le regard du lecteur se poser sur ce reflet. Oui, que le lecteur prenne plaisir à poser ses pattes et écraser son nez contre cette vitre qu'il faut devenir. Que le lecteur s'y cogne aussi, bien sûr, soit que la netteté du verre ait gommé son existence, soit que la résistance du matériau ait agacé sa patience. »</p>	<p>“É aqui, acho eu, ou melhor, tenho certeza, que a verdadeira violência se lança, evidência que transparece. O ato de traduzir pareceria com um comportamento estranho, que não seria fazer-se de palhaço (se bem que...), mas sim fazer-se vitral, ou seja, renunciar definitivamente de contemplar espelhos, deixar a paisagem situada no exterior virar reflexo e o olhar do leitor repousar sobre esse reflexo. Sim, que o leitor tenha prazer em descansar as mãos e esmagar seu nariz contra esse vidro que ele deve vir-a-ser. Que o leitor também colida com ele, é claro, seja porque a nitidez do vidro embaçou sua existência ou porque a resistência do material irritou sua paciência”⁴³.</p>	<p>faire le singe - fazer-se de palhaço</p>
<p>Et pourtant cette transparence a aussi la liquidité de l'eau et l'œuvre en elle prend l'apparence tordue d'un bâton.</p>	<p>E contudo, essa transparência traz a liquidez da água e a obra nela assume a aparência distorcida de um bastão.</p>	<p>Minha tradução ficou confusa</p>
<p>L'image de la vitre est une image double, évoquant à la fois la résistance et la transparence, l'empêchement et la possibilité.</p>	<p>A figura do vidro é uma imagem dupla, evocando resistência e transparência, impedimento e possibilidade.</p>	
<p>Elle dit bien l'ambivalence de la traduction comme violence et réparation tout ensemble.</p>	<p>Além disso, expressa claramente a ambivalência da tradução, como violência e reparação, tudo ao mesmo tempo.</p>	
<p>L'hypothèse de l'intraduisible est alors parfois l'expression d'une résistance au caractère destructif de la traduction : marquer la différence, l'inappropriable en même temps que l'idée que le jeu en vaut la chandelle.</p>	<p>Por isso, a hipótese do intraduzível é, às vezes, a expressão de uma resistência ao caráter destrutivo da tradução: marcar a diferença, o inapropriado ao mesmo tempo em que prevalece a ideia de que valeu a pena o esforço.</p>	
<p>« Il faut traduire », écrit Derrida, jusqu'au fait même de la multiplicité des langues, même si « ce qui fut <i>fait</i> comme confusion des langues ne peut plus se laisser reconduire, par la traduction, dans une seule langue, ni même réduire [...] dans <i>la</i> langue ».</p>	<p>“É preciso traduzir”, “<i>Il faut traduire</i>”, escreve Derrida, mesmo com a multiplicidade das línguas, mesmo que “aquilo que foi <i>feito</i> como confusão de línguas não possa mais ser reconduzido, pela tradução, para uma única língua, nem mesmo reduzido [...] <i>na</i> língua”.⁴⁴</p>	<p>Aqui, onde ela recupera a fala de Derrida e onde deixei o original também. <i>Fait – fazer violência. Feito como confusão de línguas. Como se ao fazer, faz-se com as próprias mãos, como</i></p>

⁴³ Claro, “En toute violence”, *Vingt-Deuxièmes Assises de la traduction littéraire (Arles 2005)*, op. cit., p. 30. [Tradução nossa].

⁴⁴ Jacques Derrida, *Ulysse gramophone*, op. cit., pp. 44-45. [tradução nossa, quase morri pra traduzir. Talvez eu tenha errado].

		<i>eu digito esse texto, cria-se do zero.</i>
La transformation ou la déformation de la langue d'arrivée est une puissance créative de la traduction ; et pas seulement parce qu'on trouve sa langue en se frottant aux auteurs étrangers qu'on imite et dont on se nourrit en traduisant.	A transformação ou a deformação da língua de chegada é uma potência criativa da tradução; e não apenas porque encontramos com a nossa própria língua ao nos esfregarmos em autores estrangeiros, que imitamos, que nos nutrem ao traduzi-los.	
La réinvention de la langue est la puissance du processus : on fait lever en elle une syntaxe inattendue, des mots étrangers, des mots oubliés, des mots perdus.	A reinvenção da língua é a potência do processo: nela, suscitamos uma sintaxe inesperada, <i>palavras estrangeiras</i> , <i>des mots étrangers</i> , palavras esquecidas, palavras perdidas.	des mots étrangers, colocar itálico
Ainsi, Celan traduisant Michaux conserve une expression française pour inscrire l'altérité de l'autre langue : « Ils jouent la pièce "en étranger" », écrit Michaux dans « La ralentie », ce que Celan traduit ainsi dans « Die Verlangsamte » : « <i>Sie spielen das Stück en étranger</i> ».	Sendo assim, Celan, ao traduzir Michaux, mantém uma expressão francesa para inscrever a alteridade de outra língua: "Eles encenam a peça 'en étranger'", escreve Michaux em " <i>La ralentie</i> ", o que Celan traduz como " <i>Die Verlangsamte</i> ": " <i>Sie spielen das Stück en étranger</i> ". ⁴⁵	Esse multilinguismo é diferente, é mais difícil de traduzir. Mantive a mesma coisa, "en étranger". Literalmente mantendo o estrangeiro, também (vezes dois, quando chega na parte em alemão).
André Pézard traduisant Dante fait revenir une langue française du passé, pleine de ces archaïsmes qui s'élèvent contre la prétention de la traduction à la transparence.	André Pézard, ao traduzir Dante, traz de volta uma língua francesa do passado, cheia desses arcaísmos que se levantam contra a pretensão de transparência da tradução.	
Mais la force de sa traduction n'est pas seulement d'être archaïque, car sans doute alors ne nous dirait-elle plus rien.	Mas a força da sua tradução não está apenas em ser arcaica, pois, sem dúvida, isso não nos comunicaria mais nada.	
Elle invente entièrement cette langue du passé en ramenant des mots anciens, en reliant l'ancien français à l'ancien toscan, en forgeant quantité de nouveaux mots, en réactivant des sens et des sons français ensevelis sous l'usage moderne.	Além disso, sua tradução inventa completamente essa língua do passado, recuperando palavras antigas, vinculando o francês antigo ao toscano antigo, forjando uma série de novas palavras, reativando sentidos e sons franceses enterrados sob o uso moderno.	
Elle fait résonner le modèle dantesque, mettant en dialogue les langues et les cultures de l'espace européen médiéval tout en donnant au poème son air de pays lointain, son atmosphère de conte de fées.	Faz ressoar o modelo dantesco, colocando em diálogo as línguas e as culturas do espaço europeu medieval, ao passo que dá ao poema o ar de uma terra longínqua, a atmosfera de um conto de fadas.	
Toutes les grandes traductions sont néologiques.	Todas as grandes traduções são neológicas.	
Antoine Berman l'a montré dans son travail sur Jacques Amyot, qui a créé dans la langue française des centaines de termes (dont certains, comme « atome », « enthousiasme » ou « horizon », sont devenus courants en français) en traduisant Plutarque.	Antoine Berman demonstrou isso em seu trabalho sobre Jacques Amyot, no qual criou centenas de termos na língua francesa (sendo que alguns, como "atome", "enthousiasme" ou "horizon", se tornaram comuns em francês) ao traduzir Plutarco ⁴⁶ .	Coloquei itálico porque são palavras do francês

⁴⁵ Citado em Axel Gellhaus (ed.), *Fremde Nahe, Celan als Übersetzer*, Marbach am Neckar, Deutsche Schillergesellschaft, 1997, p. 509.

⁴⁶ Antoine Berman, *Jacques Amyot, traducteur français*, Paris, Belin, 2012.

Devant elles, les lecteurs sont invités à réapprendre leur langue, à l’entendre à neuf, comme l’explique André Pézard dans son « Avertissement » : « Si ceux qui ouvriront ce livre veulent bien se laisser porter par le flot, sans chercher à tout comprendre du premier coup, mais à la façon du petit enfant qui apprend sa langue maternelle sans aucune règle ni raison donnée, je crois que par leurs propres moyens ils saisiront l’essentiel. Je souhaite d’abord qu’ils oublient l’artisan du xxe siècle dont ils ont cherché l’aide ; que chacun d’eux croie découvrir lui-même, comme s’il était le premier, un essai perdu de nos lettres naissantes, auquel on pardonne d’être un peu rude.	Diante delas, os leitores são convidados a reaprender a sua língua, a ouvi-la como se fosse nova, como André Pézard explica em seu “ <i>Avertissement</i> ”, seu prefácio: “Se aqueles que abrirem este livro estiverem dispostos a se deixar levar pelo fluxo, sem tentar entender tudo de imediato, <i>mas seguindo o caminho de uma criança pequena que aprende a sua língua materna sem nenhuma regra ou motivo aparente</i> , acredito que, por seus próprios meios, eles vão apreender o essencial. Eu desejo, em primeiro lugar, que esqueçam do artesão do século XX a quem pediram ajuda; que cada um acredite estar descobrindo sozinho, como se fosse o único, um ensaio perdido de nossas literaturas primeiras, perdoado por ser um pouco rústico.” ⁴⁷	
Violence et traduction	Violência e tradução	
Jacques Derrida fait partie des penseurs de la traduction qui ont lié sa violence ontologique aux processus de violence historique dans lesquels elle peut être prise.	Jacques Derrida é um dos pensadores da tradução que vinculou sua violência ontológica aos processos de violência histórica em que pode estar envolvida.	
Dans <i>Schibboleth</i> , il résiste à l’idée trop répandue de la traduction comme « passage » pour évoquer précisément les violences faites à l’endroit du passage.	Em <i>Schibboleth</i> , [Xibolete] ⁴⁸ ele resiste à ideia muito difundida de tradução como “passagem” para evocar precisamente as violências cometidas no lugar da passagem.	
Rappelant la guerre de l’armée de Jephthah contre la tribu d’Éphraïm, dans le Livre de Josué, où, pour empêcher les vaincus de fuir, on leur demandait à la frontière de dire un mot pour eux imprononçable, puisque les Éphraïmites dénonçaient leur différence en ne parvenant pas à prononcer correctement le « <i>sch</i> » de « <i>schibboleth</i> », Derrida relie la traduction à la marque de la différence : « Cette différence n’a aucun sens par elle-même, mais elle devient ce qu’il faut savoir reconnaître et surtout marquer pour faire le pas, pour passer la frontière d’un lieu où le seuil d’un poème, se voir accorder un droit d’asile ou l’habitation légitime d’une langue.	Relembrando a guerra travada pelo exército de Jefté contra a tribo de Efraim no Livro de Josué, em que, para impedir que os derrotados fugissem, foi-lhes pedido na fronteira que dissessem uma palavra que era impronunciável para eles, já que os efraimitas denunciavam sua diferença ao não pronunciarem corretamente o “ <i>sch</i> ” de “ <i>schibboleth</i> ”, Derrida vincula a tradução à marca da diferença: “Essa diferença não tem sentido em si mesma, mas torna-se aquilo que é preciso saber reconhecer e sobretudo marcar para dar o passo, para atravessar a fronteira de um lugar ou do limiar de um poema, para ver ser concedido o direito de asilo ou a habitação legítima de uma língua.” ⁴⁹	eu definitivamente não achei que teria que traduzir Derrida. Não tive tempo nem recursos pra verificar se já havia alguma tradução consagrada
» La différence doit pouvoir s’inscrire dans le corps : voilà le sens de la traduction.	A diferença deve poder se inscrever no corpo: eis o significado da tradução.	

⁴⁷ André Pézard, «Avertissement», in Dante, *Œuvres complètes*, traduction de l’italienne et commentaires par André Pézard, Paris, Gallimard, 1965, p. xix-xx. [Grifo da autora]. [Tradução nossa].

⁴⁸ N.T. Xibolete (do hebraico שִׁבּוֹלֵת, transl. shibōleth) é uma peculiaridade de pronúncia que serve para identificar um determinado grupo linguístico, funcionando praticamente como um tipo de senha linguística. Xibolete é a transliteração do vocábulo hebraico שִׁבּוֹלֵת, traduzido por alguns como espiga de grãos e por outros como torrente de água. A forma xibolete é registrada no Aurélio XXI e no Grande Manual de Ortografia, de Celso Pedro Luft. Já Antenor Nascentes registra a forma xibolete. O termo também pode ser escrito como xibolê ou xibolê.

⁴⁹ Jacques Derrida, *Schibboleth. Pour Paul Celan*, Paris, Galileu, 1986, p. 50. [Tradução nossa].

Il est vrai que, comme dans l'exemple biblique, beaucoup de situations violentes impliquent la traduction dans leur histoire – on en a déjà donné un aperçu en évoquant les antagonismes coloniaux.	É verdade que, como no exemplo bíblico, muitas situações violentas envolvem a tradução em sua história - já tivemos um vislumbre disso nos antagonismos coloniais.	
L'examen de certaines de celles-ci permet de voir s'il ne s'agit que d'une implication contingente ou si la traduction participe bel et bien des techniques de guerre et de violence qui semblent inscrites en elles.	Pela análise de algumas, é possível perceber se seria apenas questão de um envolvimento contingente ou se a tradução realmente participa das técnicas de guerra e violência que parecem estar inscritas nela.	
Ainsi, sous l'Inquisition, Étienne Dolet est brûlé au motif d'une liberté prise dans sa traduction d'un dialogue de Platon, sa proposition ayant été jugée blasphématoire, hérétique ; cette mise au bûcher est accompagnée d'un autodafé de tous ses livres.	Assim, em plena Inquisição, Étienne Dolet foi queimado por ter tomado liberdade em sua tradução de um diálogo de Platão, sua proposta tendo sido considerada uma blasfêmia e heresia ⁵⁰ ; essa incineração na fogueira foi acompanhada pela queima de todos os seus livros.	
Luther est considéré lui aussi comme un « traducteur diabolique » par les catholiques.	Lutero também é considerado um “tradutor diabólico” pelos católicos.	
Ces procès faits à la traduction se poursuivent jusqu'à notre époque, comme le prouvent les assassinats commis en son nom au moment de l'affaire Rushdie, même si, dans ce cas, la traduction est blasphématoire non en tant qu'elle touche à la lettre sacrée, mais parce qu'elle se fait traduction de la traduction, et se trouve donc doublement subversive.	Esses julgamentos contra a tradução continuam até hoje, como evidenciado pelos assassinatos cometidos em seu nome na época do caso Rushdie ⁵¹ , mesmo que, nesse caso, a tradução seja blasfema não na medida em que toca na letra sagrada, mas por ser uma tradução da tradução e, portanto, duplamente subversiva.	
On peut faire l'hypothèse que la part de l'interprétation laissée à la traduction, l'aménagement d'un espace concret de la réception dans l'œuvre – qui est ce qui distingue, au fond, la traduction de l'original –, est un <i>espace potentiellement sécessionniste</i> et émancipateur.	Podemos levantar a hipótese de que a parte da interpretação que cabe à tradução, o arranjo de um espaço concreto para a recepção dentro da obra – que é o que distingue, no fundo, a tradução do original –, é um <i>espaço potencialmente secessionista</i> e emancipatório.	
L'appropriation de cet espace devient violente, ou bien est perçue comme violente, dans la mesure où elle se heurte à un autre espace de réception, souvent hégémonique.	A apropriação desse espaço é violenta, ou então é percebida como violenta, na medida em que colide com outro espaço de recepção, muitas vezes hegemônico.	
Un exemple le montrera très bien, celui de la traduction de la Bible par Julia Smith.	Um exemplo disso é a tradução da Bíblia por Julia Smith.	
Entre 1847 et 1855, l'Américaine traduit seule le texte en anglais à partir de versions hébraïque, grecque et latine.	Entre 1847 e 1855, a americana, sozinha, traduziu o texto para o inglês das versões hebraica, grega e latina.	

⁵⁰ Étienne Dolet colocou as seguintes palavras na boca de Sócrates: que, após a morte, não se era mais "rien du tout", "nada".

⁵¹ Ettore Capriolo, tradutor italiano de Rushdie, foi esfaqueado em 3 de julho de 1991 e sobreviveu. Em 12 de julho do mesmo ano, Hitoshi Igarashi, o tradutor japonês, foi morto. Em 2 de julho de 1993, o tradutor turco Aziz Nesin foi alvo de um ataque a um hotel em Sivas que matou 37 pessoas. Michel Seurat, tradutor de um autor palestino, Ghassan Kanafani, morreu como refém durante a guerra do Líbano.

Un contexte familial – mère cultivée qui veut absolument donner une éducation à ses filles, éloignement de l'Église officielle qui interdit aux femmes de commenter les Écritures – a favorisé chez elle l'étude des langues anciennes ainsi que de la théologie.	Seu contexto familiar – mãe culta absolutamente determinada a dar educação às suas filhas, distanciamento da Igreja oficial que proíbe as mulheres de comentar as Escrituras – favoreceu nela o estudo das línguas antigas, bem como da teologia.	
L'adhésion de sa famille au programme millénariste du millérisme, qui avait prédit un second avènement du Christ en 1843, a fait le reste.	A adesão de sua família à agenda do Milenarismo, que havia previsto uma segunda vinda de Cristo em 1843, fez o resto.	
Le grand retour ne s'étant pas produit, John Miller a imputé l'absence à une erreur de calcul des interprètes canoniques de la Bible, ce qui a pu motiver le travail de reprise, volontairement très littéral, de Julia Smith, qui a imputé cette erreur de calcul à une traduction fautive.	Não tendo ocorrido o grande retorno, John Miller atribuiu a ausência a um erro de cálculo dos intérpretes canônicos da Bíblia, o que pode ter motivado o trabalho de retomada deliberadamente muito literal de Julia Smith, que atribuiu esse erro de cálculo a uma tradução defeituosa.	
Dans la préface à l'édition de 1876, voici ce qu'elle dit de sa méthode de travail : « <i>I wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavouring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James translators have wholly differed from this rule...</i> »	No prefácio da edição de 1876, eis o que ela diz sobre seu método de trabalho: “ <i>I wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavouring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James translators have wholly differed from this rule...</i> ”	
(Je l'ai traduit mot pour mot, sans rien ajouter qui fût de moi mais en tâchant de mettre le même mot en anglais que le mot en hébreu ou en grec, partout, alors que les traducteurs de la King James se sont beaucoup éloignés de cette règle...)	(“Eu o escrevi palavra por palavra, sem adicionar nenhuma ideia minha, mas me esforçando para colocar a mesma palavra em inglês para a mesma palavra hebraica ou grega em todos os lugares, enquanto os tradutores da King James ⁵² diferiram totalmente dessa regra...”).	Traduzi do original em inglês, e não da tradução que ela fez.
Il est manifeste que sa démarche engage un rapport conflictuel à la loi religieuse, à la loi des pères, à la fois en tant que loi sacrée et en tant que loi du sens, loi de l'interprétation.	É claro que sua abordagem envolve uma relação conflitante com a lei religiosa, com a lei dos padres, tanto como lei sagrada quanto como lei de significado, lei de interpretação.	
Julia Smith évacue l'appropriation masculine de la loi divine par l'interprétation qu'en ont donné les hommes, au profit d'un retour aux sources de ladite loi divine (la lettre du texte).	Julia Smith elimina a apropriação masculina da lei divina devido à interpretação dada a ela pelos homens, em prol de um retorno às origens da referida lei divina (a letra do texto).	
C'est ainsi que l'espace sécessionniste de la traduction permet dans ce cas une triple émancipation : par l'hétérodoxie d'abord (le millérisme contre la religion officielle) ; par la mise en cause de la traduction dominante, la King James Bible et ses présupposés, alors qu'elle est l'institution majeure de l'Église d'Angleterre ; enfin par l'affirmation d'une parole féminine, puisqu'il s'agit	Assim, o espaço secessionista da tradução permite, neste caso, uma tripla emancipação: pela heterodoxia (Millerismo contra a religião oficial); pelo questionamento da tradução dominante, a Bíblia King James e seus pressupostos, embora seja a principal instituição da Igreja da Inglaterra; e finalmente pela afirmação de uma palavra feminina, uma vez que é, de fato, a primeira tradução da Bíblia feita por uma mulher.	

⁵² N.T. A Bíblia King James, ou do Rei Jaime, também conhecida como Versão Autorizada do Rei Jaime, é uma tradução inglesa da Bíblia realizada em benefício da Igreja Anglicana, sob ordens do rei Jaime I no início do século XVII (data da primeira publicação: 1611.)

bel et bien de la première traduction de la Bible faite par une femme.		
Si elle n'est pas une traduction féministe proprement dite – au sens qu'on a pu donner depuis à cette expression –, on lit bien pourtant la volonté explicite, dans le dessein de Julia Smith, de réparer une injustice faite aux femmes, ce qu'évoque longuement Jean Delisle dans le chapitre qu'il lui consacre dans <i>Portraits de traductrices</i> .	Embora não seja uma tradução feminista propriamente dita – no sentido em que, desde então, pudemos dar a essa expressão – podemos ler a vontade explícita, no desígnio de Julia Smith, de reparar uma injustiça feita às mulheres, que Jean Delisle evoca longamente no capítulo que lhe dedica em <i>Portraits de traductrices</i> ⁵³ [Retratos de tradutoras].	
Parmi les règles qu'elle se donne, on remarque principalement le respect des temps verbaux (l'alternance du futur et du passé, notamment, qui caractérise l'écriture de la Genèse et qui n'est généralement pas respectée dans les traductions, qui s'adaptent au système verbal de la langue d'arrivée).	Dentre as regras que ela estabelece para si mesma, nota-se principalmente o respeito aos tempos verbais (a alternância do futuro e do passado, em particular, que caracteriza a escrita do Gênesis e que geralmente não é respeitada nas traduções, que se adaptam ao sistema verbal da língua de chegada).	
Par exemple, pour le verset 3, 20, Julia Smith traduit : « <i>And Adam will call his wife's name Life, for she was the mother of all living</i> », quand la New American Standard Bible traduit par : « <i>Now the man called his wife's name Eve, because she was the mother of all the living</i> ».	Por exemplo, para o versículo 3:20, Julia Smith traduz: “ <i>And Adam will call his wife's name Life, for she was the mother of all living</i> », sendo que a New American Standard Bible traduz: « <i>Now the man called his wife's name Eve, because she was the mother of all the living</i> ”.	Achei interessante que ela não traduziu esse trecho, mas traduziu o outro em inglês lá em cima. Segui a escolha dela. Até porque o ponto não é o que o texto diz, mas o uso dos tempos verbais. (que fica claro no texto.)
On note que son littéralisme la pousse ainsi à traduire le nom d'Ève par « <i>Life</i> », en le traitant non pas comme un nom propre mais selon sa signification, ce qui est encore une façon de prendre le parti de la source, de la lettre du texte.	Nota-se que sua literalidade a leva, ainda, a traduzir o nome de Eva por “ <i>Life</i> ”, tratando-o não como um nome próprio, mas de acordo com seu significado, o que ainda é uma maneira de tomar o lado da fonte, da letra do texto.	

Fonte: quadro elaborado pela autora.

⁵³ Ver Louise von Flotow, “Julia E. Smith, traductrice de la Bible, à la recherche de la vérité par le littéralisme,” in Jean Delisle (ed.), *Portraits of Translators*, Ottawa, Les Presses de l'Université d'Ottawa / Arras, Artois Presses Université, 2002, pp.291-319.

ANEXO II — TRADUÇÃO INTEGRAL

A dupla violência

Reconhecemos o original naquilo em que é infiel a suas traduções.⁵⁴
François Vauclose

A violência inerente ao próprio ato de tradução (em vários níveis: para o texto a traduzir, para o tradutor, para a língua do texto traduzido) e a violência ligada ao fato de que a tradução acompanha situações passadas ou atuais de violência histórica são, portanto, inegáveis. Um conflito é quase sempre acompanhado por um problema de tradução, especialmente quando, em um contexto globalizado, exércitos, propaganda, narrativas envolvem a união de várias nações e vários idiomas. Após o 11 de setembro de 2001, as instituições estadunidenses responsáveis pela segurança tiveram dificuldade em recrutar especialistas competentes para decodificar a quantidade massiva de documentos em árabe que chegava até eles. Eles esperavam compensar essa falta ao recorrer a softwares de tradução automática que já haviam sido amplamente usados na época da guerra na Bósnia, como lembra Emily Apter: “Um dos softwares mais populares tinha o nome otimista de ‘Diplomata’. Mas os resultados revelaram-se pouco confiáveis, e até tragicamente errados. As implicações de uma *métraduction*, má- tradução, são questões de vida ou morte, visto que, no teatro de operações de guerra, um erro de software pode facilmente desencadear ‘fogo amigo’, causando a morte daqueles que foram confundidos com alvos inimigos.”⁵⁵. A estes erros de tradução cometidos por máquinas, se adiciona a manipulação de narrativas, mais ou menos consciente, ao passar de uma língua para outra, alimentando, se necessário, a suspeita de desinformação e teoria da conspiração.

Um erro de interpretação pode deflagrar uma guerra, e a própria guerra se alimenta de traduções ruins. Na famosa história do despacho de Ems⁵⁶, o incidente diplomático foi criado por uma tradução ruim de “*Adjutant*” – oficial do estado-maior em alemão e suboficial em francês – sugerindo que o embaixador francês havia sido vexatoriamente rejeitado por um simples ajudante, adjutant; sendo o início de uma terrível cadeia de eventos que, alguns dias depois, leva a França a declarar guerra à Prússia. Sabe-se que outros erros de tradução tiveram um impacto em desastres históricos: por exemplo, quando os americanos enviaram um ultimato ao primeiro-ministro japonês em julho de 1945, este respondeu: “*Mokusatsu*”, “Sem comentários”, uma expressão ambivalente e polissêmica em japonês à qual os tradutores americanos dão o significado de “tratar com desprezo”, e que foi entendido como uma rejeição do ultimato. Em *The Translation Zone* [Zonas de Tradução], Emily Apter oferece uma leitura de *Pont aux trois arches* [Ponte de três arcos] de Ismail Kadaré, que atesta o envolvimento de questões de tradução em conflitos. O romance retrata a construção de uma ponte que supostamente liga os territórios otomanos e balcânicos rivais – o ano é 1377. “A guerra das línguas não é menos trágica que a guerra entre os homens”, diz um personagem. Os turcos e

⁵⁴ L’Art de traduire, Châlons-en-Champagne, éditions Hapax, 2008, p. 14 [tradução nossa].

⁵⁵ 1. Emily Apter, *The Translation Zone*, *op. cit.*, p. 24. [Tradução nossa da tradução francesa.]

⁵⁶ N.T. O despacho de Ems (em alemão Emser Depesche) é um documento histórico. Foi o telegrama que relatava o encontro, em 13 de Julho de 1870 entre o Rei da Prússia Guilherme I e o embaixador da França na Prússia em Bad Ems no rio Lahn, perto de Koblenz, na altura pertencente à Prússia. Este telegrama foi encurtado por Bismark, de forma tal que o tornava uma afronta aos franceses, provocando a declaração de Guerra da França à Prússia em 19 de Julho de 1870, como desejado por Bismark para concluir a unificação de seu país.

seu discurso multilíngue (“língua infernal”, diz o tradutor encarregado de negociar entre os dois lados) gradualmente começam a comprometer a dominação da língua albanesa. É evidente que, para Kadaré, essa história repete por antecipação as guerras balcânicas que pontuam a história do século XX. Assim como seu próprio romance toma o ponto de partida da famosa *Na Drini çuprija* [Ponte sobre o Drina] de Ivo Andrić: aqui também, é uma tradução que desencadeia hostilidades. Uma espécie de “dervixe⁵⁷” turco se aventura erroneamente no campo sérvio, onde o intérprete que o submete ao interrogatório tem apenas um “escasso conhecimento de turco” e deliberadamente garante que, em sua tradução, as “palavras abstratas” de Sefko “soem suspeitas, cheirem a política” e pareçam “revelar intenções perigosas”. A sucessão das circunstâncias leva apenas a conflitos e desastres.

Os espaços fronteiriços dramatizam as dificuldades de comunicação. As políticas contemporâneas de hostilidade aos migrantes, especialmente nos Estados Unidos de Trump, mas também em muitos países da Europa, fazem um uso perverso do intraduzível. Por não fornecer intérpretes que permitam aos requerentes de asilo explicar suas histórias e suas necessidades, eles usam um relato malfeito/malcontado ou faltoso como pretexto para deportá-los. Pesquisas mostraram que, na fronteira mexicana, as populações autóctones, especialmente os guatemaltecos que falam apenas uma ou outra das línguas maias (Mam, K’iche’ e Q’anjob’al), tornaram-se ainda mais frágeis devido à insuficiência ou raridade de traduções. Quando faltam tradutores durante as audiências, os intérpretes às vezes são fornecidos por telefone, mas esse recurso não favorece nem a expressão e nem a compreensão. Dessa maneira, mais da metade das crianças deportadas sem seus pais não falavam nem inglês, nem espanhol. As crianças às vezes são separadas de suas famílias por problemas de tradução; isoladas nos campos, elas esquecem a sua língua nativa e se veem num abandono ainda maior por não poderem comunicar-se em nenhuma das línguas compartilhadas nesses lugares.⁵⁸

Essas crises da tradução evidenciam não apenas um defeito/*défaut* na própria tradução, mas também uma falta. Nós somos logicamente levados a pensar que um aumento quantitativo e qualitativo das traduções corrigiria alguns efeitos. No entanto, as dificuldades inerentes à passagem de uma língua à outra, às vezes, impedem a reparação. Eu iria ainda mais longe ao dizer que disputas ou desacordos raramente são totalmente resolvidos pela tradução, uma vez que ela tanto os revela quanto os apazigua. Deste modo, torna-se possível pensar conjuntamente os diferentes tipos de violência já mencionados num capítulo anterior: as violências históricas nas quais a tradução desempenha um papel e as violências específicas ao espaço do traduzir.

Ao contrário de Lawrence Venuti em *The Scandals of Translation* [Escândalos da tradução], não se trata de indignar-se com a violência causada aos tradutores e à tradução, que seriam, de acordo com ele, vitimizados e marginalizados pelo conjunto das instituições (de fato, o autor fez essa constatação há mais de vinte anos e é pouco provável que ainda a fizesse hoje, considerando que os *translation studies* se impuseram, mesmo que a prevalência da noção de autoria e das leis de copyright continuem a desvalorizar economicamente a tradução). De um ponto de vista socioeconômico, a situação do tradutor melhorou significativamente, pelo menos na França. No entanto, em escala mundial, as disparidades ainda permanecem gritantes, até mesmo numa escala europeia (se um tradutor na França é remunerado de dezessete a vinte euros por página, na Itália, a média é de dez euros). Hoje em dia, quando é menos certo que o caráter marginal ou periférico da tradução possa lançar outra luz sobre o centro, parece importante

⁵⁷ N.T. Um dervixe é um praticante aderente ao islamismo sufista, que segue o caminho ascético da "Tariqah", conhecidos pela sua extrema pobreza e austeridade.

⁵⁸ Rachel Nolan, “A Translation Crisis at the Border”, *The New Yorker*, 6 de janeiro de 2020.

dizer como ela também participa de procedimentos de dominação, repressão e censura. Ao relacionarmos tradução e violência, ao segundo termo, deu-se duas direções, interna e externa, como vimos ao abordar os antagonismos próprios do espaço do traduzir. Existe uma violência inerente à tradução, aquela que deforma, trai, transforma o texto original, às vezes chegando até a negar-lhe seu status de original, aquela que procede do movimento que empurra a traduzir; a violência exercida pelo texto que ordena a traduzir – segundo Derrida, a possibilidade da tradução nasce de uma impossibilidade – é uma violência interna. E existe uma violência externa, na qual o tradutor pode estar implicado (tradução em contexto totalitário, de guerra ou de violência extrema) e na qual pode ter um papel ambivalente, por um lado contribuindo para o estabelecimento do sistema autoritário ou dominante – pela anexação do estrangeiro por sob uma língua hegemônica, pela censura – ou, por outro lado, aproveitando a multiplicidade própria à tradução para favorecer maneiras de frustrar o sistema opressor. Os desdobramentos de Antoine Berman a respeito da tradução etnocêntrica possibilitam pensar nessa dupla violência, interna e externa: quanto mais apropriação simbólica e cultural há, mais as tendências deformativas da tradução aparecem. Portanto, quando as deformações são feitas com o objetivo de um esquecimento, de uma aniquilação da obra do outro, a violência política e a violência da operação tradutiva se apoiam mutuamente. Apesar disso, esse não é o caso da maioria das traduções, que usam apenas uma ou outra violência *à la marge*, pelas beiradas. A própria ambivalência da tradução a torna um *objet-trouble*, objeto turvo, suscetível de instrumentalização. Por outro lado, ela é capaz de introduzir um movimento de reparação que lhe atribui um verdadeiro papel na superação de algumas das violências sofridas: toda a obra de Georges-Arthur Goldschmidt entre o alemão e o francês atesta isso; assim como o texto de Antjie Krog, *Country of My Skull*⁵⁹, em que relata sua experiência como tradutora durante os debates da Comissão da Verdade e Reconciliação na África do Sul.

Violência da tradução

A tradução destrói o original

Afirmção diferente daquela, mais convencional, segundo a qual a tradução trai o original. A fórmula leva em conta a dimensão da diferença característica da tradução; foi assim que ela pôde se tornar uma evidência e até mesmo um clichê. O axioma “A tradução destrói o original” implica que algumas traduções fazem violência ao texto, cometem violência ao texto, e outras não.

Dentro de uma perspectiva de sacralização da letra do texto, a tradução é sempre percebida como uma violência, até mesmo como um ato blasfêmico, e violências podem ser cometidas contra ela. Como já vimos, em uma concepção avaliativa da tradução, são as traduções ruins que destroem o original, não as boas. Assim, na *Poétique du traduire* [Poética do Traduzir] de Meschonnic, por meio da análise das traduções de *Eine Kleine Fraude* [Uma Pequena Mulher] Kafka, e em particular a de Vialatte de 1948, é disso que se trata: “Ainda não lemos Kafka em francês”, escreve ele. O esquecimento, a destruição são favorecidos por múltiplas operações: o código prevalece sobre o ritmo, o palavra por palavra é recusado o mais frequentemente possível, distorções vêm do desejo de interpretação dos tradutores. “O problema dos limites em reconhecer a concordância interna de um texto encontra assim seu estatuto teórico: as distorções se fazem num lexicalismo para o qual a hermenêutica oferece

⁵⁹ NT. No original em inglês, *Country of my Skull*, país do meu esqueleto; na tradução em francês, *La Douleur des mots*, a dor das palavras; em português brasileiro, ainda sem tradução. Inserimos a presente nota da tradutora levando em conta que a tradução do título em francês adiciona uma camada interessante à leitura do trecho.

uma última justificação”. Meschonnic chega até mesmo a falar de “desescritura” para evocar esse processo de destruição do original. Junto a esse modelo avaliativo existe um outro, diferencialista, que não só admite a destruição e a distorção, mas as torna as próprias condições de sobrevivência, sob outra forma, do texto. A vulnerabilidade da tradução é real; mas como é de sua natureza estar situada no espaço e no tempo, não é certo que, quando falamos da vulnerabilidade da tradução, não falemos de fato da vulnerabilidade da própria obra, que está sempre sujeita a ser danificada ou desviada ao longo da viagem, como o exemplo de “*Une charogne*” mostrou claramente. Além disso, um segundo argumento a favor da vulnerabilidade da obra revelada pela tradução reside na relativa traduzibilidade ou intraduzibilidade dos textos.⁶⁰ Alguns resistem à tradução não apenas porque tudo seria superior no original, de acordo com a opinião vigente e convencional que acredita na integridade deste último, mas porque não conseguiriam manter a sua força em tradução, em qualquer idioma. Esta forma de intraduzibilidade não depende da qualidade das traduções. É impressionante, por exemplo, que uma obra como a de Kafka, seja qual for a imperfeição de suas traduções, mantenha a sua força em todas as línguas do mundo, apesar de dificuldades pontuais, em especial devido ao caráter oral de seus textos. No entanto, Milan Kundera mostrou claramente que sua traduzibilidade é uma miragem, sua simplicidade, o ascetismo de seu vocabulário sendo precisamente o que não é traduzido: assim, as repetições, em especial as que se referem aos verbos “ser” e “ter”, quase nunca são traduzidas como tais nas traduções francesas.⁶¹ Isso também é verdade para a tradução italiana feita por Primo Levi, que revela em seu posfácio de *Der Prozess* [O Processo]: “Em dez linhas, ele repete o mesmo substantivo três ou quatro vezes. Tentei evitar isso, porque, de acordo com as convenções do italiano, isso não é feito. É possível que isso seja deliberado por parte do autor, que, mesmo em italiano, a repetição seja carregada para produzir tal ou tal efeito. Mas *tive pena do leitor* italiano, e eu tentei entregar-lhe alguma coisa que não tivesse um gosto muito pronunciado de tradução⁶²”. Para ele, a ética da clareza é acompanhada por uma preocupação com o simples e o natural que o impelem à naturalização. Sua tradução é *éclaircissante*, clarificadora: ele não hesita ao mover segmentos, modificar a ordem da frase, tornar as cenas mais realistas. A autoridade parece deslocada. Quem tem o poder na língua? O autor estrangeiro que não pode traduzir a si mesmo ou o autor na sua própria língua a quem o tradutor deve respeitar?

O exemplo bem conhecido de Pushkin, contudo, indica que uma mesma simplicidade nos níveis semânticos e sintáticos leva à sua impossível naturalização no estrangeiro. Neste contexto, Andre Markowicz explica como todos os anos gastos traduzindo Dostoiévski foram como um desvio gigantesco que o levou a Pushkin, para quem ele direcionou inteiramente seu

⁶⁰ Apresentando sua nova tradução de Kafka na “Bibliothèque de la Pléiade” (2019), Jean-Pierre Lefebvre insiste neste ponto: “Assim, podemos dizer que a língua alemã de Kafka é marcada por dois impulsos contraditórios: primeiro, um impulso de bom estudante da língua alemã, em um ambiente multilíngue onde a língua majoritária do país é o tcheco. Ele tinha medo de ser vítima de interferência linguística, de fazer “praguismos”, “íidices” ... O segundo impulso, que contradiz o primeiro, é o do sopro poético da improvisação, o do discurso que se leva cada vez mais longe. Por trás disso, está a experiência das histórias que ele deu às suas irmãs e das quais temos testemunhos, o gosto pelo teatro, a animação de uma palavra sem tantas restrições” (“Kafka : la relève”, entrevista de Tiphaine Samoyault com Jean-Pierre Lefebvre e Georges-Arthur Goldschmidt, *En attendant Nadeau*, 23 de outubro de 2018 — <https://www.en-attendant-nadeau.fr/2018/10/23/kafka-lefebvre-goldschmidt>).

⁶¹ Milan Kundera, *Les Testaments trahis*, Paris, Gallimard, coll. “Fólio”, 1993, p. 130: “Os tradutores tendem a enriquecer o vocabulário. [...] Essa tendência é compreensível: de que forma o tradutor será valorizado? De acordo com a sua fidelidade ao estilo do autor? Isso é exatamente o que os leitores em seu próprio país não poderão julgar. Em contrapartida, a riqueza do vocabulário será imediatamente sentida pelo público como um valor, uma performance, uma prova do domínio e da competência do tradutor.”

⁶² 1. Franz Kafka, *Il processo*, traduzido do italiano por Primo Levi, Turim, Einaudi, coll. “Strittori tradotti da scrittori”, 1980, “Nota do Tradutor”, p. 254.

esforço de tradutor: “Para Pushkin, fiz *Yevgeniy Onegin* [Eugene Onegin] em vinte e oito anos. Mas depois de um tempo, foi mais rápido. Eu costumo contar frequentemente esta história: íamos a Marseille, de Rennes, para ver um espetáculo. Era muito longo, na época não havia TGV. Recitei *Eugene Onegin* de cor em russo, como todo mundo faz. Minha mãe conhece *Eugene Onegin* de cor, esse universo é radicalmente intraduzível. Não se pode traduzir isto. Ta-tata-tatata-ta-tata-tatata-tatata- tatatatata-tatatata-tatatata-tatatata-tatatata-tata-ta-tatatata... este é o começo de *Onegin*. Todo russo sabe disso. Se você não for russo, você não consegue falar russo se não souber disso. É simples assim.”⁶³ Essa obviedade é o que não faz de Pushkin um autor mundial como Kafka é, mesmo quando finalmente conseguimos traduzi-lo.

A primeira hipótese que poderíamos levantar para explicar isso é a da *identidade* nacional ou linguística dos textos. A vulnerabilidade de Pushkin residiria, portanto, em sua russidade. Essa russidade se refere menos a um nacionalismo, que sem dúvida seria transportável, tendo os nacionalismos florescido ou podendo florescer em qualquer lugar, do que a um caráter relativo à língua materna, à língua nativa ou, mais geralmente, ao que é chamado de vernáculo. É claro que a tradução é sempre o meio de transporte do local: ela o desloca e o faz mudar de escala, seja movendo esse local para outro local, seja ampliando-o em direção ao global. Mas o local como tal, quer o chamemos de materno ou dialetal, permanece sendo precisamente o que não se traduz. E vai além disso, não está apenas nas palavras, na sintaxe; está na forma de ritmar, de nuançar, de articular silêncios, o mais próximo possível da palavra, do grão da voz, da paisagem que a recolheu, do corpo que a pronunciou e a transmitiu. É a língua intraduzível que demanda ser traduzida e desperta o desejo de tradução.

Uma segunda hipótese que talvez permita explicar essa vulnerabilidade específica de algumas obras pode estar relacionada justamente à dificuldade de retornar ao estado de esboço, à resistência de se tornarem um rascunho na tradução. Uma vez decompostas, elas não poderiam se recompor em outra língua, porque sua forma não seria transponível ou porque essa transposição seria justamente o que as decompõem, deixando apenas retalhos à vista. Essa vulnerabilidade específica de obras que não conseguem permanecer “grandes” na tradução se deve, paradoxalmente, à sua relativa traduzibilidade. As obras com reputação de intraduzíveis são, pelo contrário, aquelas que são sempre traduzidas, que convidam à tradução e a tornam possível. Elas impulsionam para esse movimento de inacabamento na qual são guiadas pela tradução. Assim, *La Disparition* [O Sumiço] de Perec já foi traduzido treze vezes para nove línguas diferentes (existem quatro traduções apenas em inglês, o que convida à comparação entre elas). Em todos os casos, os tradutores juntaram à sua experiência relatos ou comentários nos quais apresentaram as suas escolhas e decisões em relação ao desafio que constitui a tradução do romance lipogramático: o fato de ele ser traduzido com tanta frequência mostra, se é que é necessária uma prova, até que ponto a suposição da intraduzibilidade é o que ativa o desejo de traduzir. Imediatamente percebe-se que a dificuldade não está tanto na transposição da restrição quanto naquilo que abre, de fato, a restrição; a saber, toda uma semântica de *la disparition*, do sumiço, pela qual Perec conta sua história e, no mesmo movimento, transmite a memória da sua mãe. Mas o intraduzível vem menos daquilo que salta aos olhos (a ausência do *e*) do que daquilo que não se lê, o branco *qu’il faut traduire*, que é preciso traduzir.⁶⁴

⁶³ “Monstres en traduction”, mesa redonda moderada por Tiphaine Samoyault, reunindo Guy Jovet, André Markowicz, Patrick Quillier e Aline Schulman, *Twenty-eighth Assises de la traduction littéraire (Arles 2011)*, Arles, Actes Sud, 2012.

⁶⁴ A comparação das duas versões em inglês por John Lee (*Vanish'd!*) e por Gilbert Adair (*A Void*) é fascinante. Sobre isso, ver também o trabalho inteiramente dedicado a essa questão na edição 12 de *Palimpsestes* (2000, pp. 99-157): “A plausibilidade de uma tradução: o caso de *La Disparition* de Perec”, editado por Sara R. Greaves,

Inversamente, obras aparentemente traduzíveis seriam aquelas que colocam a tradução em evidência de tal forma que, às vezes, a tornam muito mais difícil. Sua aparente perfeição seria, por esse ponto de vista, seu limite, uma vez que restringiria sua capacidade de se colocar à prova da pluralização e do *infinito* – no sentido de imperfeição e inacabamento – abertos pela tradução. Transparência é violência quando é buscada por meio da tradução, quando é ideológica e quando pressupõe a comunicação universal. Por outro lado, a aparente transparência de um texto pode ser violenta para o tradutor. Ela posiciona as duas línguas em frente a um tipo de espelho líquido que parece não ter mais nada a fazer a não ser se olhar... ou se afogar.

A tradução faz violência à língua

A tradução maltrata a língua de chegada ao importar estruturas sintáticas, ritmos ou até mesmo palavras estrangeiras. A deformação, aqui, ocorre a jusante, na operação de estrangeirização da biblioteca na língua de chegada, por meio de uma suspensão da língua do original na de chegada. A tradução literal proposta por Hölderlin, por Chateaubriand, por Klossowski, a defendida por Antoine Berman em *L'Épreuve de l'étranger* [A prova do estrangeiro] e em *La Traduction et la Lettre* [A tradução e a letra] desperta reações negativas por parte de todos aqueles para quem a tradução deve dar a sensação de ser o que o texto teria sido se tivesse sido escrito na língua de chegada, de todos aqueles que se voltam para o leitor e consideram que o texto traduzido deve substituir o original. Contra a tradução-equivalência ou a tradução-substituição, os literalistas defendem a ideia de tradução-”cópia”, que permite ver o original através da transparência: é o famoso prefácio de Chateaubriand à sua tradução de *Paradis perdu* [Paraíso perdido] de Milton – “eu decalquei o poema de Milton no vidro”, “*j'ai calqué le poème de Milton à la vitre*” –, modelo de tradução literalizante, em que se trata de fazer da tradução não uma simples reflexão, mas uma produção técnica de ilusão. Entre os dois textos há um gesto, e é esse gesto que conta, assim como conta o espaço-tempo que constitui esse “entre” que pode produzir o mesmo. Uma tentativa dessas é sempre acompanhada de uma certa audácia. O prefácio de Antonin Artaud à edição de sua tradução de *Le Moine* [O Monge] de Lewis, publicada pela Denoël, deixa isso claro: “A presente edição não é uma tradução nem uma adaptação - com todas as sujas liberdades que essa palavra implica em um texto - mas uma espécie de ‘cópia’ em francês do texto original em inglês”⁶⁵; em uma carta a Jean Paulhan, Artaud, no entanto, reconhece que “recontou *Le Moine*, como se fosse de memória e à sua maneira”. Ao olhar mais de perto o seu trabalho percebemos que, de fato, esse processo que ele chama de “cópia” é, na verdade, uma espécie de trabalho limite de absorção do outro por meio da qual a tradução se torna mais verdadeira do que o original.

Paul Bensimon e Michaël Oustinoff, e com artigos de Sara R. Greaves, Mireille Ribière e John Lee. Os *Vingt-Huitièmes Assises de la traduction littéraire* (op. cit.) publicam as observações de uma mesa redonda sobre as traduções em vários idiomas de *La Disparition*. Existem duas outras versões inéditas em inglês (além da de John Lee): *A Vanishing*, de Ian Monk, e *Omissions*, de Julian West.

⁶⁵ . Antonin Artaud, “*Le Moine*” de Lewis narrado por Antonin Artaud, in *Obras Completas*, t. VI, Paris, Gallimard, 1966, p. 11. Sobre isso, ver também o final do prefácio: “Lamento viver num mundo em que feiticeiros e adivinhos se escondem, e em que há tão poucos adivinhos de verdade. [...] Eu me entrego a charlatães, benzedeiros, magos, feiticeiros e quiromantes, porque todas essas coisas existem e porque, para mim, não há limites e nem formas fixas às aparências; e algum dia, Deus – ou o MEU ESPÍRITO –, reconhecerá os seus.” (p. 13) [tradução nossa].

Mas, estranhamente, para fazer isso, ele não precisa mais passar pelo original. Ele se apoia, como sabemos, na famosa tradução francesa de Léon de Wailly para libertar o texto do indizível e do intraduzível. Assim, no momento em que o personagem vê pela primeira vez o que está marcado na testa do judeu errante, a tradução de De Wailly diz: “Olhei para cima e vi uma cruz em chamas marcada em sua testa. Eu sou totalmente incapaz de descrever o horror que este objeto inspirou em mim, mas nunca senti nada parecido. Meus sentidos me abandonaram por alguns instantes”. Artaud compensa essa incapacidade de dizer ao descrever precisamente a sensação experienciada no próprio corpo do tradutor: “Um fogo malicioso e feroz se precipitou sobre mim como se toda a maldade dos abismos celestiais tivessem aproveitado a própria penetração da luz para me atingir. Minha mente, minha alma, minhas capacidades, tudo o que me dava a sensação de estar ali, de estar imerso em alguma coisa, de me suspender, de ir, de vir, de resistir, tudo era cortado no formato de cruz; era um dilaceramento ardente que me inspirava como uma loucura de me dissolver, sem que a própria eternidade fosse longa o suficiente para me permitir alcançá-la”.⁶⁶ A violência é interiorizada, e pode ser transmitida. Ao fim do texto, no momento em que a tempestade, em sua fúria, arrasta o corpo do monge rejeitado, Artaud acrescenta em letras maiúsculas uma moral de seu credo, ausente tanto do original quanto da tradução em que ele se inspira: “E *agora*: ‘Aquele que nunca pecou, que atire a primeira pedra’.”⁶⁷

Ao reconhecer que era um só com o personagem e seu autor, Artaud percorreu a jornada completa do criador à criatura e da criatura ao criador. Mais à frente, em Rodez, quando o Dr. Ferdière lhe sugere que traduza os textos de Carroll, ele admite que todos os textos que ele traduziu eram plágios de suas próprias obras. Ele tem a impressão, que já havia tido na experiência com *Le Moine*, de que é ele que pensou, escreveu e vivenciou as coisas que está transpondo. Não estamos aqui numa operação de apropriação, mas no mecanismo inverso de desapropriação. Carroll, Matthew Gregory Lewis o desapropriaram de seu trabalho, seus afetos, seus órgãos. Paira o sentimento de um roubo. Esse processo, por certo, revela a violência da literatura em si, mas também é um caso limite no qual o poder de dilaceramento da tradução se manifesta. Esse dilaceramento é a condição de um retorno à origem, onde encontramos o potência de uma linguagem mágica, uma linguagem antes das palavras. A correspondência de 1943 com o Dr. Ferdière sobre as invenções verbais de Carroll testemunha isso: “Fiquei extremamente impressionado”, escreve Artaud, “quando você, Sr. Ferdière, me apontou que a invenção verbal pura, que mais uma vez coloca o problema sempre presente das origens da linguagem, que foi a mais cara à você [...], toda a passagem relativa às palavras com aglutinação me parece ser de uma atualidade surpreendente”.⁶⁸ E quando ele traduz, sob o título “L’Arve et l’Aume” o “Humpty Dumpty” de Carroll, ele multiplica invenções verbais para desapropriar o *nonsense* das promessas de sentido que ainda poderia conter.

Em palestra inaugural proferida na Vigésima Segunda Conferência de Tradução Literária em Arles, tratando justamente da violência, o escritor Claro, tradutor da literatura americana (especialmente Pynchon), evoca pelo desvio da experiência de Artaud tradutor, mas também da sua própria experiência – no momento, ele estava traduzindo *Le Tunnel* [O túnel], de William Gass –, o processo de vitrificação a que está submetido. “É aqui, acho eu, ou melhor, tenho certeza, que a verdadeira violência se lança, evidência que transparece. O ato de traduzir pareceria com um comportamento estranho, que não seria fazer-se de palhaço (se bem que...),

⁶⁶ *Ibidem*, p. 129. Ver o estudo de Jonathan Pollock na mesa redonda sobre Antonin Artaud e tradução: *Vingt-Deuxièmes Assises de la traduction littéraire (Arles 2005)*, Arles, Actes Sud, 2006, pp.46-51. [Tradução nossa].

⁶⁷ Antonin Artaud, “*Le Moine*” de Lewis raconté par Antonin Artaud, *op. cit.*, p. 314. [Tradução nossa].

⁶⁸ Antonin Artaud, *Nouveaux Écrits de Rodez*, Paris, Gallimard, 1977, p. 85. [Tradução nossa].

mas sim fazer-se vitral, ou seja, renunciar definitivamente de contemplar espelhos, deixar a paisagem situada no exterior virar reflexo e o olhar do leitor repousar sobre esse reflexo. Sim, que o leitor tenha prazer em descansar as mãos e esmagar seu nariz contra esse vidro que ele deve vir-a-ser. Que o leitor também colida com ele, é claro, seja porque a nitidez do vidro embaçou sua existência ou porque a resistência do material irritou sua paciência”⁶⁹. E contudo, essa transparência traz a liquidez da água e a obra nela assume a aparência distorcida de um bastão. A figura do vidro é uma imagem dupla, evocando resistência e transparência, impedimento e possibilidade. Além disso, expressa claramente a ambivalência da tradução, como violência e reparação, tudo ao mesmo tempo. Por isso, a hipótese do intraduzível é, às vezes, a expressão de uma resistência ao caráter destrutivo da tradução: marcar a diferença, o inapropriado ao mesmo tempo em que prevalece a ideia de que valeu a pena o esforço. “É preciso traduzir”, “*Il faut traduire*”, escreve Derrida, mesmo com a multiplicidade das línguas, mesmo que “aquilo que foi *feito* como confusão de línguas não possa mais ser reconduzido, pela tradução, para uma única língua, nem mesmo reduzido [...] *na língua*”.⁷⁰

A transformação ou a deformação da língua de chegada é uma potência criativa da tradução; e não apenas porque encontramos com a nossa própria língua ao nos esfregarmos em autores estrangeiros, que imitamos, que nos nutrem ao traduzi-los. A reinvenção da língua é a potência do processo: nela, suscitamos uma sintaxe inesperada, *palavras estrangeiras, des mots étrangers*, palavras esquecidas, palavras perdidas. Sendo assim, Celan, ao traduzir Michaux, mantém uma expressão francesa para inscrever a alteridade de outra língua: “Eles encenam a peça ‘*en étranger*’”, escreve Michaux em “*La ralentie*”, o que Celan traduz como “*Die Verlangsamte*”: “*Sie spielen das Stück en étranger*”.⁷¹ André Pézard, ao traduzir Dante, traz de volta uma língua francesa do passado, cheia desses arcaísmos que se levantam contra a pretensão da tradução à *la* transparência. Mas a força da sua tradução não está apenas em ser arcaica, pois, sem dúvida, isso não nos comunicaria mais nada. Além disso, sua tradução inventa completamente essa língua do passado, recuperando palavras antigas, vinculando o francês antigo ao toscano antigo, forjando uma série de novas palavras, reativando sentidos e sons franceses enterrados sob o uso moderno. Faz ressoar o modelo dantesco, colocando em diálogo as línguas e as culturas do espaço europeu medieval, ao passo que dá ao poema o ar de uma terra longínqua, a atmosfera de um conto de fadas. Todas as grandes traduções são neológicas. Antoine Berman demonstrou isso em seu trabalho sobre Jacques Amyot, no qual criou centenas de termos na língua francesa (sendo que alguns, como “*atome*”, “*enthousiasme*” ou “*horizon*”, se tornaram comuns em francês) ao traduzir Plutarco⁷². Diante delas, os leitores são convidados a reaprender a sua língua, a ouvi-la como se fosse nova, como André Pézard explica em seu “*Avertissement*”, seu prefácio: “Se aqueles que abrirem este livro estiverem dispostos a se deixar levar pelo fluxo, sem tentar entender tudo de imediato, *mas seguindo o caminho de uma criança pequena que aprende a sua língua materna sem nenhuma regra ou motivo aparente*, acredito que, por seus próprios meios, eles vão apreender o essencial. Eu desejo, em primeiro lugar, que esqueçam do artesanato do século XX a quem pediram ajuda; que

⁶⁹ Claro, “En toute violence”, *Vingt-Deuxièmes Assises de la traduction littéraire (Arles 2005)*, op. cit., p. 30. [Tradução nossa].

⁷⁰ Jacques Derrida, *Ulysse gramophone*, op. cit., pp. 44-45. [tradução nossa, quase morri pra traduzir. Talvez eu tenha errado].

⁷¹ Citado em Axel Gellhaus (ed.), *Fremde Nahe, Celan als Übersetzer*, Marbach am Neckar, Deutsche Schillergesellschaft, 1997, p. 509.

⁷² Antoine Berman, *Jacques Amyot, traducteur français*, Paris, Belin, 2012.

cada um acredite estar descobrindo sozinho, como se fosse o único, um ensaio perdido de nossas literaturas primeiras, perdoado por ser um pouco rústico.”⁷³

Violência e tradução

Jacques Derrida é um dos pensadores da tradução que vinculou sua violência ontológica aos processos de violência histórica em que pode estar envolvida. Em *Schibboleth*, [Xibolete]⁷⁴ ele resiste à ideia muito difundida de tradução como “passagem” para evocar precisamente as violências cometidas no lugar da passagem. Relembrando a guerra travada pelo exército de Jefté contra a tribo de Efraim no Livro de Josué, em que, para impedir que os derrotados fugissem, foi-lhes pedido na fronteira que dissessem uma palavra que era impronunciável para eles, já que os efrimitas denunciavam sua diferença ao não pronunciarem corretamente o “*shi*” de “*schibboleth*”, Derrida vincula a tradução à marca da diferença: “Essa diferença não tem sentido em si mesma, mas torna-se aquilo que é preciso saber reconhecer e sobretudo marcar para dar o passo, para atravessar a fronteira de um lugar ou do limiar de um poema, para ver ser concedido o direito de asilo ou a habitação legítima de uma língua.”⁷⁵ A diferença deve poder se inscrever no corpo: eis o significado da tradução.

É verdade que, como no exemplo bíblico, muitas situações violentas envolvem a tradução em sua história - já tivemos um vislumbre disso nos antagonismos coloniais. Pela análise de algumas, é possível perceber se seria apenas questão de um envolvimento contingente ou se a tradução realmente participa das técnicas de guerra e violência que parecem estar inscritas nela. Assim, em plena Inquisição, Étienne Dolet foi queimado por ter tomado liberdade em sua tradução de um diálogo de Platão, sua proposta tendo sido considerada uma blasfêmia e heresia⁷⁶; essa incineração na fogueira foi acompanhada pela queima de todos os seus livros. Lutero também é considerado um “tradutor diabólico” pelos católicos. Esses julgamentos contra a tradução continuam até hoje, como evidenciado pelos assassinatos cometidos em seu nome na época do caso Rushdie⁷⁷, mesmo que, nesse caso, a tradução seja blasfema não na medida em que toca na letra sagrada, mas por ser uma tradução da tradução e, portanto, duplamente subversiva.

Podemos levantar a hipótese de que a parte da interpretação que cabe à tradução, o arranjo de um espaço concreto para a recepção dentro da obra – que é o que distingue, no fundo, a tradução do original –, é um *espaço potencialmente secessionista* e emancipatório. A apropriação desse espaço é violenta, ou então é percebida como violenta, na medida em que colide com outro espaço de recepção, muitas vezes hegemônico. Um exemplo disso é a tradução da Bíblia por Julia Smith. Entre 1847 e 1855, a americana, sozinha, traduziu o texto para o

⁷³ André Pézard, «Avertissement», in Dante, *Œuvres complètes*, traduction de l'italienne et commentaires par André Pézard, Paris, Gallimard, 1965, p. xix-xx. [Grifo da autora]. [Tradução nossa].

⁷⁴ N.T. Xibolete (do hebraico שִׁבּוֹלֵת, transl. shibōleth) é uma peculiaridade de pronúncia que serve para identificar um determinado grupo linguístico, funcionando praticamente como um tipo de senha linguística. Xibolete é a transliteração do vocábulo hebraico שִׁבּוֹלֵת, traduzido por alguns como espiga de grãos e por outros como torrente de água. A forma xibolete é registrada no Aurélio XXI e no Grande Manual de Ortografia, de Celso Pedro Luft. Já Antenor Nascentes registra a forma xibolet. O termo também pode ser escrito como xibolê ou xibolê.

⁷⁵ Jacques Derrida, *Schibboleth. Pour Paul Celan*, Paris, Galileu, 1986, p. 50. [Tradução nossa].

⁷⁶ Étienne Dolet colocou as seguintes palavras na boca de Sócrates: que, após a morte, não se era mais "rien du tout", "nada".

⁷⁷ Ettore Capriolo, tradutor italiano de Rushdie, foi esfaqueado em 3 de julho de 1991 e sobreviveu. Em 12 de julho do mesmo ano, Hitoshi Igarashi, o tradutor japonês, foi morto. Em 2 de julho de 1993, o tradutor turco Aziz Nesin foi alvo de um ataque a um hotel em Sivas que matou 37 pessoas. Michel Seurat, tradutor de um autor palestino, Ghassan Kanafani, morreu como refém durante a guerra do Líbano.

inglês das versões hebraica, grega e latina. Seu contexto familiar – mãe culta absolutamente determinada a dar educação às suas filhas, distanciamento da Igreja oficial que proíbe as mulheres de comentar as Escrituras – favoreceu nela o estudo das línguas antigas, bem como da teologia. A adesão de sua família à agenda do Milenarismo, que havia previsto uma segunda vinda de Cristo em 1843, fez o resto. Não tendo ocorrido o grande retorno, John Miller atribuiu a ausência a um erro de cálculo dos intérpretes canônicos da Bíblia, o que pode ter motivado o trabalho de retomada deliberadamente muito literal de Julia Smith, que atribuiu esse erro de cálculo a uma tradução defeituosa. No prefácio da edição de 1876, eis o que ela diz sobre seu método de trabalho: “*I wrote it out word for word, giving no ideas of my own, but endeavouring to put the same English word for the same Hebrew or Greek word, everywhere, while King James translators have wholly differed from this rule...*” (“Eu o escrevi palavra por palavra, sem adicionar nenhuma ideia minha, mas me esforçando para colocar a mesma palavra em inglês para a mesma palavra hebraica ou grega em todos os lugares, enquanto os tradutores da King James⁷⁸ diferiram totalmente dessa regra...”). É claro que sua abordagem envolve uma relação conflitante com a lei religiosa, com a lei dos padres, tanto como lei sagrada quanto como lei de significado, lei de interpretação. Julia Smith elimina a apropriação masculina da lei divina devido à interpretação dada a ela pelos homens, em prol de um retorno às origens da referida lei divina (a letra do texto).

Assim, o espaço secessionista da tradução permite, neste caso, uma tripla emancipação: pela heterodoxia (Millerismo contra a religião oficial); pelo questionamento da tradução dominante, a Bíblia King James e seus pressupostos, embora seja a principal instituição da Igreja da Inglaterra; e finalmente pela afirmação de uma palavra feminina, uma vez que é, de fato, a primeira tradução da Bíblia feita por uma mulher. Embora não seja uma tradução feminista propriamente dita – no sentido em que, desde então, pudemos dar a essa expressão – podemos ler a vontade explícita, no desígnio de Julia Smith, de reparar uma injustiça feita às mulheres, que Jean Delisle evoca longamente no capítulo que lhe dedica em *Portraits de traductrices*⁷⁹ [Retratos de tradutoras]. Dentre as regras que ela estabelece para si mesma, nota-se principalmente o respeito aos tempos verbais (a alternância do futuro e do passado, em particular, que caracteriza a escrita do Gênesis e que geralmente não é respeitada nas traduções, que se adaptam ao sistema verbal da língua de chegada). Por exemplo, para o versículo 3:20, Julia Smith traduz: “*And Adam will call his wife’s name Life, for she was the mother of all living*», sendo que a New American Standard Bible traduz: «*Now the man called his wife’s name Eve, because she was the mother of all the living*”. Nota-se que sua literalidade a leva, ainda, a traduzir o nome de Eva por “*Life*”, tratando-o não como um nome próprio, mas de acordo com seu significado, o que ainda é uma maneira de tomar o lado da fonte, da letra do texto.

Neste exemplo, a violência histórica da dominação torna a tradução um espaço possível de secessão e emancipação. Isso se dá graças ao viés da estrangeirização, do transporte da letra do texto (o que Meschonnic, por outro lado, também mostrou no que diz respeito à tradução literalista de Chouraki, que poderia corresponder também à imposição de outra lei, a de origem). A violência da resposta na tradução não é da mesma natureza que a violência sofrida, mas é, no entanto, tangível, perturbando a lei da língua e da interpretação. Na literatura rabínica, como

⁷⁸ N.T. A Bíblia King James, ou do Rei Jaime, também conhecida como Versão Autorizada do Rei Jaime, é uma tradução inglesa da Bíblia realizada em benefício da Igreja Anglicana, sob ordens do rei Jaime I no início do século XVII (data da primeira publicação: 1611.)

⁷⁹ Ver Louise von Flotow, “Julia E. Smith, traductrice de la Bible, à la recherche de la vérité par le littéralisme,” in Jean Delisle (ed.), *Portraits of Translators*, Ottawa, Les Presses de l’Université d’Ottawa / Arras, Artois Presses Université, 2002, pp.291-319.

Delphine Horvilleur observou recentemente, a tradução é sempre tanto uma bênção quanto uma maldição: “A tradução é tanto uma luz sobre o texto quanto uma escuridão sobre o mundo.” É o que acontece com a tradução de Julia Smith, que mesmo assim abriu o texto para a inserção do minorizado, permitindo posteriormente iniciativas importantes, como a Women’s Bible. Mais perto de nós, as orientações da “tradução feminista” defendidas por Luise von Flotow e Suzanne de Lotbinière-Harwood⁸⁰ que preconizam a retradução pela feminização sistemática de importantes textos, sem se inspirar direta ou explicitamente por essa experiência, continuam radicalizando o caminho oferecido pela tradução para se abrir à heterodoxia e à minoria. Criar um espaço um espaço minorizado no lugar do inferiorizado: esse é o golpe de força alcançado por esse tipo de iniciativa, que possibilita tornar a violência que é inerente à tradução em uma força positiva dentro de um contexto de resistência à violência histórica.

Poderíamos demonstrar fenômenos de inversão comparáveis ao examinar qual o papel e os usos da tradução em contextos totalitários. Embora a tradução possa ser um instrumento a serviço da propaganda estatal, desempenhando um papel decisivo no sistema de controle da palavra escrita, ela também permite o desenvolvimento de circuitos paralelos em que se fazem ouvir todas formas de resistência. Este jogo duplo da tradução foi muito bem estudado por Ioana Popa em *Traduire sous contraintes* [Traduzir sob restrições], principalmente no capítulo sobre Pasternak, intitulado “*L’invention d’un circuit de traduction*”⁸¹ [“A invenção de um circuito de tradução”], que mapeia a circulação das traduções do *Docteur Jivago*.

Além do papel desempenhado pelos contrabandistas, que é o mais frequentemente enfatizado, é a *secundariedade do original* que tal história de resistência por meio da tradução ilustra. Até 1988, *Le Docteur Jivago* só era acessível em tradução e circulavam várias versões do texto russo, às quais Pasternak se mostrou relativamente indiferente até sua morte. À violência exercida contra o texto original responde a alegre multiplicação do texto por meio da tradução, como evidenciado por esta carta do autor a Giangiacomo Feltrinelli de 2 de novembro de 1957: “Mas em breve teremos Jivagos italianos, Jivagos franceses e ingleses, alemães – e um dia talvez Jivagos geograficamente distantes, mas russos!! E é muito, é tanto, e que aconteça o que acontecer, e salve-se quem puder!”⁸² Histórias desse tipo são numerosas nesta época e nesta parte do mundo. *La Faculté de l’inutile* de Dombrovsky foi, inicialmente, conhecida por meio de sua tradução francesa antes de ser difundida em russo. Os *Récits de la Kolyma* de Chalamov foram traduzidas em partes e ao longo do tempo no Ocidente antes da publicação de uma primeira coleção em russo em 1978. Essa ruptura do lugar e da precedência textual levanta a questão da vulnerabilidade do original, cuja suposta singularidade e integridade podem mais uma vez ser questionadas pela tradução. Isso nos leva a estar atentos a trajetórias imprevisíveis, a lógicas consteladas, em rede, e não mais cronológicas ou causais; a desconfiar do fixismo em que noções como autor, original e até mesmo tradução ficam presas... No caso dos testemunhos históricos, muitas vezes é a tradução que faz surgir o texto, mas de maneira um tanto frágil. Luba Jurgenson descreve várias situações em que as memórias de violência são difíceis de se formar, seja porque as testemunhas são rejeitadas por sua comunidade (este é o caso de Bronisława Wajs, conhecido como Pampusza, para os ciganos), seja porque a brutalidade do genocídio e a diáspora de sobreviventes impedem uma transição genuína para línguas

⁸⁰ Luise von Flotow, “Translation and Gender Paradigms: From Identities to Pluralities”, in Piotr Kuhiwczak and Karin Littau (eds), *A Companion to Translation Studies*, London, Multilingual Matters, 2007; Suzanne de Lotbinière-Harwood, *Re-belle et infidel. The Body Bilingual*, Montreal, Les Éditions du emue-ménage, 1991.

⁸¹ Ver também Ioana Popa, *Traduire sous contraintes. Littérature et communisme (1947-1989)*, Paris, CNRS Éditions, 2010, pp.245-310

⁸² Citado em *ibid.*, p. 262. [Tradução nossa].

estrangeiras.⁸³ Ela apresenta outra razão, mais subterrânea, mas não menos negativamente operativa, para essa difícil circulação de certos testemunhos históricos. Assim, muitas testemunhas da escrita do Holocausto em ídiche, em particular, escolheram a poesia para explicar sua experiência: “Esses escritos, que obrigam o tradutor a uma pesquisa de ordem estética, envolvem figuras poéticas implicitamente identificadas em nossa cultura como incompatíveis com a veracidade. Foi somente no século XXI que esses elementos poéticos, assim como os desvios pela ficção, passaram a ser levados em conta também como conteúdo testemunhal.”⁸⁴ Por mais que a tradução ajude a formar um horizonte de expectativas, ela também tende a se adequar a elas.

O atalho por meio de outras línguas através do qual alguns textos emergem é uma oportunidade assim como um problema. Um exemplo é a acusação de Victor Kravchenko, em 1947, contra a URSS de Stalin, a qual foi contestada com base no fato de que seu testemunho era uma tradução e, portanto, foi qualificada como inautêntica. A publicação em pequenas partes, ainda em tradução, das *Récits de la Kolyma* de Chalamov, com escolhas tradutórias de termos muitas vezes questionáveis e, de uma forma geral, instáveis, tornou difícil a produção de uma edição completa ou definitiva. Embora realmente a tenha proposto, Luba Jurgenson enfatiza em seu prefácio que se trata de uma obra interminável, nunca fechada, repleta de peças faltantes, o que ela relaciona à experiência fundamental que a autora coloca no cerne do livro: “a do vazio, da perda irremediável de um certo estado do homem e da linguagem”.⁸⁵ A ideia de um texto definitivo ou original permanece sempre no horizonte, como um futuro incerto.

Ou seja, a tradução muitas vezes questiona a crença filológica de que o original ou o texto completo estão sempre na origem, o que é uma violência exercida contra a ciência. Mas essa crença, na qual se baseia a filologia lachmaniana, pode já ter sido abalada pelos próprios filólogos: Luciano Canfora aponta que o texto mítico em busca do qual correm muitos especialistas da Antiguidade já havia sofrido transformações radicais desde as primeiras fases de sua transmissão. Ele deduz disso que um texto só é elaborado com variantes, e que tanto o copista quanto o tradutor compartilham a autoridade do referido texto. Como acabamos de ver, esse fenômeno não se limita à era pré-moderna que antecedeu o desenvolvimento da impressão: os originais são frequentemente instáveis e provisórios. Canfora dá o exemplo, também extremo, da destruição de um original no contexto de uma violência praticada em casa: em uma carta vendida em Londres no ano 2000, Fanny Stevenson revela a uma amiga que queimou o original de *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* [O médico e o monstro] que seu marido havia escrito em três dias, por considerá-lo muito deprimente e doentio. “Atormentado por delírios e obstinação, Stevenson escreveu outro original em três dias também.”⁸⁶

Outro caso emblemático das relações entre tradução e violência é a função da tradução na África do Sul no contexto pós-apartheid. Como Alain Ricard revela em *Le Sable de Babel*

⁸³ Luba Jurgenson (eds.), seção “Témoignage historique”, in Bernard Banoun, Isabelle Poulin e Yves Chevrel (eds.), *Histoire des traductions en langue française. Século XX*, Lagrasse, Verdier, 2019, p. 863-922. Sobre o poeta cigano Papusza, ver o dossiê compilado por Jean-Yves Potel em *Études tsiganes*, nº 48-49, 2011-2012. E sobre a tradução dos testemunhos do genocídio armênio, ver Janine Altounian, “Eu senti fisicamente como era pertencer a uma minoria discriminada”, *Témoigner. Entre histoire et mémoire*, n. 119, 2014, pp.50-59; e Marc Nichanian, *Entre l'art et le témoignage. Littératures arméniennes au XXe siècle*, Genebra, MétisPresses, 2006.

⁸⁴ Luba Jurgenson (ed.), “Témoignages historiques”, seção citada, p. 880.

⁸⁵ Varlam Chalamov, *Récits de la Kolyma* (1978), traduzido do russo por Catherine Fournier, Sophie Benech e Luba Jurgenson, Lagrasse, Verdier, 2003, prefácio de Luba Jurgenson, p. 18.

⁸⁶ Luciano Canfora, *Le Copiste comme auteur* (2002), traduzido do italiano por Laurent Calvie e Gisèle Cocco, Toulouse/Marseille, Anacharsis, 2012, p. 21.

[A areia de Babel], a tradução desempenhou um papel importante na constituição da sociedade do apartheid, que traduziu sistematicamente as realidades e crenças africanas para a língua africâner e para a língua da religião cristã. Mas depois de ter sido um instrumento de separação, tornou-se, no momento da criação da Comissão da Verdade e Reconciliação, um elemento decisivo de reparação: ao pedir que os debates fossem traduzidos para as onze línguas oficiais do novo estado, Mandela primeiro reduziu a língua dos Afrikaners à categoria de língua africana entre outras, como Xhosa ou Sesoto; em segundo lugar, ele obrigou todos os habitantes a ouvir a língua dos outros. A poeta Antjie Krog, que acompanhou esses debates pela rádio por dois anos, dá um testemunho comovente desse papel da tradução.⁸⁷ Ela também foi responsável pela tradução para o africâner da autobiografia de Mandela, que queria que fosse publicada em todas as línguas de seu país; ela percebeu então o que é uma língua subalterna, no momento em que sua língua materna foi convidada a desempenhar o mesmo papel que as outras. “É profundamente irônico que Mandela tenha pedido que o africâner fosse uma das primeiras línguas sul-africanas para o qual seu livro fosse traduzido. Com seu instinto brilhante sobre relações de poder, ele quer forçar os africânderes a abrir espaço para os outros, a retornar às raízes das palavras que eles tomaram para si mesmos, a compartilhá-las, a transformar a língua do apartheid em uma língua de união, a livrá-la do vocabulário do poder e da retribuição.”⁸⁸ Isso implica que a própria língua deve mudar para se libertar de seu passado de dominação (por exemplo, em africâner, Mandela não pode ser um afrikaner, ou seja, literalmente africano, já que o africâner se apropriou desse adjetivo para seu próprio grupo, excluindo todos os outros, e, historicamente, Mandela não pode ser um afrikaner!) Por essa história aparecer como uma resposta adequada a casos recentes de violência histórica, ela serve como um modelo diferencial para analisar outras situações (assim, no Tribunal Penal Internacional para Ruanda, localizado em Arusha, Tanzânia, o que emergiu foi a profunda ignorância sobre a língua do outro).⁸⁹ Ela levanta importantes questões teóricas e críticas, na intersecção do pensamento jurídico, da teoria da justiça e da filosofia da tradução. Uma dessas perguntas é: existe igualdade entre as traduções? Essa igualdade é possível? Ela também levanta o problema da responsabilidade da tradução e das injustiças que ela comete, às vezes sem saber. Em sua extraordinária contribuição “*Versöhnung, Ubuntu, pardon, quel genre ?*” [*Versöhnung, Ubuntu, perdão, de que tipo?*], Jacques Derrida apresenta a ideia de que o perdão não pode ser dito e concedido da mesma forma em todas as línguas.⁹⁰

A política de reconciliação nacional de Nelson Mandela, inspirada na teologia *ubuntu* de reconciliação do bispo Desmond Tutu – a ideia de que a humanidade de cada um está ligada à dos outros, implícita na noção zulu e suaíli de *ubuntu* – está profundamente enraizada na linguagem da Igreja Cristã. Assim, sob o pretexto de desfazer a hierarquia entre as línguas, o processo realmente se encontra concedendo considerável privilégio à língua inglesa; da mesma forma, Derrida explica, a tradução de “*ubuntu*” como “justiça reparadora” a leva para o lado da justiça redentora e cristã. “Essas diferentes culturas do perdão (mas podemos chamá-las de “culturas de perdão” sem já confirmar uma certa autoridade semântica de uma sobre a outra?),

⁸⁷ Antjie Krog, *La Douleur des mots* (1998), traduzido do inglês por Georges Lory, Arles, Actes Sud, 2004. [Tradução nossa]

⁸⁸ Antjie Krog, *A Change of Tongue* (Joanesburgo: Random House, 2003), p. 279. [Tradução nossa]

⁸⁹ Stéphanie Maupas, *Juges, Bourreaux, Victimes. Voyage dans les prétoires de la justice internationale*, Paris, Autrement, 2008; e, no plano literário, Yolande Mukagasana, *L’Onu et le Chagrin d’une négresse*. Ruanda/RD-Congo, 20 anos depois, s.l., Aviso, 2014. As línguas de trabalho do Tribunal Penal Internacional eram o inglês e o francês: as violências sofridas ou cometidas eram sempre “traduzidas”, portanto parcialmente deformadas. O tempo excessivo gasto por essas operações de tradução também tornou o processo mais complicado.

⁹⁰ Jacques Derrida, “*Versöhnung, Ubuntu, pardon, quel genre ?*”, em Barbara Cassin, Olivier Ceyla e Joseph Salazar (eds.), *Le Genre humaine*, no. 83, 2004, pp.11-158.

essas diferentes “éticas”, essas diferentes formas de ethos, mesmo antes e visando resolver ou discutir suas diferenças, teriam que se reconciliar umas com as outras, ou até mesmo se perdoar, para tentar, inevitavelmente, impor seu próprio idioma. Para dizer “se perdoar”, privilegiamos um idioma próprio. A imposição do idioma continua sendo um drama inevitável. Não há meta-idioma. Essa ausência é tanto uma sorte quanto um mal. Assim que alguém abre a boca, deve ser perdoado, se me atrevo a dizer no meu idioma, por falar sua própria língua.”⁹¹ Portanto, mesmo ao fazer parte de uma lógica de reparação e de uma reflexão sobre a justiça, a tradução tem grandes dificuldades em sair de sua violência interna, o que a torna um espaço de guerra entre línguas.

Na relação da tradução com a violência histórica, há, portanto, um último vínculo com a própria violência da tradução, que decorre da confiança a ser depositada nesse terceiro que é o tradutor. Em que medida a edição, a escolha dos textos, a forma de traduzir influenciam na interpretação? Em seu livro sobre testemunhos de carrascos, Anneleen Spiessens traz o exemplo de uma fala que exige que tradutores e intermediários coloquem em prática um verdadeiro dispositivo crítico, o que nem sempre é feito.⁹² Essa fala excessivamente restringida é a de criminosos que são chamados a testemunhar em julgamentos internacionais ou nos tribunais populares mencionados acima. Os relatórios de audiências em tribunais internacionais de justiça ou em audiências de migrantes, na maioria das vezes, apresentam as traduções como transparentes. Com isso, a relação potencialmente conflituosa entre tradutor e enunciador, as marcas (às vezes orais e não-verbais) de constrangimento ou negação, bem como a subjetividade do tradutor, que pode ter uma relação pessoal com a pessoa que ele ou ela está traduzindo (como visto em *Une saison de machettes* de Jean Hatzfeld⁹³) são eliminados. Situações como essas exigem um sistema que revele a complexidade dos elos da fala e que envolva a meta-reflexão sobre o que é a tradução nesses contextos. É sob essa condição que uma eventual reparação pode surgir a partir da transmissão do testemunho.

⁹¹ *Ibidem*, pp.137-138. [Tradução nossa].

⁹² Anneleen Spiessens, *Quand le bourreau prend la parole. Témoignage et fiction*, Genebra, Droz, 2016, p. 320.

⁹³ Jean Hatzfeld, *Une saison de machettes*, Paris, Seuil, 2003.